

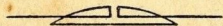
Onofre de Andrade

**SECRETARIO-FUNDADOR DA SOCIEDADE DE
GEOGRAPHIA DAS ALAGÔAS**

AMAZONIA

**ESBOÇO HISTORICO,
GEOGRAPHIA PHYSICA,
GEOGRAPHIA HUMANA
E ETHNOGRAPHIA DO**

RIO JURUÁ



**Off. Graph. da CASA RAMALHO
Maceió - 1937**

A' memória de minha Mãe

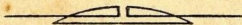
Onofre de Andrade

**SECRETARIO-FUNDADOR DA SOCIEDADE DE
GEOGRAPHIA DAS ALAGOAS**

AMAZONIA

**ESBOÇO HISTORICO,
GEOGRAPHIA PHYSICA,
GEOGRAPHIA HUMANA
E ETHNOGRAPHIA DO**

RIO JURUÁ



Off. Graph. da CASA RAMALHO
Maceió - 1937

A' memória de minha Mãe

A' memória de minha Mãe

A' memória de minha Mãe

ESBOÇO HISTÓRICO DO RIO JURUÁ

SUMMARIO—A expedição de Orsúa: sua attribuida penetração pelo rio Jutahy.—Frei Santa Theresa cria a versão dos índios de cauda, como de índios anões e índios gigantes.—Ega (Teffé), sede da administração do rio Juruá.—Pelle malhada ou falsa lépra (purú-purú) das tribus.—O Barão de Mauá e a navegação amazônica: primeiro navio a vapor que atravessou a foz do extenso afluente.—Romão José de Oliveira e a expedição official de Cunha Corrêa.—Esforço de reconstituição das tribus juruaenses.—Excursão scientifica de Von Spix: levantamento do vocabulario dos catuquinas.—Excursão de Chandless, explorador inglês: sua descripção geographica e dos índios.—Antonio Pereira de Salles, um dos primeiros exploradores de seringas.—Fascinação de Tavares Bastos pelo Juruá.—Penetração de Charles Brown—Primeiras lévas de imigrantes cearenses—Noticias de braços gürupáenses e cametoáras—Divisão em Alto e Baixo Juruá—Libertação dos escravos em 1884—Surtos de variola—Peruanos na região—Ricos seringalistas dão terras para a fundação de S. Felipe (hoje João Pessoa) e Cidade-Seabra—A excursão naturalistica de Von Garbe: suas famosas pesquisas nos seringas Djeddah e Matupiry e em S. Felipe—Capitulação, em 1904, das forças peruanas—Excursão brasileiro-peruana (1904-1906), para fixação das nascentes do Juruá e solução da questão de limites: relevante papel do general Bellarmino de Mendonça—O Juruá, o mais extenso afluente da rio Amazonas:—O territorio litigioso do Juruá é desmembrado do Amazonas, para fazer parte do Territorio Federal do Acre—Tempos de esplendor do extenso rio: companhias locais de navegação e barracões-bungalows—S. Felipe, 2º municipio exportador de borracha do Estado—Surgimento de villas e cidades.—Triste decadencia da região—Surgem a agricultura, a pesca, a exportação de couros e a industria madeireira.—Renascimento economico da borracha,

A' memória de minha Mãe

Será, pois, o Yuruá o "Mano" tão celebrado, o Amaru-Mayu, o rio-serpente, o Madre de Dios, em summa?"

Tavares Bastos (*O Valle do Amazonas*, 1866).

Eis um rio revelado ao mundo pela fama de suas plantas medicinaes.

O Juruá contará, porém, cerca de 70 annos de historia, se remontarmos apenas a seu povoamento, obedecendo a finalidades economicas. A historia de sua civilização nasce, em rigor, com a procura do "caucho" e de outras especies de borracha.

Primeiro, seria penetrado o Madeira e, depois, o Purús e o Juruá (quanto aos tributarios meridionaes do Amazonas).

O desenvolvimento do sul do Estado assignalaria a decadencia do norte.

Cumpre, no entanto, registrar todos os factos que se prendem ao antigo Juruá, com o seu feitio de população indigena.

Nasce o rio por entre historias de viva curiosidade, ou por entre lendas.

Qual a primeira figura civilizada que penetra o extenso affluente? Teria sido visitado a começar da embocadura, ou cortado na transversal de outras correntes?

A mais remota versão é a de 1560: Pedro de Orsúa, acompanhado de sua esposa, D. Ignês, que

se fez celebrada por sua rara belleza, teria attingido o Juruá, depois de palmilhar, á frente duma expedição numerosa, terras do Jutahy.

Orsúa seria o enviado do Marquez de Castanete, vice-rei do Perú, afim de levantar o reconhecimento da lendaria cidade de El-Dorado.

A formosura de Ignês perde a Orsúa: roubam-lhe vida, consorte e a chefia da expedição, nos recessos da matta virgem do rio recém-desvendado.

Todavia, a critica demoliu o alcançamento do Juruá: mediaria o Ipixuna, não citado, entre aquelle e o Jutahy; estaria mais acima o Javary e, por ultimo, considerado o inicio do roteiro, ter-se-ia de encontrar o importante Ucayale. (1)

Em 1709, segundo breve assertiva encontrada, (2) existira, alli, uma aldeia dos Jurimauas ou Jurimaguas, afamados por suas victorias e tidos como os mais valentes do Amazonas.

Entre 1737 e 1739, o sertanista Pedro Teixeira (3) entrara em contacto com os curicicuris ou curacicuris, apreciados por seus trabalhos de ceramica, no trecho de Teffé ao mesmo Juruá, adiantando a versão que o explorador lhes comprara "barras de ouro".

Dá a prehistorica um grande salto para a referencia sensacional de 1768.

Antes de Darwin, frei José de Santa Theresa Ribeiro, carmelita, affirmava ao vigario José Monteiro de Noronha (4) que existiam, alli, indios anões, á moda dos esquimós, cuja estatura era de 5 palmos, e uma tribu cujos habitantes eram dotados de cauda, como os simios...

(1) — Wilkens, através de Bellarmino Mendonça

(2) — Apud Bellarmino

(3) — idem

(4) — Vêr o seu "Roteiro"

O vigário ficara estupefacto, resolvendo exigir de frei José (1) que dissésse aquellas cousas "por escripto", e com todas as regras dum juramento catholico, apostolico, romano. Pois bem. O bom d. frei José, o amigo dos selvagens, consolidou o juramento, com "penna de pato" da época, os nomes sagrados e a responsabilidade de sua authentica assignatura.

Gonçalves Dias, (2) em 1867, assim registou a fabulosa referencia: "Taes eram os Goyazes ou **anões**, os indios da nação "Cuaná", habitantes do rio Juruá, que não passam de 5 palmos de altura, e os "Curiqueans" ou **gigantes**, os da nação "Ugina", com rabo de 3 a 4 palmos, do que davam testemunho, no tempo do ouvidor Sampaio, os indios do Juruá e resta a certidão jurada do padre carmelita frei José de Santa-Theresa Ribeiro, que o mesmo Sampaio diz ter conhecido".

O Tempo correu e a famosa narrativa custou a desvanecer-se. E, destarte, lê-se no livro "As regiões amazonicas", do Barão de Marajó, editado em 1895, a localização de taes indios no affluente Tarauacá, chamando-se "Cananás" os indios anões e "Coatátapuias" ou "Uginas" os de "appendice caudal". Segundo o Barão, tambem Castelnau repetira o mesmo, em zona visinha da do Juruá (Fonte Boa), arguindo que se devia o phenomeno ao cruzamento de indias com simios "coatás" (dahi o nome — coatá+tapuia). A anedocta refêre que fôra baldado o esforço do estrangeiro de comprar a uma india certo "coatá", crescido, que lhe fazia companhia. Intrigado com a recusa, di-

(1) — o qual prestou relevantes serviços á catechése

(2) — Apud Ihering

ante do preço compensador offerecido, explicou-lhe, a rir gostosamente, uma outra india: — "Não teime que ella não vende... Como iria vender o seu marido?"

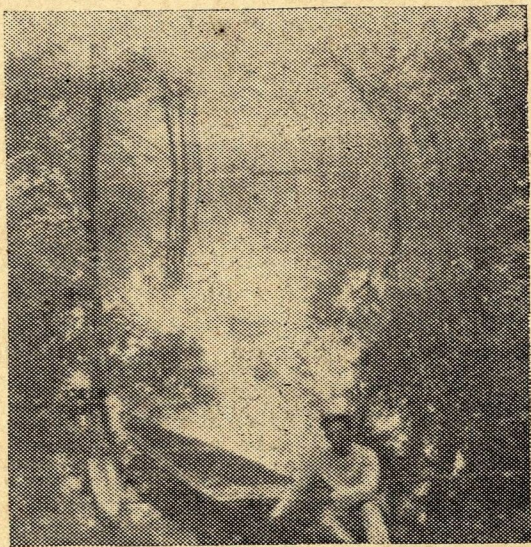
O peor é que, no corrente anno de 1936, o Autor, em sua recente excursão, haveria de encontrar sobre-vivente a memoria dessas primitivas referencias.

Assim, o acreano Manuel Sebastião da Rocha, interprete de canamarys e outros indios, entre os quaes foi creação desde os 8 annos, assevéra ter encontrado, entre elles, ainda a tradição parcial, admittindo a existencia de indios anões, de côr preta, valentes e que moram debaixo do chão, em "ló-cas"...

E, de novo, vencida pela improcedencia de historias dum tragico romanesco, ou de lendas, dignas dum capitulo de teratologia, mergulha a importante zona no silencio e no mysterio.

Embora com reservas, consignamos aqui a seguinte referencia de Ruy Barbosa, contida em "O Direito do Amazonas ao Acre Septentrional", vol. II, no capitulo de estudo de historia e geographia: "Em 1813, o indio Joaquim Tinoco, morador de Ega, rio **Juruá** (?), foi á agarração de gentios com os seus familiares, e, logo depois de passar a "barra", encontrou-se com alguns da nação "Marauá", que desciam dos centros á praia do Araçatua a trabalhar para os brancos na excavação dos ovos de tartaruga e fabricação de manteigas, a troco de ferramenta, como costumam: foram logo presos em troncos de campanha e trazidos a Ega como seus escravos".

É certo que a zona do Juruá, desconhecida oficialmente em seu maior percurso, dependia de Ega (Teffé), administrativamente.



**O Autor, penetrando um "igapó" juruaense
(Seringal Tres-Unidos)**

De outro lado, porém (admira fosse e continue a ser tão desconhecida a Amazonia), não é menos certo que Ega não está localizada na zona do Juruá: é trecho compreendido pelos rios Teffé e Solimões.

Pode-se, no entanto, admittir que o citado indio civilizado, que recebera o nome de "Joaquim Tinoco", descesse á zona do Juruá propriamente dito, muito proxima, por qualquer dos igarapés que vão desa-

guar no Meneruá, cujas aguas estão, na sua foz, a 2 milhas acima da "barra" do Juruá.

Os Marauás, citados, habitam, de facto, o rio em estudo, conforme se verifica nas preciosas "Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro", do Conego André Fernandes de Sousa, datadas de 1848 e offerecidas ao Imperador: "A maior parte dos indios habitadores deste rio, excepto a nação "Marauá", tem o couro ou pelle do corpo pintada com escamas, a que chamam empingem; uns, malhados de branco e outros de preto. Uns affirmam proceder isto das comidas, outros das bebidas das aguas.

Apesar de serem os gentios do Juruá fortes e bellicosos, são mui amigos dos homens brancos e de tudo que lhes diz respeito."

Leremos no "Roteiro da Viagem (1) feita, em 1852, por Serafim da Silva Salgado, partindo da Cidade da Barra (2) até onde é navegavel o Purús", que a expedição se encontrara com os indios "Cucamas", alvos, agricultores, usando "ponche", ciuimentos dos civilizados, a deduzir do facto de nunca lhes apparecerem senão "mulheres velhas" da tribu, os quaes soffriam guerra commum dos Apurinás e Oainimarys, anthrophopagos: pareceram-lhe procedentes da Bolivia, declarando-lhe, outrosim, os nomes de pessoas civilizadas **que tinham visto nas cabeceiras do Juruá**".

Eram, mui possivelmente, os "brancos" á procura de drogas, pois que o grande rio de curso peruano e brasileiro attraira os bandeirantes pela fama de suas plantas medicinaes, inclusive da salsaparrilha.

(1) — Archivo do Amazonas, vol. 2, nº 7, de 23—10—1807

(2) — Nome que tinha antes, a capital amazonense

Não ha duvida que a canôa penetraria alli, pouco a pouco, até chegar á consideravel altura do rio Tarauacá, permutando quinquilharias com o carregamento de folhas, raizes e plantas de admiraveis efeitos curativos.

Muitos remedios caseiros, ainda hoje em uso na região, foram apprendidos tradicionalmente dos proprios selvagens, que constituem, sem favor, a nota de mais relevo nos dominios da chamada medicina empirica ou popular.

As noticias geraes se firmaram no sentido de serem, em geral, as tribus juruáenses valentes, podem bem predispostas para com os civilizados, de vez que os não atacassem.

Por vezes, encontram-se escriptores louvando a sua fortaleza physica, ou a sua belleza: nos nossos dias, indias de alguns aldeamentos são referidas como typos de formosura, pelos habitantes desses trechos, inclusive de alguns homens dados ás letras.

É de notar, porem, que os mercadores de drogas não nutriam a minima idéa de "fixação" ao solo: não se inauguraria com elles o povoamento, ou a exploração de actividades mais fecundas em ordem economica.

Irineu Evangelista de Sousa, ao tempo Barão de Mauá, fundara, em 1853, a Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas: já em 1855, o "Monarcha" inauguraria a escala da Cidade da Barra (Manáos) até o Perú, passando em seu percurso, descripto por um secretario de Estado da epoca, pela foz do Juruá, embora sem penetrá-lo. Desse relatorio (1) colhem-se as seguintes versões, sobre a grande cau-

(1) — Relatorio de Bellarmino

dal tributaria, em resumo: eram indios existentes os Marauás, Canamarys, Nauas, Conivos, Catuquinas e Catauixis; subindo-se, encontrar-se-ia o Parauacú (que deve sêr o Tarauacá), com 40 dias de percurso de canôa pequena, donde é possível passar, na cheia, para o Purús; o rio é rico de praias, onde se apanham tarugas, de cujos ovos se fabrica manteiga; é abundante de peixes; suas mattas contêm castanha (hoje encontrada em estado nativo, só na ilha de Meneruá), salsa, óleo de copahyba, breu e fabricação de gomma elastica".

Nesta altura, não havia ainda povoamento systematico, que seria determinado, depois, pelo êxodo dos flagellados das seccas, com vantagem de já existir, na Amazonia, a navegação a vapor, á qual acabamos de alludir.

Parece que Romão José de Oliveira conhecia o trecho final da foz ao conjuncto da ilha de Meneruá, pois cogitaram de confiar-lhe uma penetração maior. Todavia, sabe-se de positivo que a incumbencia, haveria de sêr desempenhada por João da Cunha Corrêa, (1) outro inesquecivel sertanista, o futuro companheiro de Chandless, que lhe faz claras referencias.

Com o auxilio de 600\$000, do governo, teria penetrado até o Juruá-mirim em 1857, ou seja, em longinquo territorio, hoje acreano, em feliz intercambio com os selvagens, cujo natural pacifico teria accentuado.

Cunha Corrêa, paraense, do municipio de Cametá, passará á historia como um dos primeiros penetradores, a serviço official, de extenso trecho do importante rio.

(2) — Ver "A Cidade de Manáos", de Bertino de Miranda, e "Cametá", de Arthur Cesar Reis

lativamente modesta de Cunha Corrêa, a circumstancia accetavel da identidade de nomes geographicos e de tribus, actuaes em determinados trechos: mene-ruá, berêo (denominações de duas ilhas e paranás, onde dominariam), andirá, arapary, popunhas, chuê, etc., — denominações de rios ou lagos onde teriam sua fixação. De passagem, vale frisar a cautela com as listas exaggeradas de taes aggrupamentos indigenas. Sensata é, sem duvida, a affirmativa de Bellarmino de Mendonça de que "as chronicas attribuem ao Juruá, desde 1709 até nossos dias, 49 tribus com 98 denominações, a maior parte das quaes espalhadas em outros rios, apoiando-se na versão de "Le Pays des Amazones", de Sant'Anna Nery, a saber: achouaris, apenaris, araicás, araicús, araycús, uaraycús, araruás, alaruás, aráruas, aráós, aróas, araus, arauaris, arunás, aryrás, baibirís, bauaris, bugés, buibaguás, cambébas, campévas, omagúas, homaguás, umaúas, umaúas, canamaris, canamarés, catauixis, cathauyxys, catuquinas, catoquinas, catuqueiras, cauánas, cauánas, coinas, coenánas, cabeuánas, cauaxis, chibarás, chivaros, chiriibas, colinos, colinas, curinas, corínas, curicicuris, curucicuris, curiciraris, curiuáas, dachiuarás, gemiás, guibanás, huiranás, hurunás, iagoanais, jerimans, jumas, iúmas, jurimaguas, jurimaúas, maliás, manaterys, manatenerys, mapiánas, maranás, marauás, maruás, marunás, mariruás, marunacús, muennes, paguanás, paganas, paipunas, paipomas, paraús, pamacaás, puplepás, saindayuuis, saguyndajuquis, sotaás, sutaás, sotaans, toquedas, uacarús, uacarauás, uginos, uginas, ujanos, coatátapiiyas, coatapuyos, urubús e yochinaúas.

Não é necessaria grande argucia para descobrir, as mais das vezes, a diversificação de nomes sem razão de sêr, pela mudança de "y" por "i", ou de uma outra qualquer letra, etc.: catuquinas e catuqueiras, para a forma correspondente verdadeira ou vencedora de "catuquinas"; canamarys ou canamaris, ao sabor da graphia que se adopte; coatá-tapuia, escripta preferivel a "coatátapiiyas", e assim por diante.

A verdade é que, Juruá adentro, com seus affluentes, inclusive, não citaremos, na actualidade, as 49 tribus, — redução da metade da nomenclatura que se viéra a conhecer.

Em 1848 e 1858, conforme vimos, já não havia materiaes tão consideraveis, segundo as revelações de Cunha Corrêa e do minucioso monographista da "Capitania do Rio Negro".

Em 1861, approximadamente, Von Spix sobe a corrente, após ter pasmado logo á sua foz, na identificação duma ave de rapina negra, que jamais encontraria em quaesquer trechos da Amazonia, ou do planeta.

De sua excursão, colhe a ethnographia juruáense, ainda por systematizar-se, o precioso manancial do vocabulario dos "catuquinas", que, mais tarde, Constantino Tastevin, padre francês, da Congregação do Espirito Santo, classificaria como os mesmos "canamarys". Collectores de plantas medicinaes, compradores de manteiga de tartaruga, sertanistas, aldeiaadores de indios, missionarios e scientistas, levantaram o véu de estudos, que o machado e o rifle dos penetradores da borracha haveriam de interromper.

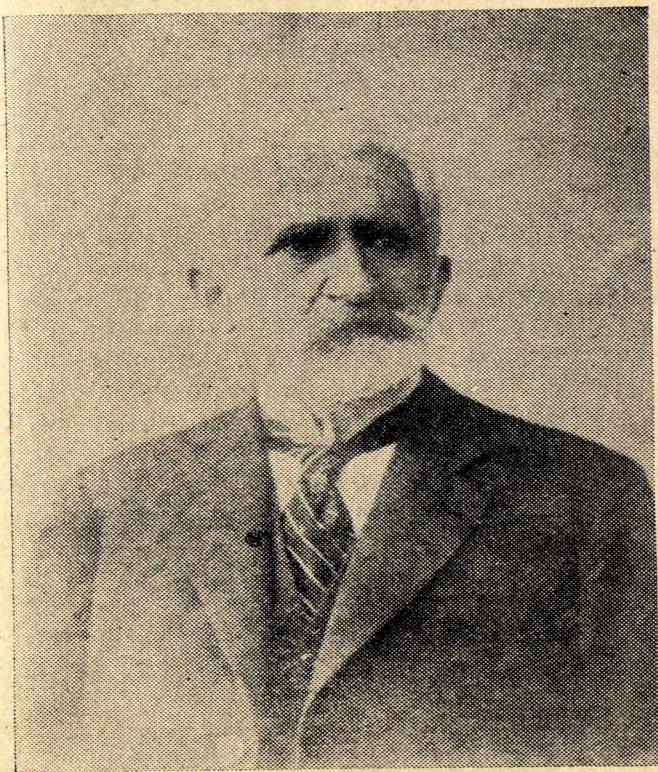
Mais ou menos em 1866, quasi um decennio depois, não são avultadas as referencias de Chandless, guiado pelo mesmo Corrêa.

O explorador inglês calcula ter attingido 980 milhas de curso e, embora com alguns enganos, traça uma descripção physica geral do rio, mais sinuoso que o Purús, ventila versões de communicação das duas bacias, frisa a existencia de alguns afluentes de importancia, como o Chiruan, o Bauana Branca, o Tarauacá (o Envira, discutido como tributario do anterior) e até o rio Mú e o Gregorio. Encontra-se com collectores de drogas. E que diz dos indios, dos quaes só não colheu recordações melhores em relação aos "Nauas", que usavam escudos do resistente couro de anta, guerrilheiros, temidos das outras tribus e dos brancos aventureiros, fazendo o inglês deter o passo ao apparecimento das primeiras settas cravadas ao chão?

Acha pequena a população indigena, pelo menos a encontrada com moradia nas margens: vê maraúbas, mostrando muitos não ser "indios puros", nos paranás de Meneruá, Berêo, Tucuman, igarapé Caá-piranga, revelando intercambio com Teffé e Fontê Bôa; cadanaxi no igarapé Jaraqui, dados á ceramica; aranas no Chiué (talvez Chué), exploradores de drogas, desconhecendo varios delles a lingua geral e falando giria parecida ao dialecto dos Pauninary, do Purús; os culinos, do centro das mattas, que surgem á margem para a apanha de ovos de tartaruga; Jamamadys ou Iamamadys, que admite como Culinos; Conibos, a seu ver chamados erradamente Cucamas por Serafim Salgado, ao excursionar pelo Purús; pirá tapuias, que não se faziam entender dos conibos, sig.

nal de differença de idioma e de origem, portanto; catuquinas; Muxurana, de beigo inferior furado, e Nauas.

Elogia a belleza dalgumas tribus. Deste topico por diante, não encontraremos referencias sobre os



Ernesto Von Garbe, naturalista allemão, a quem deve o Museu Paulista sua famosa colleção de animaes, aves e insectos do rio Juruá

indigenas, a não ser nos estudos recentes de Tastevin, particularmente applicados ao Juruá superior.

Entre 1865 e 1870, segundo versões uniformes, que colhemos, Antonio Pereira de Salles (nome commercialmente adoptado como de Antonio Geraldo da Silva Sobrinho) se associara, em explorações de seringaes, a seu tio Antonio Geraldo da Silva, que já chegara alli anteriormente. Exploraram muitos seringaes de primeira mão, desde o Baixo Juruá ao Gregorio. Os primeiros foram o "Caiuá" e "Deixa Falar". Viviam nesse trecho os indios Apurinãs.

Tavares Bastos se sentiria, no mesmo anno de 1866, ao traçar as paginas reveladoras de "O Valle do Amazonas", irresistivelmente fascinado pela tradição das bellezas naturaes do grande rio, objecto deste estudo, e pela formosura de suas tribus, affirmando que "é o que mais prende a attenção" e fazendo convergir para o mesmo o de mais seductor nas lendas amazonicas: "Será, pois, o Yuruá o "Mano" tão celebrado, o Amaru-Mayu, o rio-serpente, o Madre de Dios, em summa?"

Em 1873, approva o governo a tabella da linha de vapores para o Juruá (Companhia Fluvial).

Charles Brown avanta-se em excursões, em 1874, á frente duma commissão de engenheiros inglezes.

Em 1877, ha noticias de geral fixação de cearenses no Amazonas, inclusive na região, e no mesmo anno é creado o districto do Juruá, comprehendendo todo o rio de igual nome.

O primeiro cobrador da Alfandega é nomeado em 1879, indice de regular actividade economica.

Divide-se, em 1880, em Baixo e Alto Juruá.

João Severiano da Fonseca, apreciado publicista, em sua "Viagens ao redor do Brasil", edição de 1881, ainda o desconhece e delle assevéra que "é rio pouco conhecido".

A libertação dos escravos, no Brasil, teve como seus precursores o Amazonas e o Ceará: na historia juruaense, surgem os effeitos dessa adiantada acção social do presidente Theodureto Carlos de Faria, que, pelo Acto 242, de 5 de junho de 1884, designou um cidadão para promover a libertação de escravos no Alto Juruá.

Em 1885, verifica-se um surto de variola, possivelmente o primeiro de conhecimento historico, tendo o Presidente Clementino José Pereira Guimarães ordenado a ida dum funcionario para distribuir vacinas e prestar assistencia aos variolosos alli existentes.

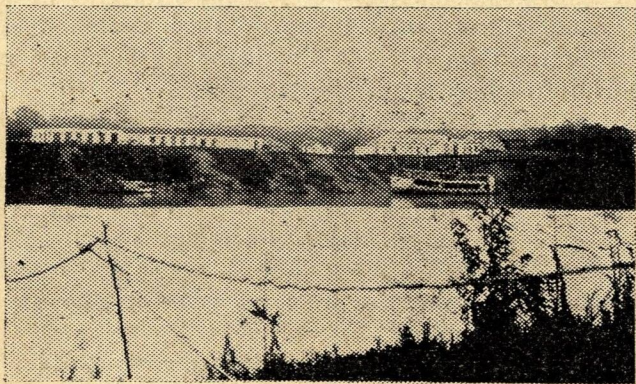
Augmenta sempre o interesse pela divisão e demarcação de terras.

Em 1888, parece ter resurgido a variola, de vez que o então Presidente Amancio de Miranda nomeia vaccinadores (inclusive para o Purús e o Madeira).

Em 1889, o chefe de policia do Estado visita, comissionado, a região; nesse mesmo anno, peruanos desceram o Juruá e seus affluentes, aos quaes se attribuiam direitos, interpellando, então, o governo do Estado a Superintendencia de S. Felipe sobre a realidade do alarmante facto, e tendo obtido, em resposta, pedido de providencias contra a invasão registrada.

Vê-se, pois, que, nesta altura, já existia a villa (hoje cidade) de S. Felipe, que, em 1930, teria seu nome mudado para o de João Pessôa.

Esta se localiza á margem esquerda, na propriedade "Eirú", do sr. Manuel Felipe da Cunha, a qual se estende, ao tempo, por ambas as margens: reserva-se o seringal, isto do lado opposto, para a extracção de borracha e, no firme, levanta o "barracão", planta cannaviaes e monta engenhoca e alambique, para a fabricacção de seus productos. Seguem-



Realçante terra firme, onde se edificou a villa de S. Felipe, hoje cidade de João Pessoa

se logo construcções de barracas, elegantes, revestidas de telha, e seu desenvolvimento chega ao ponto de merecer a categoria de villa.

Faz, opportunamente, a doacção.

Trata-se duma terra firme, de vista realçante, tanto mais bem situada quanto se acha pouco acima do importante Tarauacá, servindo, assim, de ponto de convergencia de habitantes de duas caudae.

Seu nome é derivado do de seu doador, attendido na condição de estender-se o mesmo ao santo, seu homonymo.

S. Felipe chega a occupar o 2.º lugar no Estado, como exportador de borracha, pelo facto de enfeixar, em seu sector administrativo, tambem todo o Alto Juruá e seus affluentes.

Segundo referencia de Alberto Masô, Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá, funda-se em 1895. E', assim, em ordem chronologica, a primeira cidade juruáense.

Entre 1901 e 1903, Ernesto Garbe, naturalista allemão, visita a villa de S. Felipe, em objecto de estudos, voltados depois para os seringaes Djeddah e Matupiry.

Em 1904, Ihering publica sobre a região curiosa monographia, sobretudo no ponto de vista ornithologico, com fundamento nas referencias e collecções do mesmo Garbe.

Entre 1904 (1) e 1906, o Juruá vai ter reveladas suas nascentes, no Perú, por uma commissão mixta brasileo-peruana: representa-nos o general Bellarmino de Mendonça, que publica excellente relatorio sobre a memoravel excursão.

Dahi resulta que o Brasil passará a dividir-se da republica vizinha pelo rio Breu, e só então, após o seu levantamento scientifico e de character official, será considerado o mais extenso affluente do Rio-Mar.

Com a constituição do Territorio do Acre, as partes superiores do Purús e do Juruá são desannexadas do Amazonas e formam os Departamentos de iguaes nomes.

A sciencia descerra a sua importante cortina: o rio já interéssa, evidentemente, á geographia economica e á civilização.

(1) — Segundo Fran Paxeco, só a 6 de Novembro de 1904 capitularam as forças peruanas, que vinham desenvolvendo combates no Juruá.

O Juruá é citado nas estatísticas, por fim, como rio de produção das mais apreciáveis, quanto á borracha: os proprios autores estrangeiros lhe declinam o nome e o volume das exportações, successivamente augmentadas.

Sua navegação a vapor tem, primitivamente, por escala terminal o seringal Marary. Um velho pratico, de carreira iniciada atravez do rio, ha 45 annos (1891), ainda encontra aquelle itinerario, referido por Olavo Freire, por exemplo: dahi por diante é, naquella época, o percurso feito de canôa.

Os "gaiolas" desse estylo antigo são ainda illuminados a carbureto: estão longe do fausto que atravessariam um dia.

Notam todos os antigos habitantes que, mercê do povoamento gradativo e dos naturaes cuidados de hygiene, ou de outras causas, vem diminuindo sensivelmente, por exemplo, a incrível quantidade de mosquitos daquelles tempos, os diurnos "piuns", de-véras incommodos e já mencionados na obra de Saint-Adolphe (1845).

A prosperidade chega a sêr tal que proprietarios de seringaes mandam construir navios na Inglaterra para fornecimento de mercadorias aos fregueses da extensa zona, acceitando passageiros e cargas: gêrem, então, por veses os negocios e os vapores de seu proprio seringal juruáense, séde daquella fabulosa irradiação de riqueza.

Os "barracões", — verdadeiros "bungalows" de madeira de lei, cobertos de boas telhas, dotados de janellas téladas, — sempre hospitaleiros, ostentam o maximo conforto, que, naquellas alturas, se obtem a peso de ouro.

As firmas, exploradoras da navegação, com sede no proprio rio, cujos nomes chegaram ao nosso conhecimento, foram as seguintes: Hermelindo Contreiras — proprietario dos seringaes Marary, Santa Clara, Bomfim. S. Romão, S. Sebastião e Itabaiana, que possuiu o gaiola "Contreiras", que bateu, segundo geral conceito, o "record" do conforto, possuindo até pharmacia e deliciando os passageiros com uma orchestra...

João Bussons, proprietario do seringal Valparaíso e outros, deu á navegação o "Valparaíso", um dos maiores navios que por alli cursaram.

João Martins de Oliveira, proprietario dos seringaes Bôa Fé e Ipixuna, possuiu o "Rio Juruá" e o "Marcilio Dias".

E nos affluentes vários?

Pedro Virgolino Freire, proprietario do seringal "Foz do Jaminauá", no Tarauacá Federal, navegava com o "Jaminauá".

No Envira, Antonio de Tavares Coutinho, dono do seringal "Foz do Jurupary", movia tres gaiolas: Jurupary, Tuchaua e Tejo.

Independentemente da idéa de domicilio no proprio Juruá, muitos foram os vapores que fizeram escala pelo rio afortunado, que penumbrara tantos outros da Amazonia.

Assim, o sr. Anisio de Carvalho Palhano, encarregado dos Negocios da Industria do Amazonas, já assignalava, em seu relatorio de 1898, a prosperidade da região nos seguintes termos: "Linha do Juruá" — Como a do Madeira, é esta trafegada por muitos vapores, **estando em condições de dispensar o auxilio do governo.** Concedida a I. C. Velloso & Cia.,

foi lavrado contracto em 3 de outubro de 1895, sendo transferida a S. Berneaud & Cia., em 2 de junho de 1897. Subsistindo para esta linha as considerações feitas para o Madeira, foi, em 31 de dezembro, rescindido o contracto na parte relativa, pagando o Estado a multa correspondente a um anno de subvenção, na importancia de 96:000\$000, dos quaes foi o contractante embolsado logo de 30:000\$000 e a quantia restante em prestações de 8:000\$000, **deixando o Estado de despendar 272:000\$000 com o resto do pagamento da subvenção.**

Foram transportados por esta via de fevereiro a outubro 195.222 kilogrammas de borracha, 10.945 kilogrammas de peixe secco e 824 de cacau. Transitaram cerca de 615 passageiros, sendo 181 de 1.^a classe e 434 de 2.^a classe".

Vale como quadro demonstrativo de ha 38 annos.

Mello & Cia., firma depois succedida por Nicolaus & Cia. rasgaram o grande curso com o Môa, o Mondogo, o Costeira, o Envira, o Amonea, o Barão de Cametá e outros...

Ainda foram firmas estranhas que lançaram suas ancoras no grande affluente do Amazonas: B. A. Antunes, Armindo R. da Fonseca, Caetano Monteiro & Cia., Martins, Ribas & Cia. e outros.

A Amazon River ainda hoje, como Nicolaus & Cia., pelo seu gerente sr. Quirino Nobre, com o "Amonea" e a "Loreto", o sr. Themistocles Lobão, com o navio de igual nome, e "O Amazonense", do sr. Corrêa, mantêm o "fogo sagrado" daquella navegação, que, antigamente, se affirmara tão esplendorosa...

* * *

E o progresso se estendeu. Surgiu Carauary, no

baixo Juruá, que dista, contra a correnteza, alguns dias de S. Felipe.

E, além do Cruzeiro, á margem esquerda, despontou Villa Humaytá.

O Tarauacá, rei dos afluentes, fundaria Villa-Seabra, hoje Cidade Seabra. Era, alli, o antigo seringal "Novo Destino", do sr. Victorino de Meneses, cearense. E assim como Manuel Felipe da Cunha doara os firmes de sua propriedade para fundar-se "S. Felipe", Victorino, generoso e numa attitude de civismo, presenteara os filhos do Tarauacá com o territorio de sua futura capital...

Posição excepcional, que o faria emporio de commercio, por se achar á margem esquerda daquelle afluente e tendo defronte a foz do Murú. Data a doação de 1906. Em 1913, erigir-se-ia em séde dum novo Departamento, o do Alto Tarauacá.

Pena é que, nas cheias somente, seja accessivel aos navios.

Á foz do Amonéa, chegaria a vez de surgir Villa Thaumaturgo, nome com que se homenageara o general Thaumaturgo de Azevedo, o incansavel demarcador das terras, hoje pertencentes ao Acre, que, pela imprensa e pelo livro, e como membro duma comissão de limites, venceria uma chancellaria no seu proposito de entrega-las ao Perú e á Bolivia, até ás guerrilhas dos seringueiros e ao despertamento do interesse do proprio Barão do Rio Branco.

Hoje, ha electricidade, radiotelegraphia, justiça, grupos escolares, toda a elementar engrenagem do conforto em varios desses longinquos pontos.

1913 assignala o inicio duma longa decadencia para o Amazonas.

O Juruá, cuidando da industria extractiva da borracha e despresando a agricultura, a ponto de importar viveres, se resentiria profundamente desse quadro de crise geral.

Houve a illusão do consumo da Allemanha. A Grande Guerra, iniciada em 1914, logo a bloquearia: isso implicara a propria "boycottage" do grande producto.

Falliram numerosas firmas. Hypothecaram-se ainda seringaes. Nicolaus & Cia., firma de portuguezes, possuem, em verdade, no Acre, mais terras do que a velha Lusitania.

Diminue, dia a dia, a navegação Limitam-se creditos e fornecimentos de mercadorias. Vão desapparecendo florescentes portos de lenha, que fizéram, outrora, 60, 80 e 100:000\$000 de fornecimento annual desses combustiveis aos navios.

Os nordestinos, sem lucro possivel na applicação de sua actividade, clamam para o governo federal: este fornece, de 3.^a classe, um grande numero de passagens para as terras do nordeste, onde está valorizada a cêra de carnaúba e onde o algodão e o assucar vão crear outros esplendores...

Manãos e Belem paralysam.

O Recife e Fortaleza põem-se á frente da renovação do nordeste, na alta dos preços.

Os que não podem seguir na promiscua, inclassificavel 3.^a classe dos gaiolas, descem em balsas, em canôas, em simples "ubás", á moda primitiva dos indios.

Ficam os proprietarios. Conservam-se alli, tambem, os filhos da terra, impossibilitados de voltar aos

curros gymnasiaes, ou ás escolas superiores das grandes capitães brasileiras.

Em 1918, quando se processava já a decadencia, as propriedades marginaes ainda offereciam, por esforço de conservação, agradável aspecto á passagem dos navios já escassos.

Viramos, assim, naquella epoca, com os seus charlês elegantes, mas de soalho á flôr da agua, á moda de Veneza, as propriedades do millionario Contreiras. Dir-se-ia que, ironicamente, a propria natureza levaria, ao tempo, o contingente de outras ruínas: as "terras cahidas", que se vinham lentamente processando, á margem de S. Felipe, arrastariam, afinal, comsigo, uma rua inteira da cidade, alli parallelamente disposta.

Cruzeiro do Sul, de formoso nome, proverbial por seu estado sanitario, num rio geralmente saudavel, passaria a conhecer, embora em caracter periodico, as febres palustres...

A immensa região não conheceu o soccorro dos responsaveis pelo Brasil.

Fez-se agricultora, madeireira, exploradora de pelles para poder sobreviver á propria crise.

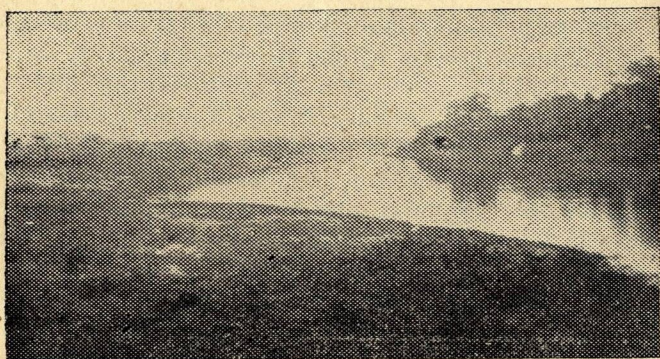
Vimos, no corrente anno de 1936, que haviam desaparecido mais de 40 barracões.

O "barracão" é, no seringal, o mesmo que a "casa grande" nos "banguês".

Em seu logar, a ruína, a herva, o "capoeirão".

O Amazonas precisa de "braços": servirão até mesmo os "japoneses"! é o ultimo argumento duma gente levada ao desespero...

Por fim, ha uma esperanza no rio mais tortuoso do mundo e das maravilhosas plantas medicinaes. A péste dizima os seringaes de Ceylão. No paiz, acclimataram-se as fabricas de artefactos de borracha, nucleos consumidores normaes. A Allemanha quer comprar 100.000 contos de gomma elastica ao Brasil.



Rio Juruá, ao passar pelo seringal Tres-Unidos (proximo do rio Tarauacá). Tem, alli, 300 metros de largura, no verão. As margens que se defrontam são de varzea e terra firme (a do lado opposto)

Entre o Môa e o Juruá-Mirim, já ha alguns mezes pesquisa o solo uma commissão de engenheiros patricios, attrahidos pelos indicios da existencia de petroleo.

Os navios voltam a penetrar. Já reclamam contra a existencia de poucos portos de lenha. Compram o café e a farinha juruáenses, fornecem mercadorias e transportam, de novo, borracha... o oiro negro... Possantes rebocadores conduzem madeiras de lei, para consumo da America...

As asas do primeiro avião elévam-se sobre o mundo verde das florestas.

O Juruá promette renascer!

GEOGRAPHIA PHYSICA—Nomes do rio—Contradições sobre suas nascentes: sua recente descoberta. Duvidas que sobrevivem: nasce dum filete dagua, ou dum lagôte?—Comunicação, nas enchentes, das aguas do Alto Ucayale com as do Alto Juruá—São ainda desconhecidas as nascentes do Tarauacá e do Envira—Extensão do rio Juruá: sua preponderancia entre os afluentes do Rio—Mar—Sua navegabilidade: offerece menos perigos do que o Purús e outras caudaes. Falsa versão da existencia de cachoeiras, resultado da obstrucção dos leitos—A praticagem, orgulho justificado dos navegantes da região—Os numerosos “saccados” do rio mais tortuoso do mundo, Estranho caso da formação do novo curso do Juruá pelo trecho final de seu afluente Mamory, no seringal Tres-Unidos—Divisão do rio Juruá: deveria ser traçada pela vasante, que inaugura a actividade economica e imprime influencia differencial á natureza, attingindo immensos trechos em tempos desiguales. São registaveis 150 afluentes do rio Juruá, muitos dos quaes são extensos e navegaveis no inverno. Disseminada pelo nordeste, bastaria esta rêde hydrographica para supprimir as sêccas...—O Tarauacá, o rio que mudou de fôz—Duvidas geographicas sobre se é elle, ou o Envira, o principal afluente do rio Juruá. O Tarauacá é o rio das ossadas ante-diluvianas, das lendas de indios de cauda e de phenomenos teratologicos. Baixo e Alto Tarauacá; seus afluentes. Entre estes, salienta-se o Murú—O Envira e seu afluente Jurupary—Lagos: o de Matupiry tem 40 kls. de comprimento. Admitte-se sejam, na maioria, antigas passagens do rio. Observa-se o desapparecimento de lagotes e de lagos de regular extensão, como o lago do Tamandúá, Ilhas. Falsas, ilhas ou ilhas de inverno: a de Tucuman, immensa, serve de modelo. As notaveis ilhas definitivas de Bereu e Meneruá: descripção desta ultima. São navegaveis, no inverno, os paranás que as circumdam: de cada lado, 23 e 24 horas de navegação. Lagos e rios interiores das ilhas; suas produções.—A foz do Juruá.—Dos criterios de medição de sua largura.—Duvidas sobre se ha «furos» communicando, alli, o Juruá com outros rios.—Outras questões: como passar do Juruá para o Jutahy e o Javary, o Pauhiny e o Purús, e o Ucayale. Clima:—O Juruá é, em toda a Amazonia, modelo de rio saudavel: alguns dos seus afluentes é que são insalubres. No inverno, na altura da noite de S. João, ha a friagem, isto é, baixa a temperatura a 10°—O phenomeno parece desapparecer, coincidindo com o desapparecimento de enchentes excepcionaes, Flóra: a sumaumeira, maior que o «báobab», da India: a victoria regia, o apuhzyzeiro, rei dos parasitas, o cipó dagua potavel, etc. Fauna:—Contribuição preciosa do naturalista allemão Von Garbe. A riqueza de aves: 188 especies. O «yrapurú», rei dos passaros canoros.—Infinita variedade de peixes: o «pirarucú», bacalhau dagua doce, etc.

"A definição dos ultimos aspectos
"da Amazonia será o fecho de toda a
"Historia Natural."

Euclides da Cunha

SUAS DENOMINAÇÕES

Tem, em certos trechos peruanos, as denominações de Hyruba e Torolluc. O nome moderno "Juruá" é alteração, na passagem para o vernaculo, do nome guarany "hiuruá", que significa "rio da bôcca larga (a lingua geral desconhecia o "j" e usava o "i". (1)

SUAS NASCENTES

O Juruá veio a ser conhecido, no seu percurso geral, mui tardiamente.

Raimondi, um dos maiores exploradores das terras peruanas, não o penetrou, sequer.

O Perú e o Brasil desconheceram, assim, até os albores deste seculo, a sua parte superior.

O escriptor francês Milliet de Saint-Adolphe, estudioso da especie, asseverava em seu "Diccionario Geographico, Historico e Descritivo do Imperio do Brasil", edição de 1845, que o diziam nascer "dos montes do Perú", **perto da vertente do Ucayale** ou das adjacencias da lagôa Rogagualo".

(1) - Vêr o "Tupí na geographia nacional" de Theodoro Sampaio e a "Grammatica da Lingua Nheengatú", de Pedro Luis Sympson.

De todas as versões, foi, sem duvida, a mais criteriosa: assignalou a vizinhança do rio Ucayale, o que é verdadeiro.

O autor das "Noticias geographicas da Capitania do rio Negro", datadas de 1848, se limita a dizer dello que desce do reino do Perú".

Araujo e Amazonas, entre os publicistas brasileiros, versara a matéria, em 1852, no seu, aliás, apreciado "Diccionario Topographico, Historico, Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas, livro no qual se lêem as seguintes affirmações sobre o Juruá: "Rio do Solimões, em sua margem direita, 145 leguas acima da confluencia do rio Negro, 223 da foz do Jamundá. Latitude S. 2.º45. Longitude 31.º 29'O de Olinda. Pretendia-se anteriormente que nascesse este rio das serras do Cuzco. Hoje o fazem sahir do lago Rogaguato. Suas aguas são escuras, e seu leito, a que os espanhóes dão 200 leguas, é desigual e pedregoso".

Continuava o erro, com a versão nova do lago Rogaguato, além de não se dever considerar, como feição geral, pedregoso o seu leito, e muito menos poder admittir-se a versão de que suas aguas são escuras, e sim barrentas.

Em 1861, D. Baldoméro Menendas, em seu "Manual de Geographia y Estatistica del Perú, apenas dizia: "El Juruá, que **nace en la parte oriental del Perú, entra en el Brasil á corta distancia de su origen y se reune al Amazonas despues de un curso de doscientas leguas proximamente**".

Além de não ser, na referencia, precisado o local de suas nascentes, tampouco foram estas definidas. Nem poderia fazê-lo, entregue o trecho a indigenas, exclusivamente.

Fez-se a mais demorada a controversia sobre as suas origens, e, em verdade, ainda hoje são dignas de mais detidas pesquisas.

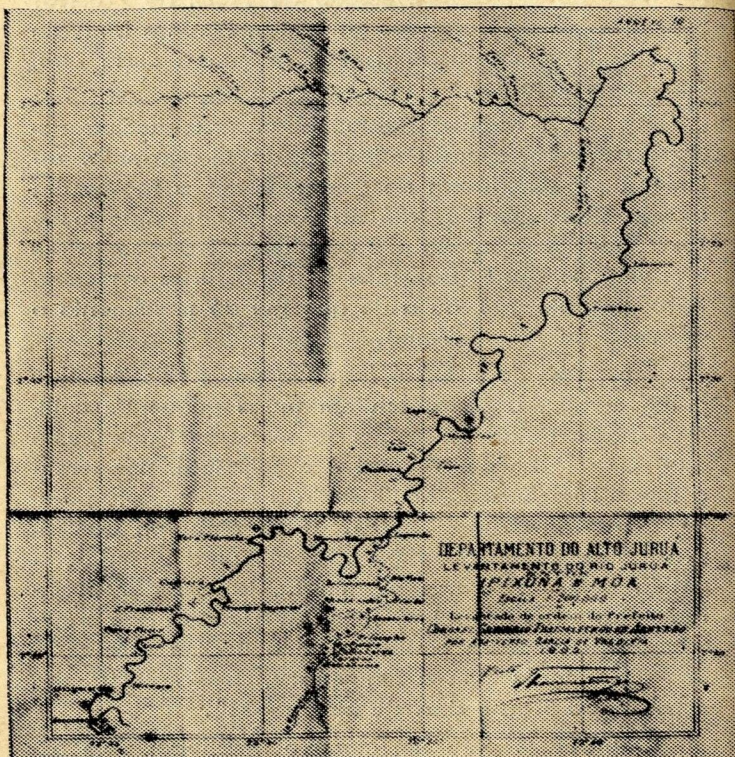
Foi, outrosim, feliz o registo de Tavares Bastos (O Valle do Amazonas, edição de 1866), de "correr pelo meio de dois grandes affluentes, Purús e Ucayale (verdadeiro, em relação a este, quanto a certo trecho do alto Juruá).

Em 1902, Manuel Pablo Villanueva effectua notavel conferencia na Sociedade de Geographia, de Lima, na qual, depois de confessar ser a região em apreço desconhecida "até ha pouco", devendo-se-lhe "o cabal conhecimento aos caucheiros", desmente outras versões, quaes fossem a de ter o Juruá a mesma nascente do Purús, ou a de que lhe dê nascimento o Camisea ou Paucartambo.

Para elle, "o Juruá é formado pelos rios Torolluc e Pique-yacu, que nascem em umas pequenas collinas, á altura mais ou menos da bocca do Tambo, sem que possa conhecer-se qual é o principal, por terem a mesma largura na confluencia e arrastarem, parece, a mesma caudal dagua. Sem embargo (sustentava, como ponto de vista pessoal), uma observação detida destes rios nos permitiria, talvez, dar preferencia ao Torolluc, pois é cousa averiguada que é sulcado facilmente de canôa durante 8 dias acima de sua confluencia com o Pique-yacu, susceptivel tão somente de 5 ou 6 dias de navegação".

O interesse peruano, como o brasileiro, pelo extenso curso dagua foi o resultado duma causa economica: a existencia de varias qualidades de seringueira, alvore de cujo leite se fabrica a borracha.

Por isso, já naquella data, annóta o intellectual peruano uma serie de encontros sangrentos entre grupos de "caucheiros" das duas nações, disputando as florestas e sonegando impostos ao paiz contrario.



Planta (esgot.) do levantamento, pelo eng. Garcia de Valdivia, do rio Juruá entre o Ipixuna e o Môa, no anno de 1905

A chancellaria brasileira, conformada a começo com a pretensão dos peruanos, uma vez entregue a Rio Branco, resolvera estudar mais profundamente o assumpto, que estremecera as boas relações entre os dois paizes.

Organizou-se uma comissão mixta brasileo-peruana, que actuou, nas pesquisas necessarias, preferencialmente voltadas para o Alto-Juruá, inclusive as suas nascentes, no periodo comprehendido entre 1904 e 1906.

O general Bellarmino de Mendonça, que publicou precioso relatorio, presidia á comissão de brasileiros. Resumamos, pois, suas conclusões: "A cabeceira principal, que fórma uma forquilha com o Salambô, recebeu o nome de Paxiúba. A nascente do Paxiúba está situada em depressão do cerro das Mercês, de 453 metros de altitude, na latitude de 10.º 0 1'32, 25S. e na longitude de 72º14'34",000 G. Esse cerro recebeu o nome de Mercês, por sêr o da Virgem do dia em que ficaram terminadas as operações astronomicas (24—9—1905): é subdivisão, para léste, da cadeia oriental da cordilheira andina, que vem desde as proximidades de Cuzco, no rumo geral do Norte, separando as bacias do Ucayale e de seus afluentes da margem direita das dos tributarios da margem esquerda do Madeira e da direita do Solimões, assignaladamente do Madre de Dios, Purús, Juruá e Javary".

Assignala o engenheiro patricio ainda que "os primeiros 37 kilometros de seu curso são de declive muito forte e entrecortado de cachoeiras e cascatinhas, não permittindo accêso, siquer, ás menores "ubás", mesmo descarregadas: é conhecido com o

nome de Torolluc da confluencia Salambô — Paxiúba até encontrar o Piqueyacu”.

O assumpto não parece, no entanto, de todo resolvido.

Assegurou-me o sr. Octavio Roseira Mendes, ora no exercicio de Director da Bibliotheca Publica do Pará, que ouvira, no Juruá, dum dos membros da commissão brasileira, ter o mesmo a sua nascente num lagote, no cerro das Mercês (com igual nome), originando-se d'elle, a descer como simples filete d'agua.

Villanueva assignalava a grande proximidade dos dois leitos (Alto Ucayale e Alto Juruá). O padre Constantino Tastevin, que publicou interessantes estudos sobre o Alto Juruá e varios de seus affluentes, na "Revista da Sociedade de Geographia, de Paris, assevéra, por motivo de conhecimento pessoal, o seguinte: "Nas origens do paraná de Minas ou Ouro Preto, nada separa as aguas do Juruá das do Ucayale: sobre a linha fronteira, a agua formaria charcos, immoveis, que, por occasião das grandes chuvas, se derramam por toda parte, ou somente do lado mais accentuadamente baixo: colhi esta informação dum membro da Commissão encarregada de traçar as fronteiras dos dois paizes. Nesta altura, **as aguas do Ucayale se encontram com as do Juruá**".

Ficam, pois, registadas as tres versões, em igual sentido. Valeria a pena que o governo brasileiro organisasse uma commissão scientifica para concluir, definitivamente, sobre as nascentes do mais extenso affluente do Amazonas.

As observações teriam que sêr feitas dentro das duas estações registaveis no Juruá: o inverno (cheias) e o verão (baixada das aguas até o seu nivel normal).

Cumpre, outrosim, observar que essa corrente amazônica tem passado por grandes transformações no seu curso.

No anno de 1905, Augusto Hilliges, ex-official da marinha de guerra allemã e depois commandante de "gaiolas", levantou 2 extensos mappas sobre a parte "baixa" e a "alta" do rio Juruá.

O Autor destas linhas observou muitas das transformações soffridas daquella data até á corrente, declinando-as todas, no presente estudo de geographia physica, inclusive com o auxilio de antigos navegantes e seringalistas.

Abrem-se novos lagos, formam-se novas ilhas, como se enxugam, insolados e sedimentados das enchentes, antigos lagos, que se transformam em campos, como caem terras e surgem novas praias.

Este e outros exemplos, como o do Tarauacá (afluente principal do Juruá) que mudou **de foz**, devem induzir os estudiosos a promover uma excursão scientifica áquellas paragens, conquistando o justo interesse e patrocínio do nosso governo.

Na Amazonia, os seus extensos rios têm tido nascentes desconhecidas por muito tempo: haja vista a do proprio rio Amazonas, que, em muitos compendios de geographia, ainda figura como sendo no lago Lauricocha; a do Javary, cuja origem só foi localizada em 1895, pela denuncia de erros anteriores, e, na bacia que interessa ao Juruá, o desconhecimento das nascentes do Tarauacá, do Envira e de varios afluentes.

SUA EXTENSÃO

Até á excursão scientifica brasileiro-peruana, o Juruá era considerado de curso menos extenso do que

o de varios outros, inclusive o Madeira e o Purús, para citar somente os cursos dagua amazonenses.

Hoje, porém, com os seus revelados 3.283 kilometros, passou á categoria de primeiro affluente do rio Amazonas, de 3.º rio, na hydrographia brasileira, o de 6.º de todo o continente: "E" incontestavelmente um dos maiores rios do planeta, affirma Bellarmino de Mendonça.

O engenheiro Santa Rosa, em seu erudito estudo sobre "a depressão amazonica e os seus exploradores", escripto especialmente para o tomo consagrado ao 1.º Congresso de Historia Nacional, colloca-o com a merecida primasia.

Aroldo de Azevedo, em sua "Geographia", do corrente anno, actualizou a materia.

Segundo Craveiro Costa ("O Fim da Epopéa"), o curso peruano é de cerca de 308 kls.

SUA NAVEGABILIDADE

Os exploradores e autores que conhecem os cursos desses dois rios irmãos, o Juruá e o Purús (este com 40 milhas a menos de extensão), são uniformes em affirmar que é o Juruá de curso mais propicio á navegação, offerecendo trechos menos pedregosos.

Bellarmino de Mendonça o disse penetravel por navios até á foz do Piqueyacu (Perú).

De qualquer fórma, a linha brasileira de navegação tem, no inverno, seu ponto terminal na cidade de Cruzeiro do Sul, capital do Juruá Acreano (ou Federal), num percurso de 1.884 milhas. (1)

No verão, quando diminue bastante a largura do rio, ás vezes attingido até á metade pelas suas innu-

(1) Calculo do Eng.º Alberto Masô

meras praias, os "gaiolas" (navios fluviaes) encerram a escala na cidade João Pessôa, antigamente denominada S. Felipe. (1)

À primeira e demorada cheia, que se processa durante meses, desde novembro ou dezembro (2) até abril ou maio, succede a vasante, quasi sempre seguida duma segunda enchente, porém ephemera, conhecida pelo nome de "repiquete".

Os navios particulares, a serviço de firmas de Manáos e Belém, fornecedoras (aviadoras, chamam-nas) dos seringaes de todas as mercadorias e generos de sua necessidade, quando emprenhem suas viagens um pouco tardiamente, — abalançam-se a subir mais uns tantos trechos do rio, como do seu affluente Tarauacá, na esperança do "repiquete": com a oportunidade da subida das aguas, descerão, incontinenti, safando-se da vasante definitiva.

Se se dêr, porem, a surpresa, no regimen das aguas, taes navios ficarão, por meses, inteiramente no enxuto, durante o estio inteiro, conforme a altura do rio principal, ou dos affluentes extensamente navegaveis.

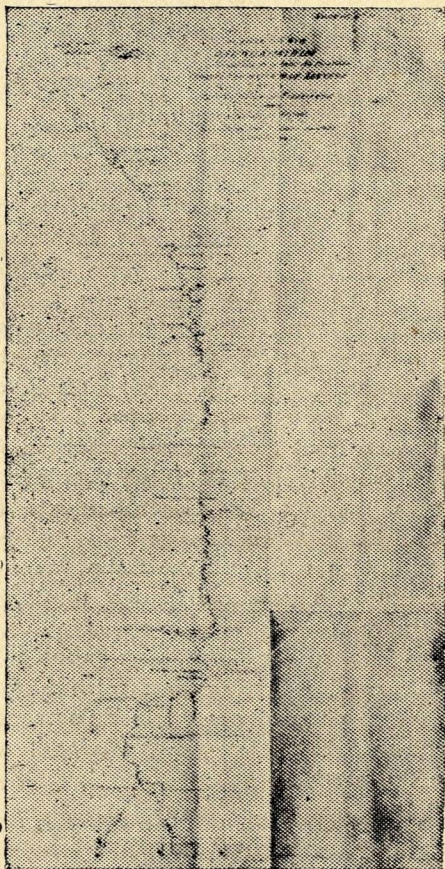
Os prejuizos resultariam, assim, avultados, para manter salarios e passadio duma tripulação relativamente numerosa.

Os trechos, que soffrem essa especie de sêccas, como as do nordeste, são acreanos: é de ver, no entanto, que, se isso occorre em parte de cursos importantes, se encontrarão **igarapés** (rios menores), não raro extensos e de curso perenne.

(1) — O antigo ponto terminal era Marary (seringal), conforme registava Olavo Freire.

(2) — Outo, ou Novbo., na parte media do Juruá; novbo. para dezo. na porção do Baixo; Na 1a. zona quasi não ha transbordamento.

Costumam dizer os viajantes, em suas impressões, que, em certos braços amazonicos, o trajecto é iniciado num "vaticano" (navio de calado maximo)



Planta (esqol.) do levantamento, pelo capitão Neiva de Figueira, em 1905, do remoto Juruá-Mirim, zona atribuladamente petrolífera. Alberto Rangel pinta-o no capítulo "Inferno Verde", do livro de igual título

de 3 passadiços, com todo conforto, baldeando-se os passageiros deste, com alguns dias, para as "chatas", e destas, muitos dias acima, para lanchas, motores, ou até canôas, á proporção que o curso estreita e se torna menos profundo.

Faz-se preciso ministrar conhecimentos exactos da navegação do rio Juruá, em these a mesma dos demais, porem com as particularidades de sua topographia e variando segundo se trata de inverno, ou de verão.

Até Cruzeiro do Sul, no percurso de 22 dias de viagem de Manáos áquella cidade juruáense, não se encontra a menor **cachoeira**. Em rigor, aliás, não existem "cachoeiras" propriamente ditas, como as que se conhecem em seu authenticico sentido geologico.

Contra essa falsa versão, já se insurgira, por signal, Chandless, da Sociedade de Geographia de Londres, com seus "Apontamentos sobre o rio Juruá", escriptos em sua memoravel excursão de 1866. Ponderou elle: "Até onde cheguei, 980 milhas geographicas approximadamente, o unico impedimento á navegação é um "baixio", erradamente chamado "Urubú-Cachoeira", embaraçado de paus, mas pelo que pude ver, com pouca pedra, e esta só do lado esquerdo. Dizem que, nas vasantes fortes, é de difficil passagem, mesmo por montarias. No fim de novembro, sondando continuadamente no meio do rio, não achei menos de 5,1/2 braças, e o mesmo tinha (quando menos) 1,1/2 braça a encher.

Assim, durante a maior parte do anno, não haverá impedimento á navegação para um pequeno vapor.

Ha outro ponto, 50 milhas abaixo do Urubú-Cachoeira, chamado "Cachoeirinha"; mas este é simplesmente um "banco de pedra" na beira da praia, do lado esquerdo, mais ou menos paralelo com o rio, e o canal do lado direito tem uma profundidade maior que a média.

Em geral, o Juruá é muito menos embaraçado que o Purús (rio que tambem explorou), seja de paus, seja de pedras; assim, desde o ultimo ponto de minha viagem, desciamos "de bubuia" (a favor da correnteza, de noite, e sem ter vigia) — uma precaução que, não olvidei jamais no Purús".

Isso observara Chandless, em 1866.

Poder-se-ia objectar que, decorridos 70 annos de suas explorações, a natureza tivesse augmentado o numero de bancos, e estes vedassem qualquer navegação, e alli houvesse o começo de cachoeiras...

Em 1902, que diz o intellectual peruano Pablo Villanueva? O seguinte: "Só o sitio "Cachoeira", abaixo do Amonea, exige precauções, por causa de blocos de pedra, que obstruem o leito do rio, que o tornam perigoso".

Em 1927, escreve o padre Constantino Tastevin para "La Géographie", revista da Sociedade de Geographia de Paris": "Encontram-se pedras no fundo do leito de certos cursos dagua: são, sobretudo, pedras agudas, agglomeradas, das madeiras scilicificadas— No Juruá, apparecem no curso médio, no Mari-Mari, em Urubú-Cachoeira, no Chibauã".

...As cachoeiras, lê-se em outras alturas, não são as do sentido commum: a quéda dagua é apenas sensivel: a menor cheia fá-la desaparecer."

Diante do exposto, pode-se, talvez, concluir que, no curso dos annos, se processou, pela falta de desobstrucção de bancos e de arvores cahidas, uma especie de consolidação dessas pedras, de modo a tolher a navegação daquelles "navios de pequeno calado", a que allude Chandless.

Beilcamino de Mendonça localiza mesmo o termino da navegação numa dessas cachoeiras, de qualquer fórma "falsas cachoeiras", conforme todos o demonstram no testemunho de suas assertivas. Para elle, "depois da praia de Pedras, é o Urubú-Cachoeira o ponto menos profundo: naquella corredeira, fez-se o rio canal estreito e pedregoso, com pouco mais de 3 metros de fundo, nas maiores vasantes.

Urge, pois, conservar o seguinte: afortunado é o rio que pode citar uma tamanha extensão, livremente navegavel.

A PRATICAGEM

É "sui-generis" a arte da navegação na Amazonia.

Não são os mappas os preciosos auxiliares, nem as estrellas, ou outras especies de recursos.

O pratico, o futuro commandante de navios, na apparencia serena de sua physionomia cabôcla, terá que appellar para uma attenção complexa, particularmente para o sentido da visão, que será a sua verdadeira bussola.

As capitánias dos portos de Manáos e Belém exigem, regularmente, o tempo minimo de 5 annos, em que o candidato treinará como praticante de leme, ou apprendiz de pratico.

Se o exame fôr prestado em Manáos, a carta

dará direito ao exercicio da profissão somente no Estado do Amazonas, occorrendo o mesmo no Pará, que a expedirá para o Baixo-Amazonas, fazendo-se necessarios os dois rigorosos exames, afim de exercitar a navegação integral da Amazonia.

O Baixo-Amazonas convencionou-se chamar a linha de Manáos a Santarem, com varios desvios para os canaes e rios da margem direita, ou esquerda, naquelle trecho.

Os guias dos navios, atravez dos annos de familiaridade com os afluentes, a cuja navegação se dedicam, conservam, numa memoria que se torna prodigiosa de pormenores, a topographia de todo um extenso e voluvel curso dagua, como o Juruá: cada seringal tem um determinado numero de voltas e de praias; nuns, as terras cahidas se fazem sentir mais, segundo se trata de vargem, ou terra firme; em certos trechos, ha "salões" ou "rebôjos": seu talento de particularidade desce até á localização duns troncos de arvores que, por falta systematica de desobstrucção, cumpre annotar, como tendo ficado encravados na altura duma certa volta...

O cochilo dum pratico, na noite tenebrosa, ou cheia de cerrações, ou a não fixação dum detalhe, será o sufficiente, muitas vezes, para determinar o desgoverno do navio, o seu encalhamento, ou o seu naufragio.

Apesar de já esclarecido que o rio Juruá é de navegação muito menos perigosa que a do Purús e outros, vem a proposito enumerar os navios que naufragaram, a saber: 1896, Augusto Pará, no barracão S. João; Presidente do Pará, perto do Gavião; Ituxy, no saccado do Maxirixi, em 1897; Taraua-

cá, no mesmo anno, na setima praia acima de Washington; Tocantins, perto de Cubiu, no anno de 1900; Douro, na praia Primavera; Hermann, na volta do Encarnado, e Alfredo, na extrema do Pixuna; em 1904, Leopoldo Bulhões, no logar Lagoinha; em 1914, o S. Martinho, na praia do Monte Sinai, e, em 1920, o "Alagoas", defronte de Aguaia.

Mencionam-se, em rios affluentes do Juruá, ou interessando á sua zona, em geral: no Envira, o Ipixuna, em 1903, na 6.^a praia acima de S. Domingos; no rio Tarauacá, o Sertanejo, em 1927, no estirão de Porto Arthur; a lancha Irene, perto de Guadalupe, em 1904; em 1909, o Commandante Duarte, na praia do Marona, e, em 1906, a Mercedes, no saccado do Tabocal; no rio Murú, em 1906, o Gilberto.

Não se registam as lanchas menores, os motores, os regatões, etc.

Do exposto, ha-de se ter notado a convenção das praias, e das voltas, e das boccas dos rios, e dos saccados, para a localização na carta geographica e na navegação do rio Juruá.

Attentemos agora na subtil experiencia dos nautas amazonicos.

Imaginemos estar no inverno, ou seja, na quadra das demoradas enchentes.

O Juruá é o rio de mais voltas do mundo.

Dahi o "zig-zag" do navio, cuja prôa inflectirá sempre na direcção das praias submersas: é que estas são rectas, encurtam sobremaneira as distancias, evitando o rigor da correnteza.

Geologicamente, a vegetação das praias resultará typica: é baixa, e, alli, se caracteriza pelas imbaubeiras, oiranas e cannaranas.

As varzeas offerecem arvores mais altas e signaes de terras cahidas: são as mattas marginaes, aliás de apreciaveis aspectos.

A arvores submersas encrespam a superficie das aguas, que denunciam, na altura correspondente, o desenho do pau immergido, mais ou menos na sua largura e no seu comprimento correspondentes.

Os "gaiolas" do Juruá calam de 8 a 9 pés. O perigo, para elles, se estende até 2 metros de profundidade, quando se accusará, no trecho a temer, um "rebôjo", isto é, um trecho dagua como se fosse effervescente.

Dada a incrível, systematica falta de desobstrução, por parte das administrações competentes, sentem-se os vigilantes praticos na obrigação de observar a situação exacta de taes arvores, conservando de memoria a sua situação.

Offerecem, nas aguas grandes, verdadeiro perigo os encontros da caudal dum rio com a de outro. Haja vista, na phase da enchente, o lançamento das aguas do Tarauacá no leito do Juruá, por serem ambos de grande velocidade.

A chata "Alagoas" foi "emborcada" pela violencia desse encontro, viajando nessa situação de "capotagem" cerca de 8 horas, de fundo para cima, e indo parar numa das praias do seringal "Tres-Unidos".

Com a chegada do primeiro verão, ficou o navio soterrado, hoje dentro dum lago, por ter o rio saccado naquella altura.

Os **bancos** formam tambem encontros dagua: são "torrões" encaixados no leito do rio, denunciando-se pelo "rebojo", que se regista durante o regimen

da enchente. O rebojo levanta a agua até 1 metro acima do nivel, com violencia rara.

Mas, se é difficil a praticagem á luz solar, com as suas voltas, terras cahidas, paus immersos, navios naufragados, que tambem occupam trechos do rio, formação de bancos, etc., que não será essa difficuldade á noite, sem luar, na mais envolvente escuridão, ou defronte da brancura impenetravel das cerrações?

Os velhos commandantes, os praticos, em suas horas de serviço, dispensam a bôa vontade de sua explicação ao estudioso do assumpto, que emprehen-de a sua viagem munido de mappas antigos da região, cujas lacunas elles de logo apontam.

A sombra da matta amazonense é densa, sobretudo em rios relativamente estreitos.

As télas amazonicas, já o notara, têm grande riqueza de sombras nagua, como se se tratasse da incidencia de imagens numa superficie oleosa.

Os praticos se familiarizam com a sombra projectada nagua: reconhecem-na de noite, afastam-se de sua mesma linha de projecção, a temer os troncos darvore, as terras cahidas, ou outros obstaculos.

O relampago, quando o ha, é de um bello effeito tragico, illumina toda a paizagem: o pratico apprehende, então, a altura em que se encontra, e a memoria lhe reconstituirá as particularidades do trecho.

A bordo, na prôa, apagam-se as luzes, descem-se as sanefas, que separarão aquella parte do resto do navio, afim de que as luzes electricas não encandeiem os seus guias: apenas os dois pharões lateraes da prôa lançam para o lado suas luzes, — encarnada a de bombordo e verde a de boreste, alem da lanterna do mastro. Com essas luzes, distinguem-se os

navios, ao longe, evitando tambem o seu abalroamento.

E as cerrações? Nas noites de inverno, os praticos, quasi ao bico de prôa, distinguirão, a começo, a agua, a paizagem ao lado, os primeiros metros adiante; mas, adensando-se, chegará o momento de se tornar tudo indevassavel: o navio fundeará, impossibilitado de proseguir.

As peores cerrações são as das noites de lua: indicam proximidade de verão.

Registam-se de meia noite em diante, em todo o seu rigor.

SACCADOS

O "saccado" é um processo de "rectificação" do rio. (1) A sábia natureza corrige, assim, o incrível numero de suas voltas. Quando as curvas são demasiado caprichosas, como no caso de contornarem uma faixa muito estreita de terra, especie de isthmo, este, batido da impetuosidade da correnteza, das chuvas abundantes, de sua infiltração, se fará scenario de terras cahidas, e a caudal avassalará o isthmo, rasgando-o em recta: ter-se-á processado a mudança de leito do rio, que com isso encurtará o seu percurso, terá creado mais uma ilha e mais uma lagôa — signal pratico da antiga passagem da caudal. (2)

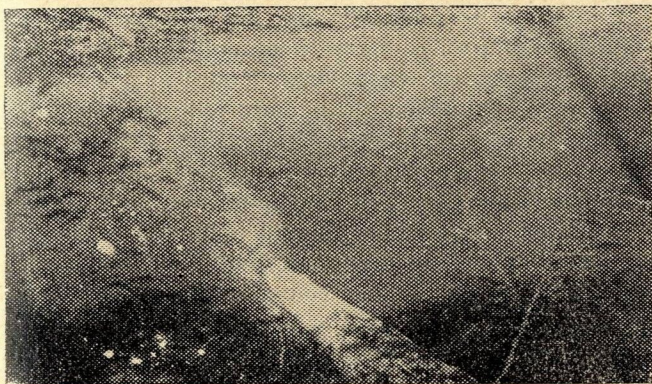
Às veses, como está a se processar curiosamente nos limites do seringal Tres-Unidos, o trecho final dum affluente (o caso do rio Mamoré) servirá de tra-

(1) — Phenomeno commum na Amazonia. cumpre-nos annotá-lo, com as suas explicações, geralmente acceitas. Euclides o testemunhou no Purús, opinando a respeito

(2) — Pontifica John M. Clarke. (Estructura geologica da região do Baixo Amazonas):—Abandonando o rio seu leito antigo e escoando-se pela nova ruptura, esta, aos poucos, se aprofundará, enquanto se vai entulhando de areia o leito primitivo.

ção de ligação entre o canal recém-aberto e o curso anterior do mesmo rio principal.

Em outras palavras: uma vez cahida a estreita parede de terra, as aguas do rio principal roubarão o trecho final de seu affluente Mamory, ligando-se com as suas aguas primitivas: alli passará a sêr o curso do rio maior, de vez que as aguas da extensa volta perderam a correnteza e contornarão uma nova ilha.



Seringal Tres-Unidos. Rio Mamory, das aguas escuras e de proverbial piscosidade, affl. da margem direita do Juruá. A "objectiva" accusa a movimentação dos "cardumes" e o flagrante da queda, nagua, duma grande arvore. O rio Juruá processa seu novo curso pelo trecho final desse grande affluente

O navegante e o cabôclo, na sua longa pratica, ou observação, já prevêem qual será a futura physionomia das terras em derredor, após o phenomeno: alli será a ilha, o lago se desenhará de tal trecho a um outro, serão tragadas terras em certa extensão, e praias ou pedras surgirão mais além.

No caso do seringal Tres-Unidos, de propriedade de nossa familia, discutem os habitantes da região duas hypotheses: a primeira, tragica para os nossos interesses, será a do desmoronamento de toda a terra firma marginal do rio Juruá, cerca de 500 a 600 metros de extensão por 350 a 400 metros de largura, com o derruimento talvez de grande extensão da antiga margem direita do rio Mamory, que, mercê das terras cahidas, já deixamos bastante rectificada.

É facto por todos verificado que as aguas da grande volta do Juruá, que ainda cursam os navios, têm diminuido muito de correnteza, a qual se faz notavel, porem, no citado trecho da ligação feita á custa do rio affluente.

Os rebocadores já cruzam tal trecho: os gaiolas que ainda prudentemente acompanham a grande sinuosa (apesar de que um seguiu o exemplo dos rebocadores, só se dando mal pela existencia de paus, no leito), — fazem o percurso entre 1,1/2 hora a 2, mais ou menos, enquanto os rebocadores vencem o canal— futuro leito definitivo do Juruá — em cerca de 20 minutos!

Espera-se que, dentro em um anno, o Juruá tenha inaugurado seu curso naquella altura: por que os geographos, os geologos, os homens de sciencia não se dispõem a assistir "de visu" a "essa pagina do genesis", como lhe chamaria Euclides?

São muitos os saccados do mais volteante rio do mundo. São tantos que já representam a preciosa economia de 3 a 4 dias de viagem de navegação a vapor, em todo o seu percurso aproveitavel!

O autor destas linhas fez a sua recente viagem, tendo lido muita e variada matéria da região, ao lado

de antigos commandantes e praticos, de exploradores ou bandeirantes de seringaes, e com os mappas abertos de Augusto Hilliges, traçados em 1905 por esse official da marinha allemã, de saudosa memoria. Pois bem: foram tantas e taes as transformações que nos sentimos na necessidade de actualizar aquellas cartas, destinadas á navegação propriamente dita.

Vejamos, pois, a descripção de todos os saccos conhecidos: Baixo-Juruá: — Martyrio, Juruápuca, Concordia (aberto em 1907), Temquê, Xibury (ou ainda Jubury ou Popunha, aliás formado em 1922), Imperatriz, Chupacão, Pilão, S. Pedro, Canaman, Maxirixy, Mapuá, 3 Bôccas, Jacaré, Aguiá e, em formação muito adiantada, o de Sumaúma ou Mamory, e o de processamento um pouco mais lento, o de Tamandua.

Contra a correnteza do rio, até encontrar-se seu affluente Tarauacá, é o que se regista.

No Medio Juruá (do rio Tarauacá até o rio Breu), observam-se os seguintes, na sua ordem successiva: Cachinauá, Urubú Fogo, Desengano, União, Rivalisa ou Gregorio, Condor, Cotegipe, Salvavida, Taboca, Trombetas, Montreal, Recompensa, Guajará, Areal, Lagoinha, Luzeiro, Tatajuba, Ouro Preto, sacco da praia do Feijão (este, porém, teve a sua evolução precipitada pela mão dos homens, é obra meritória da iniciativa de alguns seringalistas).

DIVISÃO DO RIO JURUÁ

Por ser muito extenso, convencionara-se a divisão deste affluente do Amazonas em Baixo e Alto Juruá.

Com effeito, o Acto n. 18, de 27 de janeiro de 1880, do então presidente da provincia do Amazonas,

José Clarindo de Queiroz, divide em dois o districto do Juruá, ficando ao antigo o nome de Baixo Juruá, conforme a referencia colhida em "O Direito do Amazonas ao Acre Septentrional", de Ruy Barbosa.

Após a excursão brasileiro-peruana, tripartiu-se a divisão: Baixo Juruá será o rio, até receber as aguas de seu affluente Tarauacá; dahi até ás do rio Breu, Medio Juruá, e após o ultimo, que nos separa do Perú, Alto Juruá.

Se pudessemos processar, porém, a divisão pelas etapas das enchentes, o Baixo Juruá seria a ultima extensão de terras a desalagar; o Medio Juruá seria a penultima, no processo da vasante, e o Alto, sempre na razão da menor para a maior altitude, seria a primeira zona a libertar-se da enchente, zona, aliás, não inteiramente attingida pela mesma. É um criterio nosso, todo pessoal. Parece-nos, porem, ter seus fundamentos. O clima, a flora, a fauna e a propria vida economica soffrerão mutações, sem duvida. O trecho que se avizinha de ha alguns dias da foz, o mais alagado, recebendo influencia do proprio Solimões, segundo é corrente, será o menos productivo, accusa pobreza maior de terras firmes, é, segundo se proclama, o de estado sanitario menos apreciavel, num extenso rio, que, no entanto, gosa, entre naturaes e estranhos, do conceito geral de saudavel.

Na geographia humana e economica, é de ver que, tanto mais depressa se verifique a vasante, tanto mais promptamente se iniciará a safra da borraça: esta se processa em periodos differentes, inaugurando-se no Alto Juruá, demorando-se um pouco mais no Medio Juruá e só por ultimo se verificando no Baixo Juruá.

E' uma divisão que attende a concomitantes effeitos bio-sociaes.

AFFLUENTES DO RIO JURUÁ

(Partindo do Alto Juruá para a fóz, desde o trecho peruano). São, em verdade, innumerous. Muitos não figuraram até hoje em livro, ou mappa nenhum. Não obstante, varios dentre elles são navegaveis por navios, e outros, em maior numero, pelos rebocadores madeireiros.

O percurso da grande maioria poderá ser feito, no verão, de canôa, o meio de transporte mais commum.

Vejamos agora uma inédita e consideravel lista desses affluentes, começando pelos da margem esquerda: Paujil-yacu, Huaca-pista, Dourado, Arara, Amonea, Grajahú, Ouro Preto, Juruá-mirim, paraná da Viuva ou dos Mouras, Môa, Ipixuna, Japurá, Pau do Alho, Porto Sergio, Igarapé Grande, Morada Nova, Aquidaban, Aracuan, Centrinho, Mapuá, Pilão, Aracú, Ocôa (os rios da citada margem esquerda approximam-se, em geral, do rio Jutahy), Mapuruné, Menino-Deus, Veneza, Maxirixy, Jainô, Nazareth, Nova Olinda, Extrema, Vai-com-Jeito, Tamacuaré, Bacaba, Urú, Canamá, Monte Calvario, S. José da Maravilha, S. Sebastião, Jahirauani, Chibauá, Urubú-Cachoeira, Itanga ou Anachiquay, S. Francisco, Popunha Grande, Bôcca do Mutum, Viravolta ou Manarian, Marymary, Pão, Bauana Branca, Popunha, Cupuahy, Porto Hermano, Paca, Carauary, Gavião, Temquê, Santa Fé, Livramento, União, Porto Eden, paraná do Tucu-

man, Murapiré, Bagé, paraná do Breu (1) e paraná do Meneruá.

Varios desses igarapés nascem de lagos; têm, por veses, consideravel extensão, como o Bagé. O Amonea e o Juruá-Mirim interessarão, sobremodo, á geographia economica. Desses rios, os dois attribuidamente mais proximos do Jutahy são o Bauana Branca e o Popunha Grande. Num estudo mais particularizado, poderão ser objecto de outras menções.

Passemos agora, em revista, tambem desde o territorio peruano, os rios da **margem direita**, os quaes se avisinham, em sua maioria, do **Purús**, ou de seus affluentes **Inauhiny e Pauhiny**. São os mais conhecidos, na região, os seguintes: Serrano-yacu, Platano-yacu, Sungaro-yacu, Béu, Breu (separando o Perú do Brasil), no limite do Departamento de Loreto, S. João, paraná do Acuriá, Tejo, paraná do Natal, Riozinho do Cruzeiro do Valle, paraná do Valparaíso, paraná da Lagoinha, paraná do Arrependido, paraná do Assahytuba, Riozinho da Liberdade, Gregorio (o ultimo mencionável no trecho acreano), rio Erú, Tarauacá, o mais consideravel dos affluentes do Juruá, 3 Boccas, Mosquito, Tamanduá, Mamory, Nova Sorte, Coringa, Soriano, Providencia, Mamory, (ha 2 rios com o mesmo nome e na mesma margem, sendo o mais importante o do seringal Tres-Unidos), Petropolis, Taboca ou Alta Mira, Jainá, Iracema, Cantagallo, Flechal, Vista Alegre, Onças, Chué, Montezuma, Carababá, Arujá, Jaraqui, Matamatá, Memoria, Juruápuca, Jaburú, Magoary, Andirá, Forte da Graça, Paranaguá, Itapuan, Pixuna, S. Raymundo ou Orien-

(1)—O nome Breu apparece 2 vezes: um é o rio que limita com o Perú; outro é o paraná de igual nome, no Baixo Juruá.

te, Idá, Caiué ou Caiaué, Caá-piranga, Martirio, Ualá, Pauá-pixuna, Bauana Preta, Camaleão, ainda sendo mencionaveis os Pucá, Arapary, Furo do Jacaré, Ueré, Catenso, Tucupi, Amarran, Uaty, Xibury, Ipeca ou dos Patos, ou ainda do Chupacão, Bauana Pixuna, Marary, Mandióca, Chiruan, Bacú, Manichizinho, Manichi Grande, Matupiri, D'Jeddah, Soledade, Salsa Paraná, Lago Verde, Irá-Assú, Mamoriá e Novo Mundo.

A exemplo do que occorreu com os igarapés da margem esquerda, varios são os que nascem de lagos e os de extensão registavel, sobretudo o de Chiruan, Ueré, Arapary, o Andirá, de apreciavel largura, e outros, que, pela sua penetrabilidade, serão mais adiante considerados, de qualquer das margens.

Assim, possantes rebocadores a serviço da industria madeireira, navegam folgadoamente, na quadra do inverno, nos seguintes rios: (considerados desde o Tarauacá até a foz): Novo Mundo, Pau do Alho, Mapuá, Lago Verde, Tres Boccas, Jacaré, Nova Sorte, Mamory, Popunhas, Popunhas Grande, Ueré, Cheruan, Bauana Branca, Bauana Preta, Bagé, Caiué, Itapuan, Arapary, Andirá, este navegavel até pelos gaiolas, Pixuna, S. Raymundo, Caá-piranga, Martirio, Ualá, Juruapuca, Idá, Breu e Meneruá.

Infelizmente, ainda ha a falta duma carta hydrographica do rio Juruá, pois nenhum estudioso, até o presente, a apprehendeu: Augusto Hilliges interessou-se por um mappa do rio principal (Juruá), quasi que não registando os affluentes, por não serem objecto de orientação do uniforme percurso dos navegantes. Os engenheiros Lourival Alves Muniz e Antenor

Rocha traçaram o Mappa do Estado do Amazonas, contractados na administração do sr. Ephigenio Ferreira de Salles, e apenas se louvaram, conforme a citação das "autoridades consultadas", no mesmo Hiliges.

O governo brasileiro, como o amazonense, poderão prestar esse serviço inestimavel, comprehendendo uma bacia ou zona, que, neste trabalho, envolve nada menos de 150 affluentes.

É de vêr que não foram citados innumerous, por serem já tributarios dos affluentes do rio Juruá, porém, não raro, extensos, largos, profundos, de cursos perennes.

Do numero aqui declinado, salientaram-se quasi todos os navegaveis no inverno. No estío, as boccas dos maiores desses rios ficam obstruidas de paus, areia, capim, etc., continuando, porém, curso adentro a navegação de canôas, meio normal de transporte, predilecto, na estação em apreço, dos pescadores.

Tão cheia de ramificações ha-de resultar uma carta hydrographica perfeita do rio Juruá (ou seja, de toda a zona em que seja elle o rio preponderante) que poderia ser comparada ao desenho do systema nervoso...

Não é possivel deixar de emittir algumas considerações sobre varios dos importantes affluentes do rio, ou da zona (latu sensu) do Juruá.

O TARAUCÁ (1)

O Taraucá é uma das grandes duvidas da geographia da região.

(1) — Segundo o Padre Tastevin o vocabulo vem do «pano», de «tará» significando «rio das arvores derrubadas».

Vinha passando por sêr affluente do rio Juruá. Chandless já dizia d'elle "ser, sem contestação, o maior affluente do Juruá". O explorador inglês conheceu o Tarauacá de outróra: d'elle affirmava "entrar no Juruá em angulo recto, sem rumo geral, até certa distancia, fazendo um angulo obtuso". Não suspeitaria o illustre membro da Sociedade de Geographia de Londres estar diante dum rio que **mudaria de foz**.

Estreita, vulgar, como a dum simples igarapé, é a sua antiga bocca: chamaram-nos a attenção para ella, a nosso prévio pedido, — uma das impressões curiosas de nossa excursão.

Emquanto é o Juruá profundo, o Tarauacá é, geralmente, de curso raso.

Pouco antes de receber as aguas do Tarauacá, tem o rio principal, na vasante, cerca de 150m. de largura.

O notavel affluente tem as aguas igualmente de tonalidade barrenta, ao contrario dos outros afluentes e dos lagos em geral, cujas aguas são, quasi sempre, pretas.

O Alto-Tarauacá é o trecho onde se encontram, por excellencia, as famosas ossados de animaes ante-diluvianos, das quaes ha, por signal, algumas amstras no tradicional Museu Goeldi, do Pará.

Sua fauna e flora, segundo é de commum observação, se assemelham ás do Juruá.

Com a excursão brasileiro-peruana, surgiu a assertiva do general Bellarmino de Mendonça de não sêr o Tarauacá senão um affluente do Envira, de modo que este passaria a sêr o tributario principal.

Eis o que expõe o engenheiro militar brasileiro,

de saudosa memoria: — "Limita o Baixo Juruá o rio Tarauacá, seu tributario da margem direita, que de-vera ceder o nome ao Enbira, (1) desde sua confluencia nelle, em vista das informações colhidas e dos estudos feitos pela Commissão Mixta, donde resulta que o ultimo circunda o anterior e tem suas nascentes proximas ás do Juruá".

Nada de pormenorizado lemos no inestimavel relatorio, nem alhures. Disseram-nos bandeirantes do Tarauacá, e bem assim os do Envira, que são desconhecidas as nascentes dum, como do outro.

A opinião geral, que encontrei, é contrária, no entanto, á controversia aberta pelo autor em apreço. Velhos commandantes, habitantes que figuram entre os penetradores, assim me retrucaram, em resumo, á exposição feita : — o Tarauacá recebe como affluentes rios de cursos importantes, a ponto de serem navegaveis a vapor, como occorre com o Uaty, Acuraua, Esperança, Acarahú e o Murú, este de navegação extensa. Ainda são seus affluentes, menores do que os primeiros, porem ainda assim navegaveis a lancha e a motor, o paraná Joacy, os igarapés Marona, Luis, Catuquina, Bemtevi, Primavéra, S. Sebastião, S. José, S. Salvador, Penedo e o Jordão. O Jaminauá e o Douro tambem são seus tributarios. E concluem os defensores da corrente tradicionalista: enquanto isso se verifica, o **Envira apenas pode offerecer de apreciavel, entre os affluentes, o Jurupary**, navegavel a vapor: todas as demais caudaeas, que recebe, são de curso a canôa.

Com praser, pois, aqui deixamos consignadas

(1) — ou ENVIRA, como é hoje geralmente chamado.

as duas versões, dignas duma excursão de geógrafos, para seu cabal esclarecimento.

Para os praticos daquelle trecho da Amazonia, ha ainda o ponto de vista perseverante de serem o Japury, o Murú e o Acaraú (que Bellarmino graphara "Acuraua") affluentes do Tarauacá, e não do Envira.

MURÚ

Este affluente do Tarauacá tem, por sua vez, como tributarios, os seguintes rios, penetraveis a motor: Conceição, Ouro Preto, Preguiça, S. José, Colombo, Sunga, Maniá, Imbuacú ou Ibuacú, Humaytá, Camocim, Muruzinho e Barqueiro.

JURUPARY

Este affluente do Envira recebe como tributario o Massipira, navegavel a motor.

LAGOS

São simplesmente numerosos. Conforme exposição anterior, os lagos de extensão mais notavel são consequencia do rasgamento dos istmos do Juruá, para a sua gradativa rectificação de curso. As suas curvas caprichosas ou superfluas, muitas vezes de comprimento apreciavel, estão fadadas a desaparecer: no perimetro por ellas comprehendido, é indício do futuro desvio da caudal o desaparecimento gradual da correnteza. A peninsula está ameaçada, se é demasiado estreita (esta é a particularidade determinante do phenomeno): nas suas terras de varzea ou de alluviões, typo preferido para o seu processamen-

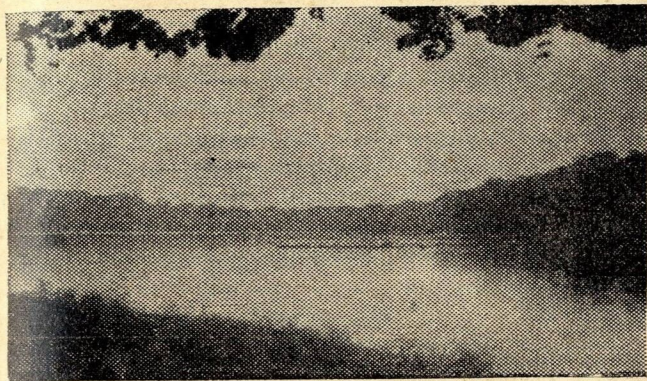
to, por offerecerem menos resistencia, será fatal, através de alguns annos consecutivos, o espectáculo das "terras cahidas", levando consigo as plantas, os arbustos e as arvores, que, em certa epoca, a haviam ajudado a fixar-se e consolidar-se. O mais será a passagem das aguas, de conhecida velocidade, pelo primeiro "corredor" aberto... e, depois, o desmanchamento das terras na largura necessaria a um canal capaz de supportar o volume das aguas. Esse canal terá, por fim, a largura do rio invasor, nas suas immedições.

O Juruá terá causado algumas surpresas a proprietarios de seringaes, que se viram "expulsos" de sua "margem", com o seu importante "barracão", suas varias "barracas", sua pequena creação de gado e o porto de lenha, "encafuado" tudo, de repente, numa "lagôa", por onde não mais transitarão os "gaiolas"...

Mas o grande rio é generoso: poupará, ás vezes de horas, a chegada dos navios ás terras assim attingidas: compensando ainda o "seringalista" daquella desvalorização de parte de seu patrimonio, ter-lhe-á dado um grande presente, o duma lagôa que terá o tamanho da antiga curva caprichosa do rio, com uma fartura invejavel de peixe, e mais a formação duma ilha pittoresca, onde ha, quasi sempre, cacau nativo, palmeiras frutiferas, seringueiras e até porcos selvagens, além da graça e da utilidade das praias, onde poisam bellos pernaltas e desóvam as apreciadas tartarugas...

Diante do exposto, sabido que corresponde a cada "saccado" uma lagôa, (citámos nada menos de 35, de conhecimento historico, pois que o Juruá

conta somente 70 annos de povoamento systemático), a conclusão a colher é que será esse o "numero minimo" de lagôas, e que ao mesmo ha-de se addicionar o das formadas em periodos que escapam á recente historia da grande torrente...



Seringal Tres-Unidos. Lago do Boliviano, muito piscoso e, possivelmente, antiga passagem do rio Juruá. Comunica-se com paranás, rios e outros lagos interiores

Além disso, poder-se-á admittir a existencia de lagôas mais interiores, correspondendo a depressões de terrenos, com esse destino final, pelo accumulo das chuvas de invernos tão demorados.

Só a titulo, pois, de perfazer este capitulo, citaremos algumas dentre tão numerosas lagôas, que, se são, não raro, extensas, serão, normalmente, da largura, em média, pouco apreciavel do rio (vimos que os nomes de muitos desses rios foram tirados de lagôas, donde se justifica a repetição de nomes familiarizados com a retina dos leitores): o Andirá é,

sem duvida, um dos maiores lagos, Matupiry, (1) Ueré, Mandiôca, Mapuruné, Menino-Deus, Veneza, S. Sebastião, Jahirauni, Capuahy, Paca, Caranary, Soriano, Memoria, Jaburá, Magoary, Forte da Graça, Ualá, Laguinho, Boliviano, Aguiá, 3 Boccas, Uirá-Açú, Mucuripe, Soledade, Mapuriny, Iracema, Xibauá, Apupuá, Aracyquacy, Popunhas, Ratos, Tucuman, Moiratiny, Meneruá, Grande e varias outras, cujos nomes, as mais das veses, acompanham os dos saccados. Observa-se o desaparecimento de lagos. Assim, em 1918, atravessamos o lago do Tamanduá, proximo do seringal Tres-Unidos, em canôa de 4 remadores, num percurso de 40 minutos. No corrente anno de 1936, informaram-nos que não o poderíamos mais visitar: "enxugara", estava reduzido a terras cheias de capinzaes!

ILHAS

Em que pése ás declarações que se lêem, desde Chandless, — dada a circumstancia de que os exploradores queriam bater o "record" de penetração dos rios principaes, em busca de suas cabeceiras, não lhes interessando os desvios de seus afluentes, — sabe-se hoje, na visita ao rio, que tambem numerosas são as suas ilhas, de accordo com a premissa firmada de que a cada "saccado" corresponderá, com effeito, uma lagôa e uma ilha.

É de vêr que poderá haver ilhas independentemente desses "saccados".

Ha, é exacto, o immenso trecho isolado de "Tu-

(1) — Von Ihering, louvando-se na excursão scientifica de Garbe, por elle promovida, como Director do Museu Paulista, cita este lago com o percurso de 40 kls. de comprimento por 250 m. de largura visivelmente o resto dum antigo traço do rio".

cuman", mas asseguram-nos todos os antigos habitantes e praticos que o seu insulamento se verifica apenas no inverno: dum lado, o rio Juruá, e, nos outros contornos, a successão de "paraná" e "lagôas", secando aquelles no verão e sobrevivendo, com a diminuição das aguas, as mesmas lagôas.

Todos os "firmes" das margens, geralmente pouco extensos, ficam tambem "ilhados" no inverno: a enchente, que attingirá o maximo de 15 metros, afogará as praias e cobrirá por ultimo as "varzeas", inundando as suas mattas, que, nessa epoca diluviana, serão percorridas de canôa.

Corre a versão, e a suffragam geographhos, de que os rios da Amazonia se interpenetram, se são solidarios no regimen das cheias, ou se se irmanam nas origens de formação da bacia commum.

Von Ihering asseverou que "o rio Juruá alaga a terra baixa, em algumas partes, até á distancia de 120 kilometros".

Diante, pois, desse quadro diluviano, se, por hypothese, (1) desaparecessem as selvas, alli estaria, de facto, o "mediterraneo de agua doce", uma enorme massa liquida de côr barrenta, com faixas, aqui e alli, de aguas negras, ou escuras, correspondendo á localização de seus igarapés, seus paranás e suas lagôas. O mais seria uma serie de ilhas, pequenas ou até mesmo avultadas, correspondendo ás terras firmes das margens, a ilhas somente de inverno e a ilhas definitivas ou propriamente ditas. (2) Possivelmente ver-

(1) — Comparação adaptada á phisionomia propria do Juruá, de affluente da agua preta.

(2) — Aliás, quem nos poderá oppor que as actuaes ilhas definitivas não o foram, a principio, somente de inverno, e que, com a successão annual, das chuvas, se foram aprofundando os leitos de seus paranás, por onde se interpenetraram as aguas das lagôas? Por isso, sendo hoje ilha quasi despovoada a de Tucuman, merece uma inspecção.

se-iam delgados, porém extensísimos espinhaços de terras firmes privilegiadas, — peninsulas de ligação com o Purús, ou outros rios, donde parecem ser originarios, e pelos quaes se irá aos mesmos. São, porém, raros, taes firmes não fraccionados, ou seja, sem québra de solução de continuidade até o Purús, por exemplo.

Se são essas as terras que escapam á alagação e as unicas capazes dum "directo intercambio", que ainda não tem exploração normal, é de vêr que sobre taes espinhaços, e somente sobre elles, será possível assentar dormentes, trilhos e locomotivas que lêvem os trens, futuramente, ao Purús e a outros trechos.

O governo da Republica e o do Estado precisarão localizar esses firmes privilegiados e levantar-lhes a planta, para que delles resultem benefícios para o intercambio das populações desses extensos rios e para a futura defesa nacional. Em outro titulo, estudaremos o assumpto dessas interpenetrações.

Do exposto, concluir-se-á que o excursionista, autor destas linhas, não fará, a seguir, senão o estudo de ilhas propriamente ditas e importantes por sua extensão.

BRÊO ou **BERÊO** — Contra as vertiginosas aguas do Juruá, os gaiolas consomem 24 horas no seu littoral, como pelo lado interior, serão gastas, pelo paraná do Berêo adentro, outras tantas 24 horas. Trata-se, é palpavel, duma enorme ilha, digna de menção especial. Entretanto, a decadencia da borracha supprimiu, ha muitos annos, o percurso interior da ilha pelos gaiolas. Desses aureos tempos, recorda sua diminuida população a victoria da penetração

dos navios "Costeira", de 12 pés, e do "Lucania", de 14 pés, que figuraram entre os maiores da bacia do proprio Juruá.

As noticias, de procedencia fidedigna, escasseiam á proporção que taes ilhas, verdadeiras, ou não, se acham cada vez mais rio acima.

É o caso de Tucuman, a enorme ilha de inverno, onde se acham as lagôas de Tucuman e Miratiny. Mais abaixo, ou seja, em busca da foz, se segue a do Breu, objecto deste rapido estudo.

A ilha do Breu tem expressão economica: só no seringal Renascença, possui 40 estradas de seringueiras.

MENERUÁ — É tambem muito extensa, formada pelo Juruá e pelo paraná do Meneruá: exactamente 23 horas de littoral, como de percurso pelos outros contornos. Essa esplendida ilha definitiva, pouco menor que a do Breu. ostenta, em seu apparente modesto principio, — uma simples ponta, — o braço ou paraná de Meneruá, das aguas negras, com os seus 300 m. de largura, no inverno. Distae ella, se tanto, 2 milhas da foz do Juruá: nesse percurso, ao longo da margem esquerda do Juruá, impõe o Meneruá sua faixa distincta, até inflectir no meio da ilha da Consciencia, sita á foz: em certa epoca do anno, ha, nessa embocadura, a influencia de aguas de tres rios, a saber: as do Solimões, do Meneruá e do Juruá.

Descrevemos, a seguir, a importante ilha de **Meneruá**. Ella é, geologicamente, hybrida na sua formação, reunindo em metade a sedimentação de terras erodadas por affluentes da zona do Solimões, e na outra metade, de varzeas, correspondendo ao se-

ctor do Juruá. Dahi explicar-se por que, do lado correspondente á faixa de terras do Solimões, ostenta castanhaes, que não existem, nativos, ao longo do curso do Juruá.

Dahi, por outro modo, justificar-se a existencia de seringaes, com a sua bôa gomma elastica, correspondendo ao typo das varzeas do rio em estudo. Uma ilha rica, pois, e variada de feição.

São os seguintes os seus cursos dagua, de mais conhecimento de seus habitantes: furo do Bóia, paraná do Meneruá, lagôa de Sacambô, francamente navegaveis, nas cheias, inclusive por gaiolas. O circuito dessa extensa lagôa representa duas horas a vapor, para a carga de castanhas e recolhimento de borracha: ella se communica por duas passagens com o paraná do Meneruá. Do lado opposto da ilha, transposto este paraná, poder-se-á attingir a margem do Solimões com 3 horas a pé, ou de canôa, conforme a estação.

A ilha, alem de seringaes e castanhaes, possui florestas de madeiras de lei, correspondentes aos terrenos firmes: vêem-se nella o cedro, o mulateiro, a andiroba, etc.

Entre os seus rios propriamente ditos, affluentes de Meneruá, devem citar-se, á direita de quem sóbe, o igarapé do Mamuquina, dotado de castanhaes, o qual se communica com Fonte-Bôa (Solimões, secando, porém, no estio; Breuzinho, paraná do Jacy, que tem communicação com o lago do Bôto e o de Jacy. Ha, outrosim, ainda a registrar, o rio Pirum, ficando-lhe perto o lago de S. Domingos, o rio Meneruázinho e o Arabidi (todos affluentes do paraná do Meneruá).

À margem esquerda, no mesmo sentido: o Igara-pé-assú. Lago: o de igual nome. Quasi todos esses rios têm castanhaes e cacoaes, ou seringueiras.

O Meneruá só é, porém, navegavel por grandes navios no inverno. Em geral, os seus citados afluentes não seccam.

Na fóz do Juruá — Os indios, que falavam o guarany e conheceram o extenso rio chamaram-no "yuruá" — "rio da bocca larga".

O Juruá, no inverno, é de convir, chega a attingir **largura** consideravel, até a média de 5 dias de navegação a vapor, partindo de sua fóz. Não ha exaggero em dar-se-lhe 1.000 metros, em certos pontos, e dentro daquelle espaço de tempo, 600 metros, sobretudo no elegante e largo recorte de suas enseadas.

Depois, a largura vai gradativamente diminuindo: 500, 400 e, até S. Felipe, a media de 300m. Isso nas cheias. Na vasante, mercê das praias, que, por vezes, se extendem até o meio do rio, reduz-se bastante essa largura. Assim, (1) será de 150m. pouco antes de receber o Tarauacá, 226m, na altura da cidade de João Pessôa, 100m, em Cruzeiro do Sul e até de 60 metros na cercania do longinquo Báu.

As praias são calculadas em cerca de **mil**: Ihering, louvando-se em Garbe, calculou de 20 a 40 as praias que se encontram, por dia, de canôa, descendo o rio.

Sentimo-nos em duvida sobre a avaliação da largura da foz propriamente dita. Os praticos da Amazonia se impressionam com a circumstancia de que, ao meio da ilha da Consciencia, — pequena,

(1) — Registro de Bellarmino

alagavel, de vegetação secundaria, se procésse o **divortium aquarum** das correntes do Juruá e do Solimões (aliás, com a faixa negra, separando-as, do Meneruá).

A modesta ilha fica ao meio das linhas inclinadas com que termina o mais extenso dos tributarios do Rio-Mar. Por esse criterio, mede-se a largura da extrema direita da ilha para a margem meridional, importando em 600 a 700 metros.

Dois ou tres engenheiros, aos quaes ouvi posteriormente sobre a materia, inclinaram-se a admittir que o extremo de cada linha deveria ir ao extremo da outra, passando pela ilha: na hypothese, no auge da enchente, o Juruá ostentará, então, cerca de 2.000 metros de largura, contra o criterio opposto, de 600 metros, apenas. Será, assim, o "rio da bocca larga" dos indigenas."

Abaixo da ilha em apreço, formou-se uma segunda: primeiro surgiu como simples banco, depois praia, e, mais tarde, despontou uma vegetação de capinzaes, destituida de qualquer importancia. Prevê-se que ainda se ligarão as duas, pois a segunda vai se approximando gradativamente da primeira, nas vasantes, pelas sedimentações verificadas.

O Juruá, ao contrario do Purús, é de correnteza vertiginosa: desloca a media de 3 nós horarios, á altura do Tarauacá 5, e até já houve quem lhe accusasse 8 nos trechos das "corredeiras", de declividade naturalmente ainda mais accentuada.

Uma vez que poucos homens de sciencia o têm visitado, será justo registrar, embora accusando as reservas mais naturaes, as varias versões encontradas, ou lidas.

Assim, o Barão de Marajó, um dos publicistas mais versados em conhecimentos amazonicos, escrevia em 1895 (1): "Além da bocca principal, por onde lança suas aguas no Amazonas, tem este rio tres canaes que, tomando origem, vão desaguar mais abaixo, na ordem seguinte: "furo" Guará; "furo" Ararycoara e "furo" Comadre; este ultimo se comunica e até creio que fórma o lago **Cupacá**, (2) que tem o seu desaguadouro no Amazonas, logo abaixo dos tres mencionados furos ou boccas.

Destes, o Ararycoara é descripto por Baena como independentemente do Juruá, mas as explorações modernas e frequentes têm mostrado que é elle um dos canaes pleos quaes o Juruá escôa suas aguas".

Infelizmente, o escriptor em apreço não desceu a pormenores sobre as explorações, que, ao tempo, assevera "serem modernas".

Aos velhos commandantes, a cuja longa observação devemos parte de nossos subsidios, expuzemos essa assertiva: nenhum delles declarou saber da existencia de taes "furos".

Um até negou categoricamente que existissem. Seria, porem, interessante para a geographia e, em especial, para os interesses de rio tão importante, averiguar a procedencia de taes versões, que, a serem verdadeiras, estabeleceriam modica e rapida communicação com outros rios.

Não é hoje positivamente exacto que do rio Madeira, através de varios canaes ou paranás, se vai sahir em Maués e, depois em pleno Amazonas, á al-

(1) — "As Regiões amazonicas."

(2) — O Padre Constantino Tastevin, em 1927, em "La Géographie", fala do rio Cupacá como affluente do Baixo Juruá. O Padre-explorador é conhecedor do Juruá e do Solimões, tendo importantes estudos sobre os mesmos.

tura de Parintins, em distancia muito accentuada? Na Revolução de 1924, por exemplo, os revoltosos de Manáos, Obidos e adjacencias, embarcados, escaparam á acção do governo central, que contra elles enviara navios e tropas, desviando-se das mesmas margens do Amazonas e passando-se successivamente para o extremo paraná do Ramos (23 horas a vapor até Maués), dahi para o paraná de Urariá e deste para o paraná dos Abacaxis até a penetração do Madeira, donde poderiam ter-se internado indistinctamente em Matto-Grosso, ou na Bolivia, depois de percorrerem, — inatingiveis, graças ao desconhecimento da geographia da Amazonia — canaes extensissimos, que se communicam com differentes e importantes rios, como possuem affluentes, formando um admiravel labyrintho hydrographico.

Por que, em conclusão, não se devem investigar todas essas mesmas duvidas geographicas que tanto interessam ao Juruá?

Os segredos de taes communicações não devem constituir o luxo duma simples pesquisa de ordem geographica.

Elles terão, um dia, expressão eminentemente strategica, ou seja, constituirão materia relevante para a Defesa Nacional.

Enquanto nós, os brasileiros, nos fatigamos só em percorrer algumas das dependencias de todo um patrimonio territorial precioso, burlador do tratado de Tordezilhas e que se haveria de decidir pela cathecheze das Missões, pelo **uti possidetis**, ou seja, pelo desbravamento, pela exploração, pela posse, pelo povoamento e pela administração de brasileiros de differente procedencia, — porem do nordeste, em espe-

cial; emquanto, com orgulho quasi infantil, ostentamos o septentrião, que desconhecemos, e que custou a vida dos "caucheiros", as explorações, atravez de toda a sua mocidade, de Thaumaturgo de Azevedo, e as vigílias e a acção diplomatica final do Barão do Rio Branco, — aos estrangeiros devemos muitos conhecimentos da zona mysteriosa. Assim, no Juruá, se vêem Chandless, interessado pela sua geographia; Von Spix, levantando o dialecto dos Catuquinas; Charles Brown augmentando, em 1874, o primitivo mappa de Chandless; Stradelli e Horacio Williams, nos albores do seculo, controvertendo sobre a cartographia do extenso curso; o official Hilliges, da marinha allemã, traçando extensas plantas de sua navegação; entre 1901 e 1903, Ernesto Garbe e seu filho e secretario Walther levantando a palma dos primeiros estudos naturalisticos; em 1904, Von Ihering publicando, nas revistas scientificas da Europa, uma noticia dessa excursão, que coordenara, aliás como Director do Museu Paulista; o padre Tastevin consumindo, alli, sua mocidade, e, ainda em estudos de 1927 e 1928, publicando extensa grammatica do guarany e estudando os seus indios e a região, em linhas geraes.

Não nos surprehendeu, pois, o interesse doutros estrangeiros, nos nossos dias, pela terra maravilhosa, quando, a bordo do "Amonea", sahido do Juruá, no labyrintho das ilhas do Solimões, soubemos do Commandante e de seus praticos, todos navegantes antigos e inexcedeveis em pericia, que, numa das viagens anteriores, o navio suspendera a marcha, ao signal duma elegante lancha-automovel: na sua pôpa, confortavelmente installado, com um mappa em levantamento sobre larga mesa, via-se um enge-

nheiro japonês, devassando todo aquelle labyrintho, e que mandara indagar do nome de certo rio, como já sabia os nomes das ilhas, dos furos, dos paranás, doutros igarapés, organizando uma planta maravilhosa de pormenores...

**De como se passa do Juruá para o Ucayale e o Purús.
As comunicações com o Javary e Jutahy**

O sr. Octavio Roseira Mendes, ora no exercicio de Director da Bibliotheca Publica do Pará, e que demorou 18 annos na zona do rio Juruá, na vespera de nosso regresso da Amazonia, assim nos traçou o itinerario, que, certa vez, percorrera, para alcançar o Ucayale e sahir em pleno rio Amazonas: começou por se passar do Juruá para o seu affluente Juruá-Mirim, e, num percurso de 2 dias de viagem a canôa, subiu por um tributario deste, o igarapé Bocunha, cujo leito acompanhou durante 8 horas. Nesta altura, caminhou um dia, até encontrar o igarapé Putumayo, pelo qual desceu, então, até o Ucayale, consumindo, desta vez, a favor das aguas, apenas tres horas. O Ucayale terá, ao receber o Putumayo, a media de 300 metros, até attingir cerca de 2 kilometros.

Encontrou, no rio peruano, cidades, como Pocarpa e Contamana, esta rodeada de montanhas e achando-se a 2 dias de distancia o lago "Tierra Blanca", onde submergiu a cidade de igual nome, arrastada por um terremoto (a zona do Ucayale é, aliás, sujeita a esses phenomenos). Mais abaixo, recebe o notavel curso peruano as aguas do Huallaga, até encontrar-se com o Marañon, que, no Brasil, entrará com o nome de Solimões.

Pablo Villanueva, por seu turno, como espirito esclarecido, peruano voltado para as pesquisas sobre as coisas de sua patria, nos revêla variadas penetrações da zona do Ucayale com o Juruá. Preliminarmente, accentúa que o "varadouro" mais curto é o do Cohenhua ao Huacapista, porque se encontra no trecho em que o Juruá se avisinha mais do Ucayale. Refere-se á "communicação commoda entre a parte alta do Juruá e a do Ucayale, que correm no mesmo sentido e **só estão separados por uma faixa de terra estreita**".

Fóra essas penetrações, enuméra os seguintes 5 varadouros principaes:

- Do Utuquinia ao Môa;
- Do Abujáó ao Juruá-Mirim;
- Do Abujáó ao Môa;
- Do Tamaya ao Amonea;
- Do Tamaya a Ouro Preto.

DAS COMMUNICAÇÕES COM O PURÚS

Temos noticia de diversas fontes, nesse sentido.

Tavares Bastos, em 1866, citara uma versão admitindo se communicassem as aguas do Juruá com as do Purús, por meio duma ramificação consideravel, a 300 leguas da foz. Ninguém, autorizado, nos confirmou a existencia dessa ligação. A maioria mesma negou a existencia desse corredor liquido, que, a existir, seria providencial para um facil, modico intercambio de duas grandes zonas productoras.

De que se poderá, porém, duvidar dentro do labiryntho amazonico?

As duvidas só se podem, alli, resolver "de visu"!

O rio Purús inaugurou, faz pouco, a sua linha de aviões. O Juruá, segundo nos consta, está a inaugurar a sua linha aérea. Pois bem. O governo deverá crear commissões de investigações geographicas, a cujo serviço, além do transporte fluvial, lento, fiquem alguns dos innumerados aviões militares, ora concentrados no Rio.

Em poucos minutos de vôo, cortar-se-á a zona que comêça no Juruá e termina no Purús: rios que exigiram dias a pé, ou de canôa, seriam, em instantes, acompanhados, em seu curso, até a identificação com as nascentes.

Somente ao aeroplano estaria reservada a verdadeira revelação da Amazonia: que elle, pois, realizza, dentro de poucos meses, tudo que jaz no mysterio, desde Orellana aos nossos dias.

Os aviadores militares prestarão um relevante serviço á causa do Brasil.

Reatemos, porém, o fio do assumpto.

O mais interessante, nas versões reproduzidas por Tavares Bastos, é que, ao tempo, já se admittia a communicação do Juruá com o Ucayale.

Pois bem. Muito acima da foz do Juruá, poder-se-á ir ao Purús traçando o seguinte itinerario: penetra-se o Tarauacá, (1) subindo-se por suas aguas até encontrar a bocca do Paraná do Itucuman, donde, por terra, se attingirá o rio Pauhinny. Sendo este um notavel affluente do Purús, será, pois, uma questão de acompanhar o seu curso.

Outra penetração: do rio Jurupary (affluente do

(1) — Da foz do Tarauacá ao Itucuman são 7 dias de canôa e mas 4 horas, agora por terra, para attingir o Pauhinny

Envirá), attingir-se-á, por um varadouro, o mesmo Pauhiny, citado affluente do Purús.

Isso occorre muito longe da foz. Mas, no primeiro trecho do Baixo Juruá, sabe-se que, aos poucos dias de navegação a vapor acima da foz, o Juruá se liga assim com o mesmo Purús: do firme do seringal "Bacaba" vara-se até o Purús, com 6 horas, isto é, vai-se ter sempre por um firme interior, extenso, até o encontro com terrenos que já pertencem á zona do Purús, sahindo á sua margem, attribuidamente.

Este será um dos trechos fadados para o lançamento duma futura estrada de ferro, se se confirmar a continuidade do espinhaço duma extensa terra firme partindo duma corrente e terminando na outra.

Bellarmino tambem recolhera referencias dos habitantes: "ha noticias de passagens do Chiruan e Bauana Pixuna, affluentes da margem direita do Baixo Juruá, para o curso inferior do Purús pelo tributario deste, Tapauá, — e ainda do Envira, por seu confluente Jurupary. **Tambem ha tradição de communicação do Juruá com o Jutahy** por um dos paranás e por Igarapés da margem **esquerda daquelle**".

É preciso não esquecer esta particularidade geographica, elementar para os da região; **vai-se ao Purús pela margem direita, e ao Jutahy pela esquerda do Juruá.**

Chandless, que percorreu ambas as zonas, escreveu; "Encontrei indios que, 4 meses antes, tinham vindo da visinhança do Purús. Desceram do rio Cuniuá para o Tapauá (affluente do Purús) ou algum braço deste, e subiram por elle e finalmente passaram (entendi que arrastando as canôas por algum varadouro) para o Chiruan e, assim, sahiram no Juruá."

"Mr. Castelnau refere que o Bauana Pixuna tem comunicação com o Tapauá, o que pode sêr, apesar de sêr igarapé dos maiores. Porém os índios Aranas, que moram perto, me disseram que não sabiam de tal comunicação."

Mais adiante, sabido que o explorador inglês excursionou guiado por patricios nossos, refére: "o sr. João da Cunha Corrêa me disse que o Tarauacá, a 8 dias de viagem da foz, tem um affluente chamado Embira, e foi deste rio, ou antes, do seu affluente Jatuarana-paraná que se passou por terra para a margem esquerda do rio Purùs".

Para fecho deste capitulo, que reúne depoimentos e tradições, vale a pena trasladar para aqui um "raid" sensacional que comêça no Javary, desta vez, até o rio Madeira, passando pelo Juruá e Purùs (e rios intermediarios) conforme relata Euclydes, o pintor do Purùs, em "A Margem da Historia": "Em 1904, o official da marinha peruana, Germano Stiglich, encontrou no Javary varios brasileiros, que o surprehenderam com a simples narrativa de uma travessia costumeira, ante a qual se apequenavam as suas mais estiradas rôtas de explorador notavel. Registou-a em um de seus relatorios; os sertanistas entram pelo Javary, subindo o Itacoahy até as cabeceiras; varam dahi, por terra, a buscar as vertentes do Ipixuna; alcançam-nas; transmontam-nas; descem o pequeno tributario; chegam ao Juruá; navegam até S. Felipe (hoje João Pessoa), onde inflectem, penetrando o Tarauacá, o Envira e o Jurupary, até aonde subam as suas canôas ligeiras; deixam-nas; rompem outra vez por terra e encontrarem o Purùs nas cercanias de Sobral; descem, embarcados, 760 kilometros

do grande rio até a foz do Ituxy; e enveredando por este ultimo vão, depois de uma outra variação por terra, attingir o Abunã, que baixam, abordando, afinal, á margem esquerda do Madeira”.

O saudoso escriptor, que desce a minudencias, considera o extenso itinerario **de pouco mais dum mês,**

CLIMA

Quando se fala da Amazonia, tem-se a idéa exaggerada de que ha pantanos por toda parte, onde reina o paludismo, invariavelmente. Assim como o nordeste tem, no littoral, clima humido e, detraz de suas apreciaveis praias, occulta zonas de extensos mangues, com uma população paludosa, facto que ocorre no “agreste” de certos Estados; assim como ha “zonas de afogados” e a enorme faixa do S. Francisco é sujeita á endemia, inclusive em Minas-Geraes e extendendo-se por grande trecho do nordeste; assim como o Rio conheceu a Baixada Fluminense e ainda não dissecou todos os charcos da Leopoldina; assim como o littoral paulista é insalubre, em grande trecho, sem que, por isso, se obscureça o elogio do clima secco e estavel dos sertões, dos ares de sanatorio das serras, espacejadas pelo interior do nordeste, do clima proverbial de Minas e de Campos do Jordão e da faixa sadia do Paraná ao Rio Grande do Sul, — da mesma fórma não se deve suppôr que a Amazonia tem somente os Xingùs e os Javarys...

Ha necessariamente zonas salubres e zonas doentias: estas mesmas, com o povoamento e os cuidados

collectivos e pessoas de hygiene, acabam por perder o renome da primitiva insalubridade.

Não seria possível vencer a selva com uma legião de paludosos e de pauperados.

O clima do rio Juruá figura entre os mais saudáveis de toda a Amazonia, fazendo-se, em especial, o elogio da parte acreana, ou seja, na razão crescente da altitude. Não nos esqueçamos de que, em varios rios da bacia, desaparecem as aguas no curso superior, durante o estio.

Von Ihering disse que é "geralmente ameno e sadio".

Lopes de Campos, em sua "Climatologia Médica", procedendo a uma pesquisa sobre a longevidade na Amazonia, concluiu que "sendo a zona do Juruá muito sadia, é de ver que haja, alli, muitos octogenarios".

O Autor destas linhas, na variada convivencia que estabeleceu, em sua excursão, observou, pelo menos, grande numero de casos de pessoas, inclusive os nordestinos, attingindo e ultrapassando a idade de 60 annos com excellentes apparencias de saúde.

No rio em estudo, a temperatura é agradável, notando-se pouca quantidade de calor no inverno: tem alguma ventilação, de differentes direcções, embora não seja regular, como a viração de Marajó, do Nordeste, etc.

No interior, em trechos de grandes plantações, tem-se notado a ausencia de "piuns", mosquitos diurnos que, embora não se comprehendam entre os transmissores do paludismo, são incommodos e se encontram tambem em Matto Grosso e outros Estados.

O clima é, no verão, decerto quente, sobretudo

em determinadas horas da tarde, dando-se os habitantes á "séta".

Nas proximidades do estio, que se inicia propriamente em junho, a exemplo de outras caudae, registava-se o phenomeno da "friagem", consistente em cerrações acompanhadas de violenta baixa de temperatura, que, pelo contraste, dizima animaes e peixes e, ás veses, têm provocado casos de pneumonia, entre os menos precavidos.

Ainda em 1930, o Boletim do Posto Meteorologico de João Pessoa (antiga S. Felipe) accusara 10.º, temperatura desconhecida em todo o littoral do norte e no centro da capital do paiz.

Dizem coincidir a friagem com o degelamento dos Andes.

É hoje, no entanto, assente que as cheias do Juruá não dependem desse phenomeno, e sim das suas copiosas chuvas.

Nestes ultimos 4 a 5 annos, os mais antigos habitantes estranharam que não se verificassem nem as "friagens", nem as grandes enchentes.

E' curioso registrar aqui as impressões dum distincto medico, dr. Abel Pinheiro, na sua "Contribuição para o estudo do saneamento do Juruá", maxime sendo o Director do Posto de Prophylaxia de Cruzeiro do Sul, a mais importante cidade da região.

Declara sêr, por exemplo, quasi totalmente isento de leichmaniose; affirma "que, ao contrario do que se julga, os lagos não são viveiros de mosquitos, estando os habitantes de suas margens quasi ao abrigo total dos sugadores", attribuindo ainda "que as larvas são devoradas pela incrível quantidade de peixes."

Quanto ao beri-beri", grassou principalmente, em epoca, que já vai muito longe, com certa violencia, no Tejo, Juruá-mirim e Tarauacá (affluentes)).

O Autor combate o preconceito de que a coincidência do impaludismo se prenda ás enchentés, pois, assegura, "o paludismo assola perto das nascentes dos tributarios do Juruá, onde não ha alagações, como regista que não augmenta o mal com a vasanté das aguas do mesmos igarapés".

Denuncia que, nos mesmos affluentes, os indios são culpados de "emprestar uma pseudo virulencia "ao hematozoario, pelo uso de plantas para pesca. A seu ver, "taes plantas, alterando a agua ou actuando sobre o organismo, enfraquecem a resistencia organica, ou ainda fazem que a agua, expurgada dos larvivoros, melhor se preste á evolução dos parasitas".

É sabido, accrescentemos, que os indios usam a raiz do "timbó" para suas pescarias: é a mema de tão alta toxidade que determina a morte, dentro de 3 dias, com symptomas que se diriam de paludismo.

Tão venenosa é, em verdade, que, vendendo-se para a fabricação de formicida, que se usa com o seu nome, pode causar accidentes de saúde aos que a manipulam.

Por influencia, possivelmente, de usarem das aguas crúas dos rios, sem filtrá-las, nem fervê las, no commum, nota-se que muitos habitantes são affectados de doenças dos intestinos, taes como colites, dysenterias, etc.

A titulo de comprovar a these de sêr o clima sadio, vai um demonstrativo, abaixo, do Posto Meteorologico da cidade de João Pessôa:

Cidade de João Pessoa — Antiga São Felipe.
Estado do Amazonas.

— Estado do Amazonas

Rio — Juruá — Estação Termo — Pluviométrica e
Hidrométrica.

Informações prestadas pelo ex-observador: A. de
Alencar Fialho — Anno de 1933;

Latitude	6° 43' 00"
Longitude W. de Grw.	69°00"—4 h. 39'48"
Altitude acima do nivel do mar.. . . .	103m.89
Pressão barométrica (Media de 2 meses)	749.7 (m/m)
Temperatura media (1 anno de observações)	25°7 (°)
Media das maximas (idem idem idem) .. .	30°8 (°)
Media das minimas (idem idem idem) .. .	20°6 (°)
Maior maxima verificada	35°0
Menor minima	10°2 (friagem)
Chuva total em m/m	2415.6 (m/m)
Maior queda de chuva	65.7 m/m
Vento — Direções predominantes .. .	calmo — SW
" —Velocidade m. por segundo	0.3
Nebulosidade — quantidade de céu coberto ..	7.0
Numero de dias de chuva em 1933	176 dias
Largura do rio approximadamente .. .	400 mets.
Maior enchente do rio (1929 a 1933)	15m.70
Maior vasante (mesmo periodo)	0.02
Amplitude desses valores.. . . .	15.68
Distancia em milhas de Belém-Pará ..	2649 (milhas)
" " " " Manáos .. .	1724 "
" " " " Foz do Juruá	1213 "
" " " " Caracuary ..	819 "
" " " " Cruz. do Sul	415 "

Superf. do municipio (Comm. de Limites) 57.740 mts.2

População do municipio (recenseamento de 1930): 13.565 habitantes.

Essa é a observação relativa á cidade de João Pessôa. Vejamos as medias climatologicas apresentadas por Moritze, nos seus "Dados referentes á climatologia do Brasil".

Logar	Pressão barométrica O	Temp. cent.	Tensão do vapor	Humid. relat. %	Altura da Chuva	Nume. dias chuva	Ventos dominantes
Alto Juruá geral	745,6	25,3	20,7	85, 4	2455,0	—	N-S N-E N-W

A alimentação era pobre, nos tempos aureos da borracha, apesar de cara, de vez que se compunha de xarque, alli chamado "jabá", carnes, legumes em conserva, etc. Não havia a generalização de agricultura. Os habitantes, em norma, queriam dedicar-se á industria do cauchô, ou da borracha, evitando a profissão de pescadores e lavradores.

Farinha, milho, arroz, todos os generos alimenticios de primeira necessidade eram importados.

Raramente se abate carne de gado, inclusive nas varias villas e cidades, que possui hoje o rio Juruá. Os campos marginaes escasseiam; a criação é diminuta em cada seringal.

Dahi, por exemplo, concluir Araujo Lima, brilhante autor de "Amazonia e o Homem", que, com a crise, obrigada a população a voltar-se para a agricultura, se revigorou, numa alimentação chimicamente mais rica, dotada de vitaminas, trazendo como consequencia o desaparecimento, em linhas geraes, do

"beriberi", que elle, ao lado de certa corrente medica, considera como uma **avitaminose**.

O melhor elogio do clima, como das possibilidades do Juruá, foi feito nestas linhas por Hermann Von Ihering; "O factor mais importante para o desenvolvimento e o progresso da região do Juruá é o clima relativamente saudavel, e é licito suppôr, sem grande medo de errar, que a esta parte do Brasil esteja reservado um grande futuro e um desenvolvimento sobremaneira vantajoso".

FLORA

É, sem duvida, variadissima.

O rio deve sua descoberta, por exemplo, a sêr mais abundante de plantas medicinaes do que quaesquer outros.

É bastante lembrar a salsaparrilha, com os seus 3 typos, a salsa propriamente dita, a salsacaroba, e a japécanga, a baunilha, o cacau, nativo tambem, a copahyba, a coca (em certos trechos), as sementes do cumarú, a ipecacuanha, o jutahy, camapù, jaracatiá, matamatá, a sorveira, o urucú, o assacù, naturalmente em doses homoeopathicas, o abútua e a planta tipi, aturiá, o uxi, além de outras variedades, que deixamos de citar, por constituirem especies vegetaes communs a outras regiões do paiz.

As palmeiras, geralmente fructiferas, como o asahyzeiro e a bacabeira, de cujos fructos se fazem typicas e saborosas bebidas, com a composição rica de ferro, o burityzeiro, de cuja polpa se faz apreciado doce, são traços predominantes da belleza das mattas, á sua margem.

No interior da selva, de preferencia nos "lagotes", vicejam as victorias-regias, que têm o nome indigena de "Uapê-jaçanã", pelo facto de serem as jaçanãs os pernaltas que pousam perto da rainha das flôres silvestres, nas copas que se collocam aos lados da lendaria flôr.



**Lagóte (Seringal Tres-Unidos), offerecendo o bello
espectaculo da victoria regia**

A victoria-regia, cujo diametro é o dum girasol desenvolvido, reveste-se da alvura da açuena, de manhã, e de côr-de-rosa um tanto vivo, durante a ascensão do sol. Seu caule, com base no fundo dos lagotes, offerece, ás veses, 2 ou mais metros de comprimento, e é todo erigado de grandes aculeos protectores, que se vêem ainda em cerca de 5 petalas protectoras das verdadeiras, as quaes lhes servem, tambem assim, de revestimento e defesa. Taes espinhos ainda se vêem abaixo das cópas, de verde claro, de perfeita fórmula circular. Tanto a parte inferior da co-

pa, como as ultimas petalas verdadeiras da victoria-regia, têm côr approximada da que se vê nas orchideas.

E, por falar de orchideas, cumpre frisar que não attrahem somente pelas suas delicadas côres, pois que, ao serem colhidas, desprendem perfume typico, flagrantemente silvestre, porém agradavel.

As ingazeiras selvagens exhalam um forte aroma, no recesso das florestas, á margem de lagos e igarapés, durante o periodo de sua floração.

As pacaviras e as sororócas, plantas condignas de parques, enfeitam as margens das varzeas, ultrapassando, por veses, dum metro do solo.

Os cipós de typo mais tenue fiam verdadeiras cortinas, de folhagens delicadas,, que védam, em largos trechos, a vista immediata da matta adentro...

É depois de vêr a vegetação rachitica das praias que se alégria a pupilla com a successão de altas arvores, expressivas ou majestosas como a sumau-meira, o cumarú e os mulateiros, que, ao cahir da casca, sempre ostentam outra côr: sete côres, ao todo, no processamento completo de suas mudanças.

De modo que, lado a lado, se vê um caule furtacôr e um outro negro, um terceiro de côr enxofrada, e assim por diante.

Se o viajante faz de turista, isto é, se se limita a vêr a selva de bordo e quando muito pisando os primeiros metros da margem, sem penetrações maiores, lastimavelmente indo e tornando nesse caracter de "embarcado", — colherá a falsa impressão de

que as arvores amazonicas não desenvolvem a excepcional opulencia que lhes relatara a tradição.

Vimos que a sumaumeira, á margem do rio, não cria "sapopembas", não se avoluma notavelmente, como também que os mulateiros se succedem, as mais das veses, esguios.

No entanto, a dez minutos, a pé, do barracão do seringal "Tres-Unidos", em matta que chamaremos de "civilizada", pudemos contemplar uma sumau-meira, que, sem sêr das maiores, naquella propriedade, nos exigiu desesete (17) braças para o seu circundamento.



Gigantesca sumaumeira, cujo tronco exige 17 braças para seu circundamento (situado a 10 minutos, a pé, da margem do seringal Tres-Unidos)

Mulateiros, vimo-los igualmente de altura e de largura admiraveis no seio da selva.

Dahi explicar-se o facto de só ter visto o general Bellarmino, subindo o rio até ás nascentes, sem tempo para penetrações lateraes, a maior sumaumeira apenas dotada de 4 a 6 metros de diametro e de 25 a 30 de altura.

Elle mesmo citou a estupefacção dum explorador inglêz, que, penetrando em certa zona amazonica, testemunhou o inesquecivel espectaculo da majestade duma sumaumeira, cujo diametro era de 57m2 e 171m6 de circumferencia.

Entre os gigantes da floresta, ha varios outros, como o cumarù, a massaranduba, etc.

É surprehendente ver-se um cipó, o "cipó-mata-dor" ou "apuhizeiro", aliás tão magistralmente estudado por Barbosa Rodrigues, o insigne naturalista mineiro.

De simples cipó, enroscando-se em qualquer arvore, fragil como a mais virente, qual serpente de admiravel força, ou enorme polvo vegetal, se multiplica e a comprime, sugando-lhe a seiva e matando-a: acaba por envolve-la na sua "tessitura" compacta, guardando-lhe os despojos, "especie de estranha urna funeraria", e só então sólta os seus galhos, de vegetação sympathica e inconfundivel, orgulhosa de ter creado uma "fórma nova", na qual jamais se descobrirá a antiga arvore secular.

O apuhizeiro é, sem duvida, o rei dos "parasitas", e parece antes um correctivo, de ordem biologico, da plethora do mundo vegetal, na Amazonia.

Ha milhares de outros cipós, sem serem nocivos, numa ligacção phantastica das arvores uma com

as outras, em toda a extensão da matta: muitos são grossos, de absoluta resistencia, supportando o dorso agil dos simios e os corpos herculeos de indios, que por elles escalam as grandes alturas da copa florestal.

Algumas especies dão "agua", ou seja, um liquido, o qual, apesar de não saboroso, é capaz de "saciar"; provámo-lo, por signal.

Fala-se que é preciso não o confundir com outra especie, cujo liquido terá effeitos toxicos.

As taquaras, especie de bambù amazonico, de-têm agua, segundo se sabe mais saborosa.

Ha uma infinidade de palmeiras, muitas veses cheias de espinhos, na matta amazonica.

"Bamburraes" são trechos de terrenos baixos, deprimidos, como que de lagos extinctos, ou de antigas passagens do rio, onde a vegetação typica é de palmeiras anãs, os "marajás", de 2 a 3 typos. Compreendem taes trechos, ás veses, a extensão de kilometros: cobrem-se as palmeiras parcialmente de agua da enchente.

No inverno, anda-se de canôa: a "clareira", a uma certa altura da matta, indica a margem do rio principal, ou a existencia de lago: o "bamburral" engana, obriga a retroceder e a procurar melhor roteiro...

É um espectaculo inedito penetrar selvas tão opulentas, mergulhadas, com a fuga dos animaes á approximação do dilluvio de 6 meses.

Morrem, é logico, milhares de vegetaes: a "selecção natural" não será somente para os homens, será tambem para vegetaes e animaes.

— Abundam os frutos silvestres, os das palmei-

ras, o cacau nativo, os frutos do cumarù, que, cosinhados ou assados, são saborosos, como nutrientes, etc.

— Mais de 50 annos se contam, em todo o territorio, de derrubamento de arvores, para commercio de lenha e combustivel dos navios e dos habitantes em geral. Mas a cheia léva novos sedimentos á matta; ella se refertiliza. Tudo rebróta. Não ha desflorestamento na Amazonia, ou seja, talvez nunca se possam transformar em largos e extensos campos as suas margens ricamente arborizadas pela natureza.

A madeira de lei, faz, alli, o papel de simples combustivel...

Vejamos algumas de suas qualidades: o cedro das terras firmes, o acapú, a massaranduba, jacaréuba, maúba, itaúba, miratuá, cumarú, amarellinho, violeta, louro rosa, louro abacate, mulateiro, andiroba, sucupira, copahyba, tauary, marfim, carapanaúba, paracuba, fedegoso, etc.

Na zona das praias, crescem as cannaranas, alimento escolhido para a creação: os navios fundeiam entre cannaranas, para mandar ceifá-los, como alimento dos animaes transportados.

FAUNA

Com o "habitat" de terras e de aguas tão opulentas, haveria de sobrevir uma fauna variada, interessante, inclusive com especimes de originalidade.

Quando o naturalista Ernesto Garbe, acompanhado de seu filho Walther, penetrou o rio Juruá, como viajante do famoso Museu de S. Paulo, de 1901

a 1902, detivêra-se em estudos, nos seguintes pontos: S. Felipe (hoje João Pessoa), de 7 de novembro de 1901 a 22 de Janeiro de 1902; dessa data a julho, nos seringas "Matupiry" e "Djeddah", e de agosto a outubro de 1902, no "centro" dos mesmos seringas, trechos presumidamente equidistantes do Juruá e do Purús. No trabalho enfeixado depois por Ihering, vê-se um mappa, localizando a "nêsga" de terras desses estudos, aos quaes tanto ficou a dever o naturalismo.

Diz Affonso de Taunay, ao traçar o elogio funebre de Garbe, que fechara os olhos aos 70 annos, ter, de "sua famosa caçada, levado enorme e riquissimo material: mamíferos, 197; couros, representando 150 especies; aves, 400 couros, em 188 especies, das quaes 7 novas para a sciencia, um numero enorme de insectos, arachnideos, molluscos, che-lonios, ophidios. "O Museu Paulista orgulha-se de possuir a inestimavel collecção. (1)

Desde as avesitas aos maiores passáros, revê-la-se uma grande riqueza. Os pernaltas são encantadores. Vimos garças, umas de plumagem azul e outras de collo doirado, especies cada vez mais raras e já não existentes no importante Museu Goeldi, do Pará.

Resumamos, agora, o resultado daquellas pesquisas, por veses com o nosso depoimento pessoal, mas este voltado para o seringal Tres-Unidos (margem direita, ou seja, o lado pelo qual se poderá penetrar o Purús, e a poucas horas do Tarauacá).

(1) — Antigos exploradores da região, fidedignos, asseguram ter visto, no Tarauacá, cutia dotado de cauda (contra o que se vê na especie) e jacarés de cauda duplicada. Pertencendo o estudo á teratologia, é digno das investigações dos especialistas.

Foram estudadas **188 especies de aves**, com as particularidades seguintes: um typo de ave de rapina preta (*ibyciter fasciatus*), que surprehendera Spix no Juruá, não tendo a especie sido jamais vista em qualquer outra parte do planeta; foram encontradas 3 novas especies e 4 subespecies tambem originaes; varias especies que passavam por sêr privativas de Matto-Grosso, e outras somente dantes referidas como sendo do Perú, alli foram, igualmente observadas.

Ha, em que pareça estranho, aves caracteristicas de campos, como se justifica a existencia de numerosas aves aquaticas.

Observam-se muitas aves migradoras, que fogem sempre á temperatura do inverno: o Juruá as conhece no verão, o sul do paiz tambem as verá em fuga nas proximidades de seu frio.

As gaivotas são pequenas. Avantajam-se, porém, os jaburús, os tuyuyús, os magoarys, etc.

É evidente a imponencia de passaros como o gavião real e o urubú-rei, ou a delicadeza de colorido das araras (2 especies), de curicas e periquitos, dos tucanos, dos guarás e, no dominio das avesitas, o "record" é promptamente batido.

O "yrapurú", do qual nos informaram haver alli 2 qualidades, avulta como o passaro canoro por excellencia, com o incrivel desferimento de notas harmoniosas, comparaveis a notas esparsas dum solista de flauta.

Entre os urubús, de que é o chefe majestoso o urubú-rei, observamos, alem do typo commum, os que têm manchas brancas ao alto da cabeça, e aquelles que as têm de côr vermelha.

Os gaviões variam de qualidade: ha os da mata, os da praia, etc.

Só pelos nomes "vulgares", irmão, agora, sendo citados os ainda não expressamente referidos e por nós vistos no seringal Tres-Unidos: unicornio, mutum, socós de varias qualidades, colhereiras, mergulhões, cararás, arapapás, jaçanãs, arirambas, corocorós, carão, cauan (que mata as cobras e é, para indios e caboclos, ave agoireira), jacamin, cajubim, patos selvagens, de varias qualidades, marrecos, tango do Pará, maracanãs, surucuá, urú, pavão do Pará, picapaus de varias qualidades, inhambús de varios typos, matinta-pereira, corujas de diferentes especies, caborés de varios typos, inclusive a mãe-da-lua, assim chamada porque somente canta nos luares, e muitas outras variedades.

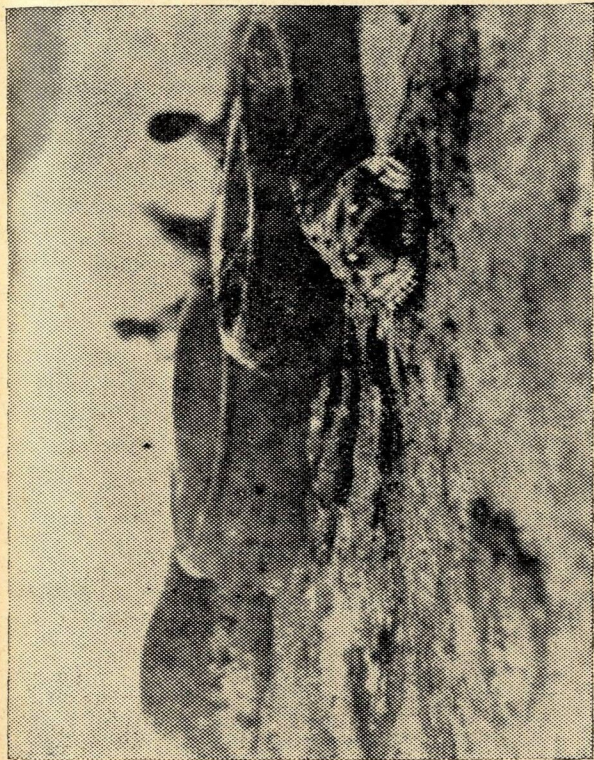
Entre os passaritos, uns são amazonicos, e outros communs a outras partes do paiz: yrapurús, iapós, japiinô, inhambé, corrupção (differente do de igual nome, do nordeste), alma de porco, pipiras (várias), andorinhas, beija-flôres (várias), tesourinhas,, alma de gato, sabiás (varios), juritys e especies de pombos, bigode, caboclo, canarios da terra, sanhassú (varios), bemteví, sangue de boi, patativa, extravagante, corta-ceu, gallo de campina (tangará), graúna, suhyra e outras variedades.

Entre os animais terrestres, foram classificados por Garbe especies caracteristicas da fauna, salientando-se as 16 especies encontradas entre os quadumanos: ha, alli, as curiosidades dos simios de rosto vermelho, appellidados de "ingleses", os que só assobiam de noite, etc.

Ha antas, porcos selvagens, onças de varias

qualidades, tamanduás, ariranhas e lontras, de pelle carissima, capivaras, preguiças, e, apesar de não os ter visto Garbe, os **tatús** em terras firmes, etc.

Os maiores macacos são, na ordem, os coatás, os barrigudos e os guaribas (estes emittem sons cavernosos, que se ouvem a grande distancia).



Cobra sucurijá, verdadeiro monstro de proporções ante-diluvianas, de 30 metros e pouco, — abatida a tiros num lago alimentado pelas aguas do rio Negro. Deve-se a photographia á "kodak" dum engenheiro brasileiro da commissão de limites. O Jurua, segundo a geral versão dos caboclos, tambem possui cobras de tamanho assombroso

COBRAS — Ha, naturalmente, muitas. Attingem, por veses, tamanho fóra do commum. Entre as qualidades venenosas, não se regista a "casca-vel", felizmente.

Entre os reptis, em geral, encontram-se a gibóia, a sucurijú (ambas não venenosas, porém que attingem grandes dimensões) a surucucú, a jararaca, a caninana, papagaioboia, salamandra (estas venenosas), veado, cipó, (assim chamada porque é muito fina e se disfarça entre os cipós), preta, surucucú-facão, cobra-boi (assim chamada por sêr esturrante, ao modo dos bovinos), bico de jaca, etc.

Entre os batrachios, ha o sapo-boi, tambem "esturrante".

CHELONIOS: ha as tartarugas, os capitaris, os tracajás, os jabotís: sua carne representa o melhor prato da região. Seus ovos são comidos cosinhados, ou batidos (arabú): faziam delles, antigamente, uma qualidade de manteiga.

Os da região chamam aos machos das tartarugas de "capitaris", e aos do tracajá de pitiá, iagá ou anuri: "jabóta" é, para elles, a femêa do jabotí.

Os "matamatás" são as tartarugas dos "igapós".

Entre os SAURIOS, o jacaré-assú e o jacaretin-ga. É simplesmente innumeravel a quantidade de jacarés, que se vêem ao longo das praias.

— O Juruá tambem possúe o peixe electrico: segundo observações de antigos habitantes, o "pura-quê" attinge o maximo de 2 metros.

Aliás, experimentámos um desses choques ao simples contacto com a agua, bôa conductora, quando no-lo mostrava o dr. Carlos Estevam, o sabio director do Museu Goeldi, do Pará.

PEIXES — O Juruá é um rio caracteristicamente farto, neste particular: o rio principal, seus igarapés, lagos e paranás são proverbialmente piscosos. Em meio a semelhante fartura, os naturaes devolvem ás aguas os peixes que não sejam de sua predilecção: as "pirararas", por exemplo, que são peixes grandes, de bonito colorido e duma demorada resistencia fóra do ambiente liquido. O tucunaré, a pirapitinga, o matrinchão, o tambaqui figuram entre as qualidades mais apreciadas.

O pirarucú pode-se realmente dizer o "bacalhau da agua doce". Attinge mais de 2 metros, dando alimentação, após seccado ao sol, para muitos dias. Sua lingua enrijece, uma vez seccada ao sol: espinhenta, na parte superior, della se servem os naturaes para ralar a guaraná (producto amazonico, proprio dos terrenos do municipio de Maués), como recolhem suas grandes escamas, malhadas de preto e branco, a titulo de curiosidade.

O peixe-boi é, sem duvida, o maior, e muito apreciado.

A pirahyba, "tubarão da agua doce", não serve de alimento: têm-lhe pavor os naturaes, porque devóra nadadores e naufragos.

Em 1918, por exemplo, vimos, no Solimões, um "filhote de pirahyba", da altura dum homem medio, que foi içado para dentro do gaiola por tres marinheiros.

Os tambaquis são nutritivos: fazem parte da chamada pescaria de "espinhel".

Entre outros peixes, annotados no seringal Tres Unidos, ha ainda o dourado, o jahú, o pirauaca, o caparari, o sorubim, o jandiá, o aruanã, a piramuta-

ba, a pescada, o bacú, o cuicicuri, o peixe-cachorro, as sardinhas, etc., devendo citar-se entre os menores o piranambú, o piracatinga, o mapará, o jutuariana, o mamory, cará, carauassú, piaú, aracú, piranha, pacú, jacundá, trahira, curimatã, bode, jaraquí, arraia, mandim, o terrível "candirú", que, por pressão, rasga a pelle das pessoas, emquando que a piranha "arranca os pedaços", de cada dentada, mocinha, cascudo, arary, jijú, flecheira, matupiry, mus-sú, sarapó, piramoéla, mandubé, peixe-agulha, peixe dicão, baiacú, branquinha, tamuatá, chorona, cangato, bico de pato, braço de moça, mandii do Pará, réque-réque, etc.

Algumas qualidades de peixes deram seu nome a cursos d'agua, como ao Mamory, Matupiry, etc.

Até o presente, não ha a montagem de frigoríficos para peixes, como se vêem no Rio G. do Sul, de recursos naturaes inferiores aos do Juruá.

Tal a impressão, em linhas geraes, da fauna juruaense.

GEOGRAPHIA HUMANA—Plantas medicinaes, factor de penetração, e o caucho, de fixação ao solo. O caucho annulla a agricultura do norte do Estado. Industrias extractivas sem esforço. Imigração do nordestino: differença do novo "habitat". Systema de trabalho. Vida de mutismo e isolamento. Dissociação pelas grandes distancias. A luta com os indios, senhores do solo.—Inactividade humana nas enchentes. Crise. Falta de credito. Difficuldade de transporte. Apego á vida de caça, pescaria, agricultura e permuta de productos. Os "furos", encurtadores das distancias. Lagos e paranás: meio interior, rapido e modico, de transporte. Systema das habitações. A falta de pedra, a madeira. A borracha: seu historico, suas pesquisas, suas estatisticas.—Outras produções: castanha, cacau nativo, farinha, etc.—Industria madeireira.—Villas e cidades no Juruá amazonense e acreano, no Tarauacá, no Mõa, no Amonea. Descripção dos departamentos ou municipios do Juruá e Tarauacá; outras notas.

"O factor mais importante para o
"desenvolvimento e o progresso da re-
"gião do Juruá é o seu clima relativa-
"mente saudavel: antevejo, sem grande
"medo de errar, que a esta parte do
"Brasil esteja reservado um grande futu-
"ro e um desenvolvimento sobremodo
"vantajoso".

Von Ihering

A Economia é, sem duvida, a maior concentra-
dora da acção humana.

No Amazonas e no Acre, seu descobrimento e
seu povoamento se processariam pela lenda do El-
Dorado e, mais tarde, por uma serie de factores liga-
dos á idéa de facil enriquecimento.

A terra é proverbialmente fertil, como o attesta
sua flora pujante.

O rio Negro constituiu, em certa altura, uma civi-
lização agricola, florescente em varios productos, in-
clusive o café, primeiro cultivado do que em S. Paulo.

A terra amazonica é aggressiva de maneira ori-
ginal: no nordeste, pela sêcca, emquando que, alli,
o difficil consiste em vencer a selva, de renascimen-
to pasmoso.

Voltados para a realidade os aventureiros, que
procuraram a Terra Virgem, ainda assim não tive-
ram de que decepcionar-se: nativa era a castanha,
nativo o cacau, nativa a baunilha, nativo o guará-

ná, nativas variadas fórmãs de gomma elastica, a qual seria ainda o maximo do seu esplendor.

Frutos silvestres, cultivados ou explorados desde os indigenas, fartavam a população, que ainda teria por si a abastança da caça e da pesca.

* * *

Por que um rio extenso e cheio de mysterios e lendas, como o Juruá, haveria de sêr procurado por civilizados?

Primeiro, vimo-lo em estudo anterior, pela descoberta, em suas mattas, de muitas e preciosas plantas, de valor medicinal.

Teve nisso a primeira phase de sua procura, porem ainda não de seu povoamento.

A existencia de borracha, sim, é que deslocaria do Pará (cametoaras e gurupáenses), do rio Negro e do Ceará as primeiras lévas de immigrants.

O cearense, morando em terra de clima ameno (a Minas do norte), seria, em ordem physica, impellido pelo flagello da sêcca: fugia á penuria, ia para o "reino das aguas", com a esperanza de voltar rico ou, pelo menos, remediado.

Para a penetração, o caminho seria a subida das caudaes. A terra desconhecia a estrada de ferro. Deslocava-se o eixo do progresso: os rios septentrionaes cediam o passo aos affluentes meridionaes do Amazonas.

Seria penosa essa occupação. Os indios, embora "aldeiados" nos primeiros trechos, derredor da fóz, enchiam as duas margens da enorme extensão por vencer.

Todas as noticias eram de sêr bem predispostos para com os "brancos". Estes, porém, a principio não

cogitaram de expropriar-los da terra: queriam plantas medicinaes, compravam manteiga feita de ovos de tartaruga e alimentos para as excursões, de puros fins commerciaes.

A navegação a vapor, introduzida por Mauá, os collocaria mais rapidamente, até as zonas em que os serviços de aldeamento se haviam feito sentir.

O operario do nordeste trabalha ao lado de outros, é uma tarefa que não lhe rouba character associativo.

O nordeste está, de ha muito, desflorestado. Nos morros suaves, por entre cujas depressões correm simples regatos, d'agua transparente e por sobre trechos pedregosos, ou nos montes de maior elevação, o vento agita somente arvores, ou mandiocaes, ou cannaviaes, estes de feição dominante. Ha ainda os algodoeiros ou, em terrenos doutra constituição, a successão das carnaubeiras.

Trata-se duma natureza secularmente devastada desde o "pau brasil".

O trabalhador, dos campos ou dos "banguês", tem o seu salario.

Tudo differente na Amazonia aos olhos do sertanejo! É preciso realmente vê-la para defini-la: de longe, todas as supposições resultam erroneas.

O nordestino, homem prolifero, cuja familia é patriarchal nos sertões, iria, fugindo á sede e á miseria, a que se reduzira, para uma terra donde esperava regressar "rico".

A viagem era o primeiro sacrificio: o enjão violento, em alguns dias compridos de mar; depois a baldeação em Belém, e novo embarque para a Amazonia, 20, 30 e mais dias de viagem. Nos rios, de

que iriam sêr os "bandeirantes", chegariam, como "homens do povo", naturalmente de "3.^a classe". Essa 3.^a classe abérta, ás mais das veses, de todo asseio ou conforto elementar imaginaveis. Todo estudioso das coisas amazonicas sempre se referiu, com azedume, áquella mistura de "bichos" com "gente", e localização de machinas e depositos de lenha.

Pablo Villanueva, publicista peruano, chamou de "navios homicidas" aos gaiolas, ao vêr suas infectas dependencias de 3.^a.

Imagine-se um quadro de super-lotação nessa ambiencia de mangedoira...

Ferreira de Castro traça o retrato desse comprimimento anti-hygienico de rebanhos humanos. (1)

Muitos rios, por inexplorados, seriam hostis á saúde dos recém-vindos. Outros eram insalubres, normalmente. A escolha do rio faria predizer o geral destino dos emigrados.

Mas o desconforto, a alimentação de "seccos", a exposição ás pragas dos mosquitos, tudo contribuiria para um previo enfraquecimento de energias. Factores de ordem psychica, por sua vez, conturbavam o espirito: á decadencia physica, iniciada na fuga dos sertões, succedia-se a rememoração allucinada do tragico, a saudade da terra, a incerteza do destino dos de sua familia, e a suggestão do "paludismo" e do "beribéri", e a perspectiva de lutas na selva desconhecida com o indio astuto, alem das surpresas de animaes ferozes...

Depois, iria viver no recésso das mattas. Á terra barbara não o acompanhariam, decerto, timi-

(1) — Alberto Rangel, num de seus contos d'"O Inferno verde", figúra um passageiro de 3a. classe atravessado, em sua réde, pelos cornos dum boi...

das figuras de mulheres... Era terra que reclamava heróis.

Os seus "patrões", muitas vezes, haviam começado assim...

No nordeste, o homem offerece o seu trabalho: vencido o dia, recebe o salario, alimenta-se á sua custa, volta a casa, muitas vezes fóra das terras do patrão. Não é pesado a este.

Na Amazonia, é preciso custear o braço, que vem de longe: deixar algum dinheiro para a familia do emigrado, vesti-lo, dar-lhe passagem, por mar, hotel em Belém, novas passagens por outros rios, fornecer-lhe até os instrumentos de trabalho e a subsistencia durante a sua permanencia no mesmo.

É muito diverso. Os braços representam, para o começo do trabalho, uma inversão apreciavel de capitães: é prejuizo certo, no trabalho e no capital do "patrão", portanto, o facto de adoecer, fugir, ou morrer.

Explorou-se que havia, alli, uma escravidão. Ponha-se o assumpto em relativos termos. A troco de dinheiro adiantado, mercadorias, objectos de proffissão, o emigrado promettera desenvolver o seu trabalho: se este não era cumprido, o estranho pacto encontraria a força coactora da convenção dos seringalistas, em casos dessa especie. Estes só poderiam obter novos patrões, se estes pagassem, ou se se responsabilizassem por suas dividas.

Aliás, ao que se saiba hoje, cousa semelhante existe no nordeste e em S. Paulo. Não vai nisso uma defesa cabal, sim um attenuamento ao "item" principal do libello.

O que se poderia combater melhor seria o exag-

gero dos preços dos fornecimentos feitos. Mas, e até nisso foi recto o general Bellarmino em seu relatório, pode-se concluir que as firmas de Mañaos e Belém, de faceis e largos creditos abertos a proprietarios, augmentavam extorsivamente os preços de cada praça. E todas procuravam tirar o effeito de sua justificativa: a firma, argumentava-se, "armava" um navio; isto é, contratara-lhe a construcção em estaleiros ingleses: pagaria uma tripulação crescida, consumiria grandes sommas em combustiveis e na dispensa do navio, vendendo a prazo, sujeito até a oscillações nos preços: os passageiros não representariam lucro, em zona que não era de "turismo"...

E fechava-se o circulo vicioso: firma contra seringal, seringalista contra seringueiro: largos creditos em trôco do encarecimento de tudo...

De qualquer fórma, o regimen do trabalho se modificou. Assim, muitos são os seringaes hoje arrendados aos proprios "seringueiros", os quaes pagam aos proprietarios (seringalistas) uma renda, que varia de 50 a 100 kgs., por par de estradas de seringueiras: nesta hypothese, dá-se-lhes a liberdade de comprar e vender livremente, o que se verifica de preferencia com os "regatões" (embarcações a remo ou a motor, de palha, ou tolda, que fazem de lojas ambulantes, penetrando o rio ou seus afluentes).

A tendencia é, pois, a de se fazer o arrendamento dos seringaes aos proprios extractores do leite das seringueiras, destemidos exploradores da selva.

Os indios civilizados se dedicam á caça, á pesca, á agricultura e á extração de borracha.

O nordestino lavrador seria extractor, agora, do leite das seringueiras.

E trabalharia dentro da matta virgem, só, sózinho, contando comsigo para todos os effeitos: para o "sangramento" das seringueiras e para defender-se de feras e de selvagens.

O homem loquaz da "embolada" vai affazer-se ao mutismo.

O campo associa os trabalhadores: a matta os dissocia, alli.

As longas distancias desagregam, por sua vez, as familias dos proprietarios, as quaes se visitam, mutuamente, uma vez por anno...

Em tal regimen, não se deve estranhar a villa que apenas consta de meia duzia de casas: ella representa a administração e as garantias da justiça. De tão longe que moram, os proprietarios não mantêm, alli, uma casa siquer: a villa ou a cidade primitiva representa o imposto, o voto, a questão de terras. Começa a civilização. Se uns conseguem os seringaes, fazendo-se amigos dos indios, outros os dizem. Os animaes eram bravios: não são esquivos como os de hoje, nas redondezas dos trechos explorados. O seringueiro nos dois ou tres primeiros annos, só poderia vender a borracha produzida ao proprietario.

As compras de mercadorias, em qualquer hypothese, sempre lhe seriam feitas.

Mas o Tarauacá, o Envira, etc., foram os ultimos reductos de indios. Como seduzir o trabalhador? Uma firma, que se propuzésse explorar terras habitadas por indios valentes, daria vantagem aos incriveis audaciosos que quizessem penetrar nas mattas, á mercê dos selvagens: esta consistiria na venda

de toda a producção a quem bem quizessem, logo pelo melhor preço que encontrassem.

Seria começar um "homem do povo" com o lucro de alguns bons contos de réis, mesmo depois de pagas as mercadorias, compráveis somente á firma, que tivéra essa attitude excepcional.

E, em verdade, dahi partiu a fortuna de modestos sertanejos do nordeste, quando os não victimou, na estrada aberta na matta, a cóva coberta de folhas, com fléchas de pontas envenenadas, ou quando não succumbiram em luta com os mesmos indios...

Mas a agricultura não existia. A seringueira era nativa: apenas o trabalho de retalha-la, varias veses, recolher o leite nas tijelinhas, passá-lo para o boião e defuma-lo...

* * *

Seis meses o homem não poderia produzir. As mattas das varzeas ficariam inundadas. Casas de estaca, palha, zinco, ou telha, á flôr dagua. O gado, raro, invernoava, numa enorme ponte de madeira. Actividade excepcional da epoca: o córte de madeiras, para combustivel dos navios, sobretudo nas propriedades dotadas de firmes, geralmente não extensos, fadados a "portos de lenha".

A pobreza desses firmes predisporia a região a não sêr creadora.

* * *

Com a decadencia de 1913 a esta data, a população iria cumprir seu destino de pescaria, de caça, de agricultura, de abatimento de madeiras de lei.

Por Manáos e Belém, exportam-se suas madeiras, consomem-se sua farinha e seu café. O "gramichó", typo inferior de assucar, serve para a zona. Os pei-

xes sêccos para os grandes nucleos do rio, para os navios, mesmo para as capitaes. As pelles apreciadas, com destino de luxo, se valorizam: compra-se, nos navios, qualquer mercadoria, a troco dum producto, cujo valor lhe é equiparado. É uma permuta, as mais das veses, desigual para o "caboclo".

A borracha volta, nos dias correntes, a reoccupar sua preponderancia, com preço superior a 5\$000 o kilo. Muito inferior aos maximos, de 18, 20 e até 22\$000, é todavia considerado sufficiente para restaurar creditos e fomentar novas fortunas.

* * *

O transporte se torna, por natureza, difficil. Não ha estradas permanentes. Não ha o emprego generalizado de animaes. Automoveis não existem. Nem trens. Como appellar para os vehiculos e para estradas de qualquer natureza (varadouros), se a propria matta fica inundada por cerca de 6 meses, em altura que cobriria animaes, como vehiculos?

O "caboclo" é dotado de invejavel caixa thoracica: seis meses, ficam-lhe quasi inermes os membros inferiores: seu meio de condução será a canôa ou "montaria", e dahi a exuberancia de thorax e braços.

Mas não resultará disforme o conjunto: o verão fa-lo-á pedestrianista, nas excursões das praias, onde apanhará ovos de tartarugas, como nas caminhadas de seringueiro, ou nas caçadas.

Consegue proporcionar-se.

A natureza traçará, porém, os "furos", canaes, por veses, muito estreitos, ligando dois rios, ou um desses cursos dagua a um lago, com a vantagem de encurtar distancias, consideravelmente.

Tudo isso constituirá estranheza para o immigrado. Surprehendemos, por veses, nas mattas alagadas, o ruido do "jacuman", (1) cortando as aguas dos "igapós", e o rumor de vozes. A idéa natural seria a dum "dialogo". Engano: um remador solitario, "falando comsigo mesmo", como que para desabafo daquella solidão, daquelle mutismo...

Parallela á margem, e no recésso das selvas, succede-se uma verdadeira linha de encadeamento de lagos e paranás, e, noutra direcção, os igarapés, em grande numero, procuram as margens. É sensivelmente menor do que a do rio principal a correnteza de taes lagos e paranás: elles são preferidos, de canôa, para a ligação de seringas.

* * *

A habitação seria naturalmente constituida de materiaes tirados á natureza ambiente.

Se não deve surprehender, por exempio, que, na zona do Seridó (Rio Grande do Norte), cheia de cerros, as divisas das propriedades se façam por verdadeiros muros de pedras accumuladas, das quaes é tão rica a região, — doutro lado, tratando-se das habitações no interior da Amazonia, em terrenos de alluvião, estas se fariam de madeiras, inclusive em varias de suas cidades e villas.

Aliás, zonas madeireiras do Paraná e S. Catharina, segundo se sabe, apresentam igual aspecto, entre colonos allemães.

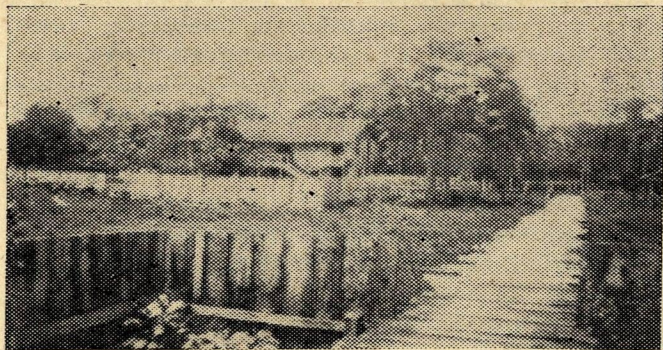
No Amazonas, ainda não ha alarme duma perspectiva de desflorestamento, tal a pujança da terra.

Em compensação, chalés existem de refinado

1) — Remo de forma circular.

gosto e durabilidade, graças ás madeiras de lei, de facil alcance para sua construcção.

A BORRACHA — Entre os mais interessantes estudos sobre a borracha, figuram, sem duvida, o de Williams Ivins, dum ponto de vista geral, e, entre nós, o de Barbosa Rodrigues, naturalista.



Barracão, ligando-se á margem por uma ponte (typo de residencia do Juruá—Seringal Tres-Unidos)

O primeiro, no historico traçado, refere que os exploradores da Amazonia encontraram os indios com um jogo de bola de borracha, "saltando mais alto do que as cabeças dos jogadores"; que La Condamine enviara á Academia de Paris amostra duma especie de borracha, que classificara de "caoutchouc", nome ainda hoje adoptado no idioma francês; que, em 1770, Priestley, chimico inglês, descobrira a propriedade de apagar a escripta a lapis com a borracha; que os capotes impermeaveis foram o primeiro passo para a grande industria, pela dissolução do producto em benzina; que se precisou corri-

gir a pegajosidade, ou a sua qualidade quebradiça, conseguindo-se o fim com sulphur, em diversas temperaturas, victoria conseguida por Goodyear em 1839 (processo de vulcanização).

O articulista traça todo o valor industrial da borracha no seguinte periodo: "O mundo poderia, na peor hypotheze, dispensá-la no uso de sapatos e capotes, etc., mas nos mistêres de transporte, obedecendo ás condições de aperfeiçoamento da viação ferrea e do automobilismo; na isolação das communicações e energia electricas, assim como nas applicações e nos fins medico-cirurgicos, ella é um factor de absoluta necessidade, e para o qual não ha substituto, sendo esta a razão por que desempenha papel tão importante na historia do progresso".

Estudando-se a estatistica dessa producção, ver-se-á que o Estado do Pará antecedeu o do Amazonas na extracção da gomme elastica.

Dahi, decerto, a decadencia de faixas seringueiras paraenses e o deslocamento principal da industria para o Amazonas, onde ha qualidades evidentemente superiores, assim reconhecidas no mundo commercial.

Como é sabido, a maior população do Amazonas concentrara-se, de preferencia, no rio Negro, onde predominara a agricultura.

Os filhos de Cametá e Gurupá, por exemplo, foram dos primeiros povoadores do rio Juruá, pela decadencia dos seringaes de sua procedencia.

Só em 1853, na estatistica por nós folheada, verificámos a primeira producção citada do Estado do Amazonas, de 1575 kilogrammos. Dahi por diante, os numeros assombram, ás veses de anno para anno:

1854 deu o total de 33.453; 1856 de 239.820... Em 1863 — 550.170; em 1870 — 1.096.275; em 1872, passa de 2.000.000; em 1879 de 3.000.000; em 1895, de — 11.000.000; e em 1898 de 13.596.603...

Depois da questão com o Acre, que se erigiu em territorio, seria logico verificar um grande decrescimo na producção amazonense, desde que o Estado perdera a arrecadação em zona tão extensa.

Lopes Gonçalves, em o seu livro "O Amazonas", ainda accrescenta, como fonte de decrescimo, o contrabando da fronteira.

Ainda hoje se verifica o seguinte: os productores preferem o Pará, ou qualquer republica visinha, onde os impostos sejam menores.

Ihering, que, aliás, previra a decadencia da bor-racha brasileira, no estudo publicado em 1904, não só pelo nosso modo rotineiro de extracção, sem plantio da hevea, como tambem pela concorrencia dos numerosos e baratos trabalhadores da China e do Japão, salientara, quanto ao rio Juruá, objecto do nosso estudo, o seguinte admiravel quadro de progresso de producção, de 1895 a 1899:

Exportação do Juruá

1895 — 96	199 toneladas
1896 — 97	287 "
1897 — 98	673 "
1898 — 99	1562 "

E frisava "que o factor mais importante para o desenvolvimento e progresso da região do Juruá é o seu clima relativamente saudavel", ainda antevendo sem grande medo de errar, que a esta parte do Bra-

sil esteja reservado um grande futuro e um desenvolvimento sobremodo vantajoso".

Para corresponderem á producção do Juruá e seus affluentes, navegavam por suas caudaes mais de 40 navios.

Em 1902, quando o municipio de S. Felipe (hoje João Pessôa), occupava o segundo lugar, como productor de borracha, Manáos recebia a seguinte quantidade de productos do Juruá: borracha fina,.... 2.420.825; sernamby, 441.125; caucho, 618.160; sernamby de caucho, 560.958; cacau, 120; pirarucú, 22.553; cedro, em metros, 8.520; couros, 338.

Barbosa Rodrigues, em seu estudo curioso e sobremodo instructivo sobre "As heveas ou seringueiras", escripto quando já era Director do Jardim Botânico do Rio, entre particularidades historicas da industria diz que, em 1755, já se usava calçado de borracha no Pará e em Lisboa e que o rei D. José, presenteado pelos missionarios, enviara varios pares de botas para serem, em Belém, cobertos de borracha.

É inestimavel a contribuição scientifica de Barbosa Rodrigues, que esteve em demoradas e gloriosas pesquisas, na Amazonia.

Considera as seringueiras em 10 especies, "que só o tapuio esperto bem distingue", na sua phrase.

Para elle, a terra predisposta para o vicejamento da seringueira, em rigor, é a sub-equatorial, chamando a attenção para o facto de que "na propria zona equatorial, no valle do Amazonas, se vê que, sendo pobre a margem esquerda do grande rio, é, entretanto, rica a direita".

Nota ainda que, nos proprios rios méridionaes, as margens mais baixas e florescentes são as mais ricas

em seringueiras. Para elle, "a seringueira cresce nos logares quentes, humidos, alagadiços, igapós em terrenos de alluvião, mais ou menos argilosos, enriquecidos pelo humus das vasantes, e nas vargens."

E, para encerrar as considerações aqui feitas, vale a pena, a titulo de contraste, frisar, na decadencia, o contingente da producção seringueira do Juruá (Revista da Associação Commercial do Amazonas), incluindo o Baixo e o Alto Juruá, ou seja, — a zona amazonense como a acreana: mez de janeiro de 1936 — 124.783 kls. de borracha fina e 7.966 de sernamby.

Todavia, na recente viagem que empreendemos, observámos a volta generalizada á extracção da hevea.

Com o preço de 5\$000 a 5\$800, sufficientemente compensador, apesar da difficuldade de braços, para os seringaes maiores, que, outróra, chegaram a collocar mais de 400 extractores, — a lavoura voltará a sêr algo abandonada, o que já determinou a alta dos viveres, mas o principal producto augmentará seu volume de exportação e fará renascer o esplendor do Juruá.

OUTRAS PRODUCÇÕES

CASTANHAS — Os castanhaes nativos do Juruá somente existem do lado opposto da extensa ilha do Meneruá.

Essa ogerisa ao terreno marginal juruáense pela castanha aggravou sobremodo os effeitos duma crise maior de 20 annos: as apreciadas nozes, que têm obtido muitas altas de preços, foram verdadeiro

derivativo economico para o Purús, o Solimões, o Tocantins e outros rios amazonicos.

As ditas castanhas são envolvidas por um ouriço, que, ao longe, se reconhece, pendente de altas arvores.

Alguns proprietarios da zona tiveram o bom senso de fazer plantações desse genero. Dentre esses, ha a citar o sr. Eufrosino Gomes de Araujo, dono do seringal "Joannico", que, além de 3.000 pés da especie, ainda plantou 3.000 seringueiras e montou engenhoca de fabricação de mel, raspadura, cachaça, assucar mascavo; o sr. Guilherme Cunha, proprietario do seringal "Concordia", que plantou 1.000 pés, e o sr. João Onofre Filho, proprietario do seringal "Tres-Unidos", que tambem iniciou plantações do genero, de certo vulto. Podem-se citar, assim, entre os introductores dos castanhaes, no Juruá.

Embora em quantidade modesta, citem-se, como plantadores, os seringaes Aquidaban, Independencia, Temquê, Bacururú, Martyrio e Carauary: oxalá se disponham seus proprietarios a faze-lo em grande escala.

CACAU — É nativo. Deve-se, porém, fazer o plantio systematico. A estatistica não regista, apesar disso, o Juruá como exportador apreciavel..

FARINHA — A do Juruá figura entre as mais apreciadas da Amazonia, vendendo-se nas praças de Manáos e Belém.

PEIXES SECCOS — São preparados nos varios seringaes, vendidos aos navios do curso e ás cidades e villas da zona, collocando-se, em Manáos, o pirarucú, sobretudoo.

CAFÉ — Existem grandes plantações, sobretudo no Alto Juruá: é sufficiente para o consumo da região.

ASSUCAR E AGUARDENTE — Produz-se, de inferior qualidade, conhecida pelo nome de "gramichó", em numero hoje crescido de engenhocas. Industria, alli, nascente, é de se lhe dispensar qualquer imposto.

LENHA — Combustivel da zona. Outrora, os portos de lenha foram fonte de riqueza: hoje, contam-se poucos, como effeito da longa crise, durante a qual foram raros os navios.

ARARUTA — Cultiva-se hoje, de maneira registavel.

CÔCOS — O Alto Juruá tem hoje extensos coqueirões, cujo consumo é tambem da ampla região.

ARROZ — A região já o produz, podendo, porém, sêr maior a sua quantidade, assim como o feijão, o milho, etc.

CREAÇÃO — Em linhas geraes, o Juruá (sobretudo o Baixo) não será typicamente creador. O povoamento se encontra, em grosso, nas margens: estas raramente offerecem "terras firmes".

Todavia, pode-se citar, no Baixo Juruá, como principal creador o sr. José Paulino Gomes, que possui 200 rezes, em sua propriedade "Vista Alegre". Antigamente, eram as rezes importadas de Marajó ou do Baixo-Amazonas.

No Alto Juruá, além de se encontrar maior numero de fazendas, ainda ha a criação suina e a lanigera, em inicio.

BREU VEGETAL — Serve á região, que não importa, assim, desde a crise o breu de Riga.

OLEOS — São os principaes os de copahyba e andiroba.

JARINA ou marfim vegetal. Matéria prima com que se fabricam botões. O Juruá já attingiu a exportação de 100.000 kgs. annualmente. Se o transporte fosse facil, a exportação poderia subir a mais de 1.000.000 de kgs. O rio Envira, sobretudo, é privilegiado em materia de jarina.

COUROS — Exportam-se os de ariranha, lontra, onça, maracajá, porquinho, queixada, veado e cobra.

INDUSTRIA MADEIREIRA. — Nos tempos de abundancia, jamais se installou, no Juruá, uma "serraria". É fóra de duvida que as varias actividades têm sido experimentadas, de primeira mão, no Pará: neste Estado, existem verdadeiras cidades operarias em redor de suas serrarias-modelo. Dahi, sem duvida, levarem o nome "do Pará" varios productos: castanhas "do Pará", madeiras "do Pará"...

Nas colonias africanas, firmas enriquecem só de exportar, com aquelle destino, verdadeiros "chalets", ou "bungalows", naturalmente em "peças": o mais será um "alicerce" de accordo com a segurança e a hygiene, e simplesmente "a armação" daquellas mesmas peças.

Na Amazonia, nunca se cogitou desse genero de "casas constructoras": hoje, então, faltará capital para o genero.

Não obstante, as telhas seriam fornecidas pelas famosas olarias do Pará: a madeira existe na selva, a alguns metros do "barracão"...

O Juruá chegou a exportar madeiras para Maranhão. Hoje, no entanto, é que se pode dizer em progresso a sua industria madeireira.

Desde 1920 que os primeiros rebocadores, velozes e possantes, deixam a capital amazonense, subindo até os limites das grandes aguas, e sendo, dahi por diante, substituidos por "motores".

Naquella data, fez-se pioneira da industria a importante firma Pereira & Irmãos, á qual pertencem duas modelares serrarias mechanicas, uma sita em Manáos, e outra nas suas proximidades, na Colonia Oliveira Machado.

São os seguintes os seus rebocadores, enviados ao Juruá: "Ventura", "Caciry" e "Cotinha", além dos seguintes motores — "Jones", "Mogno", "Aguano" e "Ruela".

Somente interessam á casa em apreço as aquisições de dois typos de madeira: "aguano" (ou mogno) e "cedro" propriamente dito. Emprega-se o primeiro em mobiliarios de luxo: dizem até sêr infenso á bróca, ao cupim, etc.

O Baixo Juruá conta, sem duvida, em suas margens, com variadas especies de madeiras de lei: as duas citadas, porém, existem, actualmente, nos seus "centros", tornando penosa a ida de lenhadores, para o processamento de sua derribada, seu transporte e seu "enjangamento."

Os "rebocadores" vão até Cruzeiro do Sul: os motores penetram os affluentes mais estreitos. Os madeireiros extendem seus interesses aos importantes Tarauacá, Envira e Murú.

Como é natural, os caules das arvores não descem inteiros: partem-se em dois, tres pedaços (tóros). O menor "tóro" é de 4,1/2 metros de comprimento: cada um delles contém o lavramento da "marca" de seu dono.

O "enjangamento" é o processo de reunir em balsa ou jangada um crescido numero de tóros: as firmas pagam esse serviço a proprietarios de seringaes, que se responsabilizam por elles até os entregar aos rebocadores.

A fórma da "jangada" é triangular: os tóros são amarrados por cipós "aguano" e "jururá buxo".

Os madeireiros reúnem esses paus em "rosários" de 50 a 100 "tóros".. "Rosarios" são esses paus amarrados por arame, com argóla na extremidade. Descem, não raro, conduzindo "barracas" em seu dorso, gratuitamente, facilitando o exodo de familias pobres, desenganadas da Amazonia"

O "enjangador" lucra 5\$000 por "tório".

Os caules são comprados por diametro de comprimento; sáe o metro cubico a 226\$000 (o "tório" de 1.^a qualidade). Nunca, nos de 2.^a e 3.^a qualidade, será o preço inferior a 150\$000.

Já se tem verificado casos de compra de um "aguano" por 1:000\$000 e até mesmo por 1:800\$000!

Jangadas ha que representam o valor acquisitivo de 20:000\$000, podendo, na revenda ao estrangeiro, dar o metro cubico o valor de 700\$000, sendo a madeira de 1.^a qualidade.

É de vêr que as praças estrangeiras exigem o seu prévio beneficiamento, isto é, a sua remessa já sob a fórma de pranchas.

A tripulação dum rebocador representa a despesa diaria de 300\$000, inclusive sua manutenção e combustivel.

A America e a Argentina figuram entre os maiores importadores das madeiras do rio Juruá,, mas está

imminente o fechamento de vultuosos contractos com firmas do Japão.

O valor actual dum desses rebocadores, typo grande, é de 60:000\$000, sendo dotado de tólda e tendo o deslocamento de 7 nós horarios.

Ainda se devem citar outras firmas exploradoras das madeiras juruáenses. De Manáos, resta citar C. P. de Vris, nome abreviado da Viuva de Vris, que dispõe igualmente de 2 serrarias mechanicas. Esta firma voltou sua actividade para o Juruá desde 1931, mantendo nelle a navegação permanente dos rebocadores "Planeta", "Alcinda" e "Milton", e dos motores "Rodolpho" e "Anna".

De Itacoatiára, envia a firma Araujo Costa, desde 1933, os rebocadores "Judith" e "Camocim".

Recentemente, J. G. de Araujo, a mais potente firma de todo o Amazonas, teve igualmente seu interesse despertado, mantendo a exploração com o rebocador "Lygia".

Taes rebocadores e motores, na crise de "gaiolas", mitigaram os dias de decadencia da borracha e facilitaram sobremaneira o transporte, que é permittido, se o passageiro não tem, é natural, itinerario diverso dos interesses particulares da firma. Suas tripulações são alvo de geral sympathia na extensa região.

Como se viu, é ainda nova a progressiva industria madeireira, motivo por que ficam consignadas as firmas pioneiras.

SUAS VILLAS E CIDADES

O Juruá acreano é, sem favor, mais progressista do que o trecho amazonense.

Os traços mais vivos da longa decadencia se fazem sentir, sobretudo, nos primeiros dias de viagem: depois, ainda em territorio amazonense, melhora-se de impressão, diante do casario conservado, existencia de pontes, gramma batida dos pequenos campos dos "firmes" e surgimento duma villa e duma cidade, no perimetro do Estado. CARAUARY é assim, a villa amazonense, que se encontra, numa terra firme, aliás diminuida, vai para alguns annos, pelo phenomeno das "terras cahidas".

É reduzido seu numero de edificações. Em paginas doutro estudo, explicámos a razão de sêr desse facto: os proprietarios de seringaes, vencidos pelas consideraveis distancias, não possuem residencias nessas agrupamentos, que são o ponto de convergencia administrativa, ou judiciaria. Não havendo, doutro lado, desenvolvimento industrial, limita-se a sua população.

Commetteu-se o grave erro de desmontar uma estação radiotelegraphica na villa: seu operoso prefeito, coronel Alfredo Marques, conseguiu, porém, ultimar providencias, no sentido de sua reinstallação.

Da foz do Juruá até S. Felipe (hoje João Pessoa), esgotam-se 11 (onze) dias de navegação a vapor, afim de se poder transmittir um "radio"!

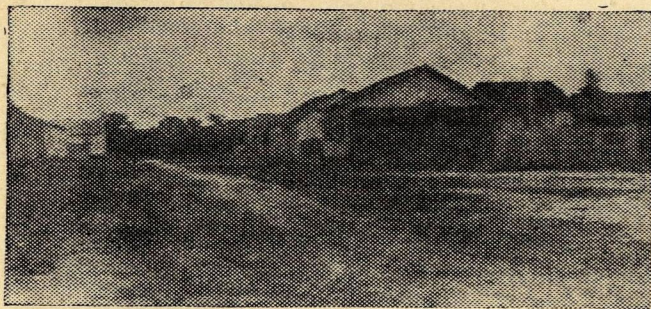
O melhoramento se impõe, em caracter definitivo.

A população do municipio de Carauary era de 11.437 habitantes, conforme se lê no Relatorio de 1929, apresentado pelo Prefeito da epoca.

Pouco acima da foz do Tarauacá, acha-se situa-

da, também na alegre vista dum firme, a actual cidade de João Pessôa.

As "terras cahidas", num processamento de cerca de vinte annos, determinaram-lhe a perda duma rua, parallelâ ao rio, sem se verificar qualquer morte de seus habitantes, de vez que o phenomeno se operou lentamente.



Centro da cidade de João Pessôa

A antiga S. Felipe, comparada com a physionomia commum das cidades amazonenses do interior, impressiona bem. Ruas rectas, largas, casario e calçadas de madeira, em bom estado de conservação. É excellente sua illuminação electrica. Sua estação radio-telegraphica é potente, representando real utilidade para a zona.

Causam lisonjeira impressão ao visitante os edificios da Prefeitura, dotado de salão nobre, e com as suas secções em perfeita ordem, a séde da União dos Seringalistas, o Grupo Escolar Felipe Cunha, o Mercado Publico, a igreja local, uma loja maçonica, etc.

A Prefeitura está entregue á direcção honesta, operosa e intelligente do sr. Almeron Caminha.

Para expansão da cidade, onde, as mais das vezes, se vive livre das pragas de mosquitos, urge construir uma ponte de ligação ao firme, que se succede a essa faixa marginal.

Para conforto, impõe-se o serviço de canalização da água, o que não será difficil, de vez que a população é avaliavel entre 2.000 a 3.000 almas.

Em materia de instrucção cumpre estimular um curso de letras secundarias: o meio possui intellectuaes capazes de preencher suas cadeiras.

E, acima de tudo, é estranhavel a não existencia dum jornal, de plano viavel, pela existencia de radiotelegraphia.

Existe a Bibliotheca Municipal, iniciativa só encontrada em Humaytá, no Madeira.

João Pessôa, servindo, com effeito, a uma immensa região, visinha da zona influente do Tarauacá, ainda reclama um posto de prophylaxia.

José Barroso, intelligencia scintillante e generoso coração, vai além de sua actuação de chimico industrial e, na ausencia de medicos, é quem clinica e distribue gratuitamente remedios pela pobreza, dada a ausencia de um posto.

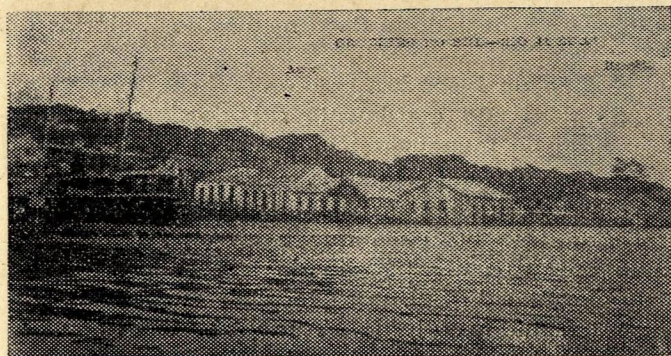
E o que surprehenderá ao Brasil será revelar-lhe que, outrora, no auge da borracha, o municipio de João Pessôa, o 2.º em ordem de exportação, chegara a arrecadar 1.200:000\$000 (mil e duzentos contos de réis)!

Deveria sêr uma cidade de palacios, avenidas e parques.

JURUÁ ACREANO (OU FEDERAL)

Cruzeiro do Sul (1) é a mais importante cidade de toda a grande região. A alegre e prospera capital do Alto Juruá se acha situada á margem esquerda do rio ora em estudo.

É ponto terminal de navegação, no estio. O commercio é igualmente o de maior importancia. Possui cerca de 30 firmas, entre grandes e pequenas. As de



“Gaiola” fundeado no porto de Cruzeiro do Sul

maior valor são: P. de Moraes, Pedreira & Irmãos, Said Badarani e F. F. Tavares: vendem a grosso e a retalho, compram e revendem artigos do municipio, exportam borracha, café, peles, todas as produções locais.

A cidade possui boa illuminação electrica; uma delegacia de hygiene, que presta grande assistencia á população e está entregue á operosa direcção do dr. Abel Pinheiro, viajando os enfermeiros em lan-

(1) — Louva-se o Autor nas informações de seu irmão Lindolpho, que alli residiu varios annos, exercitando a profissão de guarda-livros.

cha itinerante, nos rios Juruá e Môa; uma "santa casa"; bom edificio para Forum; delegacia auxiliar; quartel de policia; cadeia; 1 igreja catholica; 1 templo protestante; 1 templo maçonico; 1 posto meteorologico; 1 mercado publico; 2 hotéis; 2 jornaes, "O Rebate" e o "Rio Juruá"; 3 clubs de foot-ball, Nauas Sport Club, Mercantil Foot-Ball Club e Cruzeiro Foot-Ball Club; botequins, dotados de bilhares; 1 theatrocinema, etc.

Denotam actividade de construcções 2 olarias alli existentes.

É séde de bispado.

As ruas são geralmente arborizadas, dominando o tipo de mangueiras.

Ha um terreno adquirido pela Prefeitura, nos arredores da cidade, para a futura installação dum leprosario. Na hora em que o governo federal pretende ajudar a construcção de leprosarios, impõe-se o de Cruzeiro do Sul, para recolher mais de 300 doentes, incluindo o Juruá, Tarauacá, Envira e, em summa, todos os numerosos rios da bacia.

Muito embora seja o ponto terminal de navegação, no rigor do verão, as chatas só têm podido atingir, por veses, "Remanso", posto fiscal e divisa entre o Amazonas e o Acre.

O clima é geralmente saudavel.

Só na vasante, durante alguns dias, se verificam febres palustres.

O municipio exporta café, typo 7, para Manáos e Belém, resentindo-se duma usina de beneficiamento. Vêem-se cafézaes nos proprios suburbios.

A Prefeitura teve a adiantada iniciativa de fundar a Colonia Agricola Rodrigues Alves.

Podem enumerar-se as seguintes produções:—arroz, milho, feijão de corda e de "arranca", assucar "gramichó", farinha secca, côcos (typo do nordeste do paiz), aguardente, borracha, etc.

A criação é mais intensificada do que no Baixo-Juruá: domina o typo creoulo, tendo-se importado as qualidades de capim gordura, planta e jaraguá.

Nota-se ainda, menor, a criação de carneiros e suínos.

Ha muita "jarina", não industrializada, nem exportada.

— Falando-se de Cruzeiro do Sul, ha certos nomes que não podem deixar de sêr declinados, como expressão civilizadora e de progresso intellectual. Craveiro Costa, alagoano de nascimento, fez-se o centro irradiador das letras juruaenses. Fomentou, acima de tudo, a instrucção publica e chefiou a corrente literaria de sua epoca. Foi conferencista e propulsor da imprensa. O paiz deve-lhe a afamada obra "O fim da epopéa", na qual narra os feitos do levantamento dos acreanos contra a annexação daquelle territorio ao Perú e á Bolivia. Fundou o jornal "Cruzeiro do Sul" e, depois, o "O Estado". Bateu-se pela elevação do Acre a Estado. Deve-se-lhe a fundação do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, como a instituição de "caixas escolares". Organizou a "Hora Literaria", reunindo os mais representativos espiritos do meio: Raymundo Augusto de Araujo, João Theophilo, Antonio de Lima, Nair Corrêa, Adolphina Sampaio, Lucilla Silva, João Corrêa Netto, João Barreto de Menezes, uns filhos da terra, e outros de differentes Estados.

Quintella Junior, parahybano, tambem deixou

renome, figurando na pleiade de Leoncio Lousada, Francisco Pereira da Silva, João Medeiros, Valle e Silva, Figueira Costa, Dr. Nathaniel Carneiro de Albuquerque, Manuel Osorio e Antonio Alves de Magalhães.

VILLA HUMAYTÁ — Fica igualmente á margem esquerda do rio Juruá. É termo judiciario de Cruzeiro do Sul.

A superficie do Juruá Federal é de 35.800 k2. e sua população de 17.000 habits. (referencia do Engenheiro Alberto Masô, em sua palestra de 1916, feita na Sociedade de Geographia do Rio).

No rio Môa, de zona integrada no mesmo Departamento, é citavel a **villa Amancio Lima**, em homenagem ao nome deste batalhador dos interesses acreanos, com a fazenda-modelo "Barão do Rio Branco", de propriedade do Cel. Amancio Lima. Nessa propriedade, são mantidas escolas gratuitas para os filhos dos "fregueses".

O rio Môa é navegavel somente no inverno. A attribuida faixa petrolifera, revelada pelo Ministerio da Agricultura, ora submettida a pesquisas geophysicas duma commissão de engenheiros patricios, se acha comprehendida entre o citado rio Môa e o Juruá-Mirim.

No municipio de Cruzeiro do Sul, a firma que possui maior numero de seringas é Nicolaus & Cia., de socios portugueses, representando todas as suas terras acreanas, reunidas, superficie maior do que a de seu mesmo Portugal.

As madeiras de lei exigidas pelas grandes serrarias-modelo existem, de preferencia, nesse trecho acreano.

Durante a nossa viagem, ouvimos geraes rumores da descoberta de ouro alluvional, em seringaes sitios no Departamento do Alto-Juruá.

Existe, nesse trecho, um arbusto, da familia dos "loureiros", do qual se extrae um liquido com o cheiro de "aguarraz", inflammavel e que os pobres da região comêçam a usar em suas modestas "lamparinas".

Vimos, a bordo, uma amostra do liquido, e assistimos á experiencia, com resultado.

VILLA THAUMATURGO — Está situada á foz do Amonea e á margem esquerda do Juruá. Seu nome representa justa homenagem ao General Thaumaturgo de Azevedo, reivindicador principal dos interesses brasileiros no Acre e inesquecivel prefeito de Cruzeiro do Sul.

DEPARTAMENTO DO TARAUACÁ

Superficie — 33.800 kilometros quadrados. População — 15.000 habitantes. (1)

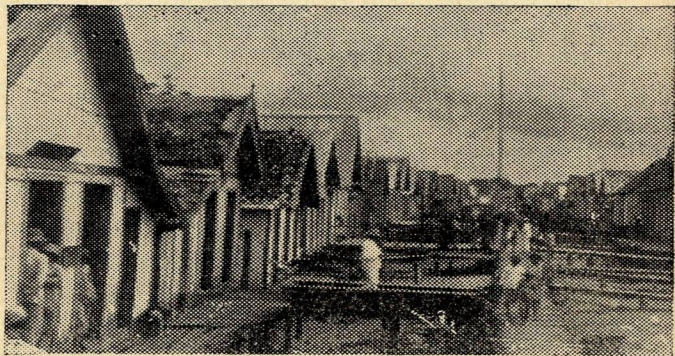
Cidade Seabra é a sua séde. Installou-se no antigo seringal "Novo Destino", para esse fim doado por J. V. de Meneses, cearense. Existia, no lado contrario, um posto fiscal federal. Como a anterior, pertenceu esse trecho ao Estado do Amazonas (municipio de S. Felipe). Com a constituição do Territorio do Acre, foi parte integrante do Departamento do Alto Juruá.

Só mais tarde se verificaria, em 1906, a doação referida. Dahi por diante, foram se installando sédes de repartições publicas, como delegacias e postos fiscaes, e surgiram as primeiras casas de commercio.

(1)—Segundo o Eng.º Alberto Masô

Foram estas: José Safe (syrio), Zaide & Irmão (syrios), Calil Alaydin (syrio), Manuel da Costa Santos e casas de vulto menor, inclusive cafés, simples "bodégas", etc.

Sua localização é optima: á margem esquerda do rio Tarauacá, em frente á fóz do Murú, predispondo-a para emporio commercial.



Rua do Commercio — Cidade Seabra (Tarauacá)

Parte de suas terras é de varzea (adquiridas por particulares), seguindo-se a terra firme de doação. Dahi resulta que o commercio se localiza na primeira parte, alagadiça, quando do inverno, representando o firme o bairro residencial e das repartições publicas.

Inaugurou-se a villa em 1913, quando se deu o desligamento do Alto Juruá, para erigir-se em Departamento do Alto Tarauacá. Tem tido varios prefeitos: Sansão Gomes Galvão, Hyppolito Albuquerque Silva, Urbano Mendes, Antunes de Alencar, Cunha Vasconcellos, José Florencio da Cunha, Pinheiro

Cavalcanti, Annibal do Bomfim, occupando hoje as funções, em character interino, o sr. Marcolino Duarte.

População — De 2.000 a 3.000 almas.

Clima — A cidade é sujeita a paludismo. O mais curioso é que o mesmo não se verifica na parte alagadiça, e sim no "firme", o que parece confirmar a estranha observação do medico dr. Abel Pinheiro. Todavia, verifica-se, alli, o surto palustre, de preferencia na vasante. A parte essa excepção, o clima será favoravel ao povoamento, na maioria do anno. É quente, sobretudo no verão, quando as chuvas diminuem bastante, decorrendo 15 e até 30 dias sem as mesmas.

Ha, a considerar, conjunctamente com essa materia, a da "alimentação". Não é de bôa qualidade, desde que preponderam os peixes "sêccos" e o xarque (jabá), entre aquelles notando-se o pirarucú, a pirapitinga e o matrinchão.

Não sendo terra creadora, ha crise de carne verde, que não se vende diariamente, no Mercado. Já se verificou o dilatado periodo de 1 e até 2 meses sem o abatimento duma rez.

Ha uma compensação na criação, por particularidades, de gallinaeos, patos da região, suinos, etc.

A agua, que se bebe, é de poços ou da margem do rio.

Do lado opposto, existe uma aprasivel praia.

Entre as firmas principaes, no momento, enumeram-se: Nagib Said (syrio), Calil Alaydin (syrio), Said Bachir (syrio) Calil Chekr (syrio), Constantino Mosle (syrio), Tufir Bachir (syrio) e Antonio Peres Filho, brasileiro.

A cidade é dotada de torre radiotelegraphica e electricidade.

Vê-se uma extensa ponte de madeira, desde a margem do rio até o firme, no percurso approxima-da de 200 metros por 2 de largura.

O commercio concentra-se aos lados dessa pon-te, formando a rua mais movimentada, com o nome de D. Constançia de Meneses: das casas partem pontes menores, de ligação com a principal, offere-cendo aspecto typico.

Não ha arborização.

INSTRUÇÃO PUBLICA — Consta de um gru-po escolar, com 4 a 5 professoras.

A Prefeitura subvenciona escolas primarias, na cidade.

IMPRENSA — É formada por dois jornaes — "Acre Federal" e "A Reforma".

É aquelle dirigido por Pedro Leite, bandeirante espiritual do Tarauacá, hoje entrado em adiantada idade. Polemista por temperamento, o seu aposto-lado de jornalismo tem-lhe representado uma vida cheia de agruras, proprias da antiga politica, inca-paz de tolerar opiniões destemidas e de completa in-dependencia. Viu, por mais de uma vez, seu jornal empastellado, refugiou-se nas selvas, ou foi recolhi-do á cadeia, por attribuidos crimes de imprensa.

Ao decano do jornalismo do Acre ha-de se fazer especial menção, sendo de lastimar que jamais lhe hajam confiado cargos publicos.

SAÚDE PUBLICA — Mantém, alli, um posto me-dico federal, para assistencia da população. Além dum clinico, servem nelle 1 pharmaceutico e 2 aju-dantes.

— Não ha medico, nem dentista, entregues á clinica privada. Sem sêr a do hospital, existe apenas a Pharmacia Catão.

Entre os melhores predios publicos, citam-se a Prefeitura, o Mercado, o Theatro Municipal, construido em 1934, o Grupo Escolar, o Forum (funcionando a delegacia, no andar inferior), a cadeia (construida de tijolo), o templo catholico, a loja mágica, etc.

Estão sob a direcção administrativa do Tarauacá: o Envira, o Murú (este totalmente acreano), o Jurupary (acreano em parte).

RIO ENVIRA — Tem "Villa Feijó", unico nucleo salientavel naquelles rios interiores.

JURUPARY — É digno de menção o seringal "Foz do Jurupary", de Annibal, Coutinho & Cia., o unico dotado de luz electrica, no Juruá e seus afluentes.

Existem no mesmo todas as modernas demonstrações de conforto.

O Departamento não cultiva café, não tem cacau, e seus rios não são piscosos, como o Juruá e, sobretudo, varios de seus afluentes.

Produce borracha, tem madeiras de qualidade, exporta peles.

Os gaiolas attingem "Cidade Seabra" somente nas cheias.

No Municipio, ha 3 enghocas dotadas de alambiques.

FORÇA PUBLICA — Consta, no quartel, ao todo de 20 soldados, 1 tenente, 1 sargento e 1 cabo.

A população tem renome de ordeira. 10 motos fazem as communicações no verão.

Breves referencias sobre os indios do Juruá

SUMMARIO—Estão a desaparecer as ultimas tribus do Baixo Juruá.—Appello aos ethnographistas para reconstituirem a historia e os costumes dos indigenas.—Von Spix, seu concurso: o vocabulario dos Catuquinas—De como Chandless descreve, em 1866, as tribus encontradas.—Não são os indios do Juruá duma unica familia.—Tribus doutros rios, que se fixaram na zona.—Os Nauas ou Caxinauas. A grammatica e o vocabulario levantados por Capistrano de Abreu—Angelo Ferreira e Felizardo são os “Rondons” do Juruá—O concurso moderno dos estudos do padre francês Tas-tevin: suas theorias revolucionarias, na matéria.—Versão de Villanueva —Habitos dos canamarys: faziam attribuidamente os “bolos de indios; dois destes foram encontrados, enterrados, nas matas do Seringal Tres-Unidos, tendo mais de 50 annos e achando-se conservados. Enterram os seus no chão.—Os Caxinauas: cerimonia, por mulheres da tribu, da incisão do hymen das puberes da tribu. Esta tribu come os cadaveres dos seus, liturgicamente. O «veneno» da gia «gambô»: suas altas propriedades therapeuticas, hoje acceitas pela sciencia medica — «Purû-purû», falsa lepra ou mal dos «lavrados»: mysterio de sua infernal receita. Outras observações.

"Os Caxinauas crêem ter havido o
"diluvio e que os rios correm até o pon-
"to em que o céu se encontra com a ter-
"ra, como ainda que os mesmos banham
"as terras do firmamento e voltam a seu
"ponto de partida. Para elles, os cursos
"dagua fazem a volta ao mundo e a terra
"se acha no meio, como se fosse um
"globo limitado por uma cintura."

Do Pe. Tastevin

No capítulo reservado á historia da extensa caudal, já fôra a população indigena objecto de nossas referencias.

A ultima palavra ha—de se reservar a um apaixonada ethnographista, (1) que se decida a percorrer o grande affluente do Amazonas, até ás suas origens peruanas, detendo-se em todas as "malócas", que fôr encontrando, ajudado de intérpretes, comparando o seu linguajar com o idioma geral e o doutras ramificações, colhendo-lhe as tradições, observando-lhes as modalidades de trabalho, os costumes, o typo physico e tudo quanto sirva, na fonte directa, para um estudo criterioso e o mais completo, na especie.

Temos a impressão de que, nesse particular, se perdeu a colheita mais preciosa, qual fosse a da ob-

(1)—O eminente ethnographista Dr. Carlos Estevam, do Museu do Pará, mostrou-se-nos inclinado a fazer uma excursão deste genero ao Juruá.

servação das tribus em estado ainda primitivo, sem cruzamento com civilizados, sem a intercalação de vocabulos do português, ou do castelhano, a turbar-lhes a pureza da lingua, e com as suas artes de cerâmica, e outras modalidades de concepção, sem a influencia dos "brancos".

Assim, num passado que se pode dizer recente, em historia, porque se adianta apenas um pouco mais de meio seculo, a figura de **Von Spix** se projecta como a unica devotada, especialmente, a essas pesquisas sobre motivos da vida indigena juruaense. Devemos a esse sabio o levantamento do vocabulario dos "catuquinas", de cerca de 218 vocabulos, dos quaes trasladaremos apenas os seguintes: branco-parany; agua — uata-hy ("h" aspirado); arvore — oma; cabeça — ghy; ceu — ghotó; Deus — tamakory; dia — upāra; filho — ghubatzy; filha — opazin-ya; irmão — y-uty; fruta — uarapy; homem — eu; lua — whah lyá; — lua cheia — nuang; pai — payú; mãe — mayu; mulhér — ainá; negro — tekniny; rapaz — aporhany; moça — ainapazy; estrella — tchiriko; terra — houg; vento — huány; um — heghýty; dois — upaua; tres — tupaua; quatro — hoyhan.

Lendo varios estudos do padre francês Constantino Tastevin, que é, nos nossos dias, o principal estudioso das tribus juruaense, encontrámos a assertiva de serem os "catuquinas" os mesmos "canamarys", localizados, segundo referencias geraes, principalmente no baixo Juruá.

Sem tempo, em região tão extensa, para demorarmos com os indios, que habitam, alli, de preferencia o "centro" ou "interior das mattas", apenas nos foi possivel colher um vocabulario e um certo nume-

ro de frases dos "canamarys", através de dois intérpretes seus, um acreano e o outro cearense, o primeiro criado entre elles, desde os oito annos de idade, e o ultimo dado á sua convivencia ha 27 longos annos. Pessoas incultas, surprehender-nos-ia a coincidência de dez vocabulos, dentre os colhidos, com os correspondentes de Von Spix. Isso vem demonstrar a procedencia de serem afins, se não os mesmos — canamarys e catuquinas, conforme o dizer de Tas-tevin.

A respeito dos numeros, notámos divergencia no seguinte: os dois interpretes os limitavam a "um" e "dois", enquanto que o estrangeiro lhes revelara o uso de palavras correspondentes ao nosso "tres" e "quatro". O acreano José Elias delatou "um" como "iquíte", contra "heghyty".

Nótam-se difficuldades nesse "gutturalismo", como na "aspiração" de qualquer "h", particularidades mais promptamente faceis de registrar por um espirito letrado e de lingua com esses dois caracteristicos, em sua prosódia.

Ubauá" (com "b" e accentu agudo), eis a pronuncia do interprete: upaua (com "p" e sem accentuação) é a pronuncia figurada contrária. A differenciação se estabelece mais nesse terreno de subtilidades, escapaveis a um simples popular. O mesmo interprete passa a girar com a repetição de "iquite" e "ubauá" para a expressão dos pensamentos "numeraes": "ubauá iquite" quer dizer "tres" (dois um); ubauá ubauá (repetido) vale "quatro", e assim por diante.

Von Spix relata, porém, que "tres" é "tupaua" e quatro "hoyhan". Houve, como se vê, approxima-

ção nas duas versões. E resalta isto: a pobreza da "contagem" dos canamarys ou catuquinas.

Vejamos outras palavras, a titulo de confronto, desta vez entre o interprete Manuel Sebastião da Rocha e a primitiva colheita do ethnographo: "tchiricô" diz este, e "siricô", aquelle, para expressar esse som de valor inglês (tch); ha "parani" contra "paranim" (o filho do norte gosta de "nazalizar vogaes finaes — ai—pim, etc.); oman (tambem nazalizado), contra "oma" do grande pesquisador.

"Tamacori" é Deus. Não é, no entanto, o Deus christão, levado ao espirito do indio pela "cathechése", conforme nos fizéra suppôr um desses interpretes.

É o que se conclue do vocabulario colhido pelo ethnographista.

Apesar de nossos esforços, nada, em verdade, nos foi possivel encontrar dessa mesma attribuida catechése, quanto a uma influencia irradiada porventura fóra das immediações de Meneruá, de communicação facil com Teffé, a antiga Ega.

* * *

Chandless, explorador inglês, guiado pelo nosso João da Cunha Corrêa, grande bandeirante do Amazonas, já registara, nos meados do seculo passado que "a população indigena (ao menos a da beira) era pequena, apesar de pertencer a muitas tribus". Entre outras observações interessantes, saliente-se a de mostrarem muitos não sêr indios puros", como a de "serem ladinos, quasi todos baptisados, falando bem a lingua geral, conservando a sua gíria e sendo de maneiras muito agradaveis (grupo visinho á foz, note-se bem)."

Resumamos, pois, a seguir, o resultado das observações do mesmo. Os maraúbas, antes alludidos, eram cerca de 80, e haviam installado suas malócas nos paranás de Meneruá, Bereu, Tucuman e no igarapé da Caá-piranga.

Os Cadanaxis possuíam uma unica malóca, duns 20 homens, no igarapé Juraqui, de curso extenso. Davam-se á ceramica. Pareciam-se aos de igual nome, do Purús.

Os Aranas, tidos como traçoeiros, temedores dos Culinos (então encontrados acima do Chiruan), eram mercadores de drogas junto aos brancos. Habitavam o Chiué: "muitos só falavam a gíria, parecida com o dialecto dos Pauninary, do Purús".

Interessa frisar que muitas dessas tribus desconheciam a lingua geral ou "nheengatú", não se classificando, assim, entre os tupys. Esse facto se verificará, por muitas veses.

O intercambio com o Purús, ou a sua procedencia migratoria, se affirma, assim, não raramente.

O explorador não se esqueceu de mencionar tribus que não habitavam á margem, e sim ao "centro". Era o caso dos Culinos, que, excepcionalmente, desciam ás praias, no verão, pela desóva das tartarugas. Já os indios gostavam desses ovos, de facto saborosos, que os civilizados provam crus, ou cosidos, e dos quaes faziam, ao tempo, uma especie de manteiga. Não usavam canôas. Os Jamamandys ou Jamamandys tambem não as usavam: essa circumstancia, sem duvida, typica, fê-lo desconfiar de que pudéssem sêr "Culinos".

O arguto inglês, com effeito, ainda pondéra, nesta altura; "E não se pode duvidar que o numero dos

nomes das tribus haja augmentado pela applicação de varias denominações a uma só tribu".

E exemplifica, a seguir, com o encontramento duma unica malóca de Conibos, na zona do Juruá, no igarapé Acary, a 70 dias de viagem acima do Chiruan, para concluir que são da mesma tribu Conibos, e Menetenerys, do Purús, sem acceitar a denominação de "Cucumas", dadas por Serafim da Silva Salgado, notavel explorador do Purús.

Criteriosamente, faz sentir o seguinte: — "Se são verdadeiros Conibos, não sei, mas elles mesmos dizem que sim, e os outros indios do Juruá lhes dão este nome".

Di-los dados á extracção de drogas, promovendo excursões annuaes ao Purús, a começo pelo Tarauacá e Envira, rumo abandonado pela perseguição dos Nauas, achando-se, então, no lago Irá-Assú; a estrada traçada para o trajecto ao Purús fazia do Tarauacá (fóz) o ponto mais approximado.

Neste esforço confrontativo das versões de autores, vale resaltar que os Pirá-tapuia não entendiam, em absoluto, os Conibos: achou-os de bonita figura, dados á agricultura, parecendo sêr a sua gíria de dialectos de Arauá e Pamarys ou Paumarys.

Conforme se vai vendo, torna-se difficil uma exacta classificação dos indios juuáenses. A diversidade de suas linguas, de seus habitos, de seu typo physico, de seu systema de trabalho, está a demonstrar que não é taréfa simples. Pena é que não fosse Chandless um ethnographista propriamente dito. Mas o seu senso de equilibrio britannico orientou um depoimento, que valerá para as deducções dos especializados na matéria.

Para elle, achavam-se alli estabelecidos os Canamarim (deve-se, por certo, lêr "canamarys"). Refére ainda o nome dos catuquinas, tribu das mais espalhadas. 20 dias acima do Tarauacá, encontra-se com uns indios pacificos, que suppozéra serem "catuquinas": desilludira-se disso, porem, ao consultar o vocabulario de Von Spix. Tinham alguns o labio inferior atravessado de pauzinho, mas, em verdade, eram uma tribu sem identidade de traços, nem de habitos. Informaram-lhe que "em 8 a 10 dias encontraria os Nauas, que estes o atacariam, o que, conclue o inglês... "infelizmente sahiu certo".

Chandless deixou, portanto, no seu recúo, diante das fléxas dos "nauas", cravadas á estrada de sua passagem, de conhecer um novo mundo ethnographico, que despertaria estudos futuros de Capistrano de Abreu e, em especial, nos dias correntes, do padre francês Constantino Tastevin.

Seu depoimento já derrama certa luz num ambiente meio escuro: o phenomeno migratorio do Purús para o Juruá, com a fixação de varias dessas tribus assim immigradas. Isso seria o ponto de partida para uma classificação que não pode sêr simples, uniforme.

Aliás, é de admittir-se migração doutras procedencias, e encontrámos versões relativas ao proprio rio Negro. (1) Logo, a ascendencia dos indios juruáenses não é somente peruana, ou dos "panos".

Guiado Chandless por interprete da lingua geral e pelo vocabulario dos Catuquinas, encontraria, concludentemente, grupos estranhos aos dois idiomas. E isso é precioso.

(1)—Lêr "Pelo Rio Mar", das Missões Salesianas.

E os Nauas ou Caxinauas? Ao que sabemos, coube a Capistrano de Abreu, nossa mais séria organização de historiador, redigir, pela primeira vez em nossa lingua, uma grammatica, acompanhada de textos e de vocabulario dos mesmos ("Rã-txa hu-ni-ku-i"), conforme intitolou seu livro.

O seu concurso é inestimavel. Pena é que não se pudésse ter transportado ao Alto Juruá e a affluentes seus, para um estudo mais completo.

Luis Sombra, seringalista naquellas regiões, contrerraneo do historiographo, conduzira dois indios a Fortaleza, pondo-os como material vivo, á sua inteira disposição. Somente após uma convivencia de seis meses, em que o Autor confessa a serie de difficuldades para levar adiante a tarefa de nada menos de 630 paginas (signal de rara intelligencia do jovem indio, depositario de tamanho cabedal), se decidiu Capistrano á publicação da obra.

Synthetizemos, pois, o trabalho, explanando alguns dos caracteristicos da estranha e difficil lingua, conforme concluirão todos, ao folhear aquellas alentadas paginas.

Sua prosódia surprehende. Quem haveria de suppôr que, em falar de selvagens do Juruá, existisse a complexidade de pronuncia do "th" inglêz, do inicio das palavras?

Quem, porventura, suspeitaria que, no seu linguaajar, despontasse o "h" aspirado de inglêses e allemães?

E os sons arduos correspondentes ao "un" de "aucun" e ao "eu" do vocabulo francês "feu"?

O vocabulo tem tido a pronunciação divergente

de "caxinaua" e de "caxinauá" (accentuado): a primeira fôrma parece a procedente.

Os sons, que lhes faltam, são dos "f, g, j, l, s, z."

No rio Juruá, — segundo as versões recolhidas, dominam, por excellencia, os canamarys no Juruá amazonense (Baixo) e os cachinauas no Juruá-Acreano (Alto).

Sobre seus costumes e suas particularidades, versaremos mais adiante.

Agora, impõe-se o registo do depoimento do padre francês Tastevin, um estudioso do Solimões, sobretudo do Alto Juruá e dalguns outros rios, de menor divulgação.

Em "La Géographie", (1) numero de novembro-dezembro do anno de 1927, conclue, fundado no recenseamento, pelo mesmo levantado, que os indios existentes na bacia do Juruá não deverão exceder de 1.200, sendo 300 Canamarys, 400 curinas e 500 nauas; que os Maraua, da fóz, se reduzem a 2 ou 3 familias, e os Catauixy, do Breu, são hoje alguns indios solteirões, ou indias cruzadas com brancos; que os Catuquinas, em parte com a denominação de Cana-mary, se localizaram á margem esquerda, de "Adelia" a "Anachiqui", emquanto que, á margem direita, já se postam os Curinas, e **os Nauas estão todos no Territorio do Acre.**

Entre as muitas particularidades, ás quaes desceu, pelo seu longo trato, deixando nome popularizado na zona, ha a mencionar diversas, por interessantes. Vejamo-las.

(1)—Orgam official da "Société de Geographie", de Paris

Não obstante a convenção de se dividirem por uma ou outra das margens do Juruá, os Catuquinas se tornam mais numerosos entre os rios Gregorio e Tarauacá, do mesmo passo verificando-se, alli, a infiltração rival dos Curinas.

Frisa as sub-divisões desses grupos, por seus nomes totemicos. Destarte, denomina Sapos e Tatús, os Catuquinas, de Adelia; Ouistitis, os de Rivalisa; Perús, os de S. Vicente; Cassicos, os de Caiuá e Deixa Falar; Macaquinhos Escuros, os de Restauração, e assim por diante.

Quanto aos Curinas, revelou-lhes a denominação que se traçaram, de "Madilha" (os homens), a rivalidade, no Marary, com os Canamarys, e uma fração, que diz perseguir os "sapos" e os "Tatús", das terras do seringal "Adelia", passando, depois, aos Nauas, que a si mesmos se chamam "hunikui" (verdadeiros homens), tomando os successivos nomes de Kachinaua (Vampiros), nos trechos dos rios Tarauacá e Envira, Yana-naua (Javalis), Isku-naua (Cassicos), Runu-naua (Bôas) e Tigres (Kaman-naua), no Gregorio; Kapa-naua (Esquilos) e Chipi-naua (Ouistitis), no rio Liberdade, como (Sapos), no rio Môa.

Quanto ao Tarauacá, refere os Nehanauas e os Yumbanauas: aquelles, batidos pelos Komtanaua e pelos Mainauas, em terras do Envira, viéram dar ás do mesmo Tarauacá, e os Yumbanauas citados (ou Papavos) ainda recebem a denominação de Amahuacas. Destes ultimos resultam, por sua vez, varias sub-divisões: nisi-nauas, tyani ou tchaminaua, mastanaua, binanaua, chanenaua e mainaua.

Muitas outras sub-divisões, que deixarão de ser consignadas, foram annotadas pelo investigador, inclusi-

ve dos indios catechizados ou antes civilizados por Angelo Ferreira e Felizardo, os dois grandes Rondons do Juruá, que se commetteram, sem commissões officiaes, nem proventos, a obra civilizadora de numerosas tribus.

Tastevin representa hoje uma corrente innovadora em materia de ethnographia: não quer vêr duas linguas distinctas no tupy septentrional e no tupy meridional, divorciando-se, assim, da classica autoridade de Theodoro Sampaio e outros estudiosos, conservadores na matéria.

Exposto o assumpto por pessôas autorizadas, torna-se curioso salientar versões de populares. O interprete José Elias nos falara de Bindiapá, de Indiapá e de Tucano-diapá, alludindo que esta ultima tribu se achava situada no Jutahy, rio de intercambio indigena com o Juruá.

Percebe-se, á primeira vista, que taes vocabulos são hybridos, compostos dum nome do portugûes e doutro da linguagem dos mesmos indios: "Tucano" resultaria, alli, como nome totemico.

Alludira-nos ainda aos Araras. Ouvindo outro interprete, desconhecido do primeiro, Manuel Sebastião da Rocha, entre os selvagens creado, mencionava igualmente os "Tucanos", por tradição, dizendo-os numerosos e habitantes do dito Jutahy. Segundo elle, os "Tucanos" se chamam a si mesmos de "sonrrô-diapá", como refére que correm os nomes de "Cauan-diapás" para os Araras, etc.

Infelizmente, a exiguidade de tempo, e, sobretudo, a difficuldade de transporte, na região, não nos permittiram verificar a authenticidade do exposto. Todavia, em Tastevin haveriamos de encontrar o nome

"diapá" no final do nome da tribo "Pidá-diapá", do Jutahy, precisamente como a existencia da tribo dos Tucanos e outras, que elle denuncia como actuando entre o Jutahy e o Jundiatuba.

Resalta que ainda é de recolher, na companhia desses interpretes e intermediarios dos negocios dos brancos, um vasto e precioso material, ethnographico, que exige largo tempo e criterio em toda natureza de observações.

No Juruá peruano, propriamente dito, ha a colher o testemunho de Pablo Villanueva, segundo o qual "as principaes tribus são "capanahuas" (outros deixam de intercalar o "h"), yumihauas, amahuacas e yuras, habitando os Capanahuas o Breu, tendo os craneos artificialmente depillados, os Yumihauas e Amahuacas as montanhas visinhas ao Tarauacá, e os Yura o Pique-yacu, Torolluc e outros rios desta altura, os quaes atravessam pennas coloridas no nariz e nas orelhas.

Villanueva affirma que todas essas tribus têm dialectos differentes, não devendo sêr originadas do Alto e do Baixo Ucayale. E conclue: "Não só os Amahuacas procedem, a meu vêr, da mesma familia dos Conivos e Shipivos, pois a lingua que falam têm muitos pontos de contacto com a dos Chamas".

Eis os depoimentos, que conseguimos aggrupar, da foz do grande rio a seus afluentes e até os seus formadores.

Sente-se que a materia precisa ser systematizada, que ha a complexidade de dialectos e procedencias diversas, não sendo possivel uma classificação pacifica geral.

Pode-se, no entanto, á falta de qualquer objecção conhecida, definir os "curinas" como do typo "arauák" e os "naucas" como filiados aos "panos".

É de crer que haja, ainda que impura, a existencia de "tupys". O nome do rio é do "nheengatú"; "iuruá", rio da bocca larga, segundo Theodoro Sampaio.

Alguma luz se encontra nas paginas de "os indigenas do Nordeste", de Estevam Pinto, onde se lêem ligeiras menções a tribus que habitaram o Juruá.

O Autor diz os "catuquinaruá" como estabelecidos no Embiraçú, affluente do Tarauacá e falando um vocabulario colligido por Bach, um dialecto tupi-guarani, embora, segundo todas probabilidades, pertençam á familia catuquina: Rivet classifica-os entre os "tupis", mas Brinton acredita que são "aruaks".

Tambem lança entre os nu-aruaqs os "iamamadis", que vivem entre as mattas do Purús e do Juruá, como filia aos tupis-guaranis os campévas e omaguas, que outróra habitaram o rio.

Do exposto, conclue-se que não somente os "panos", do Perú, influiram no Juruá, ou o habitaram: as variadas procedencias das tribus bastariam para affirmar-lo.

De passagem, fristem-se costumes caracteristicos dos indios juruaenses.

Os canamarys entérram os companheiros no chão da propria casa, sentados e com todos os seus utensilios.

Os nauas comem-nos, liturgicamente, de qualquer fôrma, não ha conhecimento do uso da "igacaba".

Estes têm um uso que é surprehendente: ao surgir da phase da puberdade, com o character de cerimonia, confiam a mulheres da tribu a incisão do hymen das mesmas pubescentes, applicando-lhes remédio de propriedades hemostaticas. Após a successão de algumas luas, poderão ser recebidas como esposas.

As mulheres de certas tribus juruacenses são elogiadas por sua belleza, como as canamarys, as catuquinas, de moreno rosado, e as curinas.

Em geral, é admittido a casar-se o indio trabalhador, hypothese em que se lhe tolerarão duas ou mais mulheres: os tuchauas se reservam o numero de esposas discrecionariamente.

O indios são festeiros, commumente. Então os canamarys, nas suas dansas cantadas, a "canção dos macacos", "das cheias" e doutros motivos ambientes.

A "coiá" é sua bebida, de effeito inebriante. É a mesma caçuma", de uso familiar, sendo esta muito menos fermentada.

São agricultores, mantêm enxtenas plantações de popunha, fruto saboroso e nutritivo, de toda a Amazonia, mandioca e macaxeira, milho, cará, cannas, melancias, como de hervas medicinaes, ou de effeitos toxicos.

São fabricantes de objectos de barro. O "bolo de indio" deve ter sido conhecido delles. No seringal "Tres-Unidos", foram encontrados ultimamente dois desses bolos, de differentes tamanhos. Foi a

seguinte a receita que nos revelou, por tradição, o interprete Manuel Sebastião da Rocha: ralada a massa de macaxeira e misturada com u'a massa de milho, com agua, e já tendo a fórma duma bola, fazem uma cavidade no chão, cobrem-na de folhas, entopem-na de terra e accendem por cima uma fogueira, que, com o seu calor, naturalmente assará o bolo.

Nosso progenitor, João Onofre, calcula em mais de 50 annos a existencia de taes bolos, pois que, ao adquirir o seringal, já não existiam, alli, localizados, quaesquer indios. É admiravel sua longa conservação: tanto tempo volvido, abrem-se ao meio e a massa ainda alimenta, de vez que, com esse processo, não se dá a putrefacção.

O rio conta hoje com um numero, que se pôde dizer crescente, de atacados duma affecção da pelle, commum, antigamente, aos "purupurus", (1) que deram nome ao actual rio Purús. Provada a migração de tribus para o Juruá, com aquelle ponto de partida, justifica-se o seu alastramento. Não viéram de lá precisamente os canamarys e outros?

Em 1848, o mal já era denunciado, com excepção dos "Marauás", segundo expuzemos no "esboço historico": consiste no surgimento de manchas pelo corpo, sempre em contraste com a côr do paciente, preta, rôxa ou branca.

Qualquer "descamamento" ou escoriação da pelle, lançada em liquidos, de preferencia, é sufficiente para transmitti-lo. E ainda ha uma formula, para lançar doses em café, leite, assahy, etc.

Palestrando com nosso illustre amigo José Bar-

(1)—Não a confundir com qualquer das modalidades da lépra.

roso, chimico-pharmaceutico, que viaja entre João Pessôa e o Envira, declarou-nos o mesmo que vira um preto tornar-se de côr esbranquiçada, depois de atacado de "purú-purú". Os symptomas consistem em febre, alguns dias antes, variando entre 37,5 a 39. As manchas surgem, primeiro arroxeadas, até irem, pouco a pouco, tomando a côr definitiva. O trepar-sol e a applicação de injeções de iodureto de sodio, ou de 1914, têm provocado curas: os casos, em sua maioria, permanecem, no entanto, sem qualquer therapeutica efficaz.

A péscia é feita por dois processos: o uso duma raiz de efeitos embriagantes, e o duma outra de efeitos venenosos (timbó). Muitos são os seringalistas que não admittem índios civilizados a pescar em suas terras, receiosos do envenenamento das aguas dos igarapés.

Os indigenas do Juruá são senhores das formulas de terriveis toxicos, alguns dos quaes usados para a caça, como de remédios tidos como acceitaveis.

Os caxinauas, por exemplo, antes do conhecimento da sciencia médica, conheceram as propriedades therapeuticas do "veneno do sapo", ou antes duma gia, de effeito vomitivo e fortificante em geral. Usam, para esse fim, uma gia toda de côr verde, — chamada "gambô", pelos Curinas. Ainda aqui, além da versão geral, é invocado o depoimento "controlador" de José Barroso. Tiram os indios um leite ou veneno do dorso, pela compressão sobre a pelle: passam-no para um pauzito, até seccar, quando toma o aspecto crystallizado. Para applical-o, queimam a ponta dum graveto e applicam-na, assim accesa, á

pelle do paciente, para revolvê-la. Na ligeira arranhadura provocada, ajusta-se um dos *crystaezinhos*, em dose insignificante. É uma processo, de certa forma, semelhante a uma vacina. Em espaço de tempo menor de 3 minutos, a physionomia do paciente fica deformada completamente, lembrando mesmo o facies "leonino" ou de leproso. Chegado a esse ponto, o paciente vomita excessivamente e, por veses (critica situação), com a desoneração concomitante, se, porventura, não intervém o operador, lavando promptamente a parte vaccinada, de modo a logo cessar o vomito. Os indios usam esse processo, pelo menos uma vez ao mez, dando-lhe varias virtudes. (1) Não insistiremos em muitas outras particularidades. Não somos siquer, um iniciado em *ethnographia*: que uma autoridade do genero systematize, pelo valor de suas pesquisas pessoas, todo o material indigena do Juruá, que se vai cada vez mais extinguindo.

FILHOS ILLUSTRES DO RIO JURUÁ

José Barroso Filho — E' competente chimico pharmaceutico e medicolando. Intelligencia viva, possui ainda bondoso coração, sendo, á falta de profissionais, na longa crise atravessada, o clinico, aliás feliz, que tem prestado gratuita assistencia á população pobre do rio, no trecho comprehendido de João Pessoa ao Envira.

E' de esperar dê, opportunamente, á publicidade suas innumeradas observações sobre a flora da região.

(1)—Tal processo é hoje esposado pela sciencia médica (vide, v. g., a Revista Chimica e Pharmaceutica, n.º de setembro de 1935, pg. 48).

Citamos, aliás, curiosas revelações suas, em alguns topicos de nosso livro.

Tal é sua popularidade que lhe será facil projectar-se na politica estadual, com o apoio da população juruáense.

Raymundo Nonnato de Castro. — Bacharel em direito, exercita a advocacia em Manáos e desempenha, com proficiencia, as funcções de cathedratico de Contabilidade da Escola de Commercio Solon de Lucena e as de Chefe da Secretaria do Instituto de Commerciantes, da capital amazonense.

Socrates Bomfim. — Bacharel em direito, tendo sido eleito orador de sua turma. Desempenhou as funcções de Sub-Procurador Fiscal do Amazonas.

Gósa do justo conceito de sêr uma das intelligencias moças mais cultas e brilhantes do Amazonas.

E' espirito voltado, a um tempo, para a fôrma litteraria e para as profundezas do pensamento.

O idioma tem nelle um cultor de sua pureza.

Polemista, evidenciou-se na critica, geralmente elevada, traçada em torno dum memoravel concurso de historia da civilização, levado a effeito na Escola Normal, de Manáos.

Genesio Cavalcante. — Bacharel em Direito, já desempenhou as funcções de juiz substituto, no Pará, Estado onde tem dado largas á sua actividade de intellectual, inclusive no jornalismo. E', actualmente, brilhante redactor do "Estado do Pará".

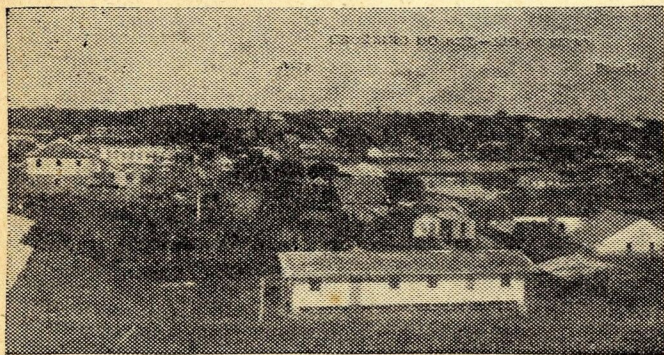
Genesio é uma organização de esthéta. Estylista, suas chronicas são primorosas joias litterarias.

Poeta, e dos mais inspirados, esplende no soneto.

Em seus versos, como em suas chronicas, retrata-se, em raro colorido, a Amazonia.

O Juruá tem nelle, pois, o seu cantor—Na impossibilidade de publicarmos produções suas e de Socrates Bomfim, que solicitaramos para o presente trabalho, esperamos transcreve-las no illustrado "Pequeno Album do Rio Juruá", a sahir no corrente anno.

São citados, aqui, apenas os juruaenses que não emigraram da Amazonia.



**Vista geral de Cruzeiro do Sul, mostrando a cidade
alta e a baixa**

BIBLIOGRAPHIA

- Chorographia do Estado do Amazonas — Agnello
Bittencourt
- Historia do Amazonas — Arthur Cesar Ferreira Reis
- Histoire du Pérou — Oliva
- Manual de Geografia y Estatistica del Perú —
1861. — D. Baldomero Menendez
- As fronteiras de Loreto — Manuel Pablo Villanueva
- Nel paese delle Amazzoni — Prof. Vincenzo Grossi
- Annaes historicos — Berredo
- Apontamenios sobre o rio Juruá — Chandless
- Mappa do rio Juruá — Bernardo Ramos
- Mappa do Amazonas — Engs. Alves Muniz e Antenor Rocha
- Mappa do Tarauacá e Juruá — Eng. Alberto Masô
- Catalogo de aves amazonicas — E. Snethlage (do
Museu Gueldi)
- Aves do rio Juruá — Von Ihering
- Dialecto dos Catuquinas — Von Martius
- Boletim do Posto Meteorologico de João Pessôa (rio
Juruá)
- A Selva — Ferreira de Castro
- Ra-txa-hu-niku-i — Capistrano de Abreu
- Padre Constantino Tastevin**
- La Géographie de Haut-Tarauacá; — La géographie

(suite et fin); — Le Riozinho da Liberdade;—Estudo sobre Nogueira; — Grammatica do Tupy;—Nogueira e seus indios.

○ Acre — General Dr. Thaumaturgo de Azevedo
Rio Purús — Agnello Bittencourt

Relatorio de Tenreiro Aranha; — Roteiro do explorador Salgado (1852); — Vol. 1, n. 4; — Vol. 2, n.º 8. — **Archivo do Amazonas.**

Contribuição para o estudo do saneamento do Juruá
— Dr. Abel Pinheiro

As heveas ou seringueiras — J. Barbosa Rodrigues
Climatologia medica do Estado do Amazonas — Dr. Lopes de Campos

Pelo Rio-Mar — Obra das Missões Salesianas

Relatorio da Prefeitura de Carauary (1929)

Dados referentes á climatologia do Brasil — Henrique Morize

Relatorio — Eng. Alberto Masô

Territorio do Acre — Eng. Alberto Masô

○ Acre — Alberto Moreira

A rehabilitação do Acre — João da Selva

Distribuição das tribus indígenas por occasião do descobrimento do Brasil — Affonso E. de Freitas

Os naturalistas viajantes do sec. 18 e 19 e o progresso da etnographia indigena do Brasil — Theodoro Sampaio

Os indigenas lo nordeste — Estevam Pinto

A' margem da Historia — Euclydes da Cunha

○ inferno verde — Alberto Rangel

Anthropogeographia da Amazonia — Araujo Lima

A borracha como producto mundial — William Ivins

Grammatica la lingua geral — Pedro Luis Sympson

Diccionario Topographico Historico, Descritivo da Co-

- marca do Alto Amazonas — 1852 — Araujo e Amazonas
- Cidade de Manáos — Bertino de Miranda
- O fim da epopéa — Craveiro Costa
- O Estado do Amazonas — Album comm. de 1899
- A depressão amazonica e seus historiadores — Santa Rosa
- Noticias geographicas da capitania do rio Negro — Conego Fernandes de Souza
- O direito do Amazonas ao Acre Septentrional — Ruy Barbosa
- The New Brazil — Marie Robinson Wright
- O Amazonas — Lopes Gonçalves
- O Tratado de Tordezilhas — Clovis Bevilacqua
- Album do Amazonas de 1901—1902
- O Valle do Amazonas (1866) — Tavares Bastos
- As regiões amazonicas — Barão de Marajó
- Viagem ao redor do Brasil — João Severiano da Fonseca
- Geographia (1936) — Aroldo Azevedo
- Memoria da commissão mixta brasileiro-peruana — General Bellarmino de Mendonça
- Mappa do Baixo Juruá e o Mappa do Alto Juruá—Hiliges
- O Mappa do Juruá-Mirim, Mappa de Ihering (rio Juruá)
- Mappa do Juruá entre o Ipixuma e o Môa

Relações de pessoas, antigas habitantes, ou profundas conhecedoras da região, consultadas pelo Autor em sua excursão:—

Commandantes e praticos da navegação amazonica:

—Manuel Gonçalves Machado (Machadão)—Mais
de 30 annos de tirocinio

João Vianna Captivo

Raymundo Canuto dos Reis

Francisco Gonçalves

Samuel Pampolha de Mattos

Seringalistas — João Onofre Filho

Coronel Barroso

Raymundo Quirino Nobre

Francisco Ignacio de Aguiar

Lindolpho Onofre de Andrade

Alfredo Salles

Pharmaceutico chimico — José Barroso

Commerciante — Calil Alaydin

Funcionarios publicos — João Onofre Netto

A. de Alencar Fialho

Octavio Roseira Mendes (da Bibl. Publica do Pará)

Interpretes de indios — Mel. Sebastião da Rocha e
José Elias

Collaborador photographico — Jayme Onofre de An-
drade.

NOTA—Consigna o Autor seu reconhecimento á captivante maneira como o receberam o culto professor Agnello Bittencourt a maior autoridade em assumptos geographicos, no Amazonas, e o dr. Arthur Reis, pontifice da historia no mesmo Estado, confiando-lhe mappas e livros esgotados, taes como as cartas de navegação de Hilliges e a tradução para o vernaculo dos «Apontamentos sobre o Jurua» de Chandless.

Ao sabio ethnographista e ornithologista dr. Carlos Estevam, director do famoso Museu Goeldi, do Pará, que lhe franqueou a bibliotheca dirigida por seu illustre auxiliar Gunnar Pira e lhe dispensou explicações aos assumptos de seu interesse, tambem aqui tributa o seu cordial agradecimento.



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

